

Slum-Upgrading um novo lugar da arquitetura



DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Sob orientação do Professor Doutor José Fernando Gonçalves

Miriam Queiroz

Julho 2016

Slum-Upgrading um novo lugar da arquitetura

Nota à edição:

A presente dissertação segue o novo Acordo Ortográfico por decisão da autora.

A norma das referências bibliográficas é a *Norma Portuguesa 405*.

Aos pais e à irmã que estiveram sempre presentes durante esta jornada incansável.

Ao João por tudo.

À família por ser a base da vida.

Ao Professor José Fernando Gonçalves pela dedicação e entusiasmo.

Aos amigos por serem os pilares durante todo o percurso académico.

Aos professores por serem os mestres na formação do nosso ADN de arquiteto.

À Jen, Marie e Camille, pelo companheirismo. Sem elas *a viagem* não teria sido possível.

Ao Anderson Lima, amigo e guia turístico do Complexo do Alemão, que me ensinou a olhar, ouvir e a sentir a favela.

RESUMO

A expansão da pobreza no mundo tem vindo a ser cada vez maior e, como consequência, os assentamentos humanos informais têm vindo a aumentar. A sua manifestação em forma de *slum* captou a atenção da Arquitetura, originando assim um novo tema de estudo e trabalho – *Slum-Upgrading*.

A fim de aprender a intervir em ambientes desta natureza, foi realizada uma análise através do método documental, de campo e técnico. Tendo por base uma recolha bibliográfica incidente em projetos da América Latina, uma viagem ao Rio de Janeiro e um estágio voluntariado, foram selecionadas sete favelas desta cidade com o propósito de analisar diferentes tipos de projetos, de forma a perceber a sua estratégia de intervenção e qual o seu impacto na vida dos moradores.

Após uma análise profunda, foram encontradas particularidades relevantes, que se confrontam com as soluções convencionais dos arquitetos em abordar os problemas, e que definem o fracasso ou o sucesso dos projetos em temas como habitação, espaço de utilização pública, mobilidade e pro bono.

Palavras-Chave: Pobreza, Arquitetura, Slum-Upgrading, Rio de Janeiro

ABSTRACT

The world's poverty has been expanding and as consequence the informal human settlements have been increasing as well. Their rising in form of slums has been attracting Architecture, this way generating a brand new field – Slum Upgrading.

In order to learn how to intervene in such environments, an analysis has been carried out, following the documentary, field and technical approaches. Based on a bibliographic research on projects held on Latin America, a journey to Rio de Janeiro and a volunteered internship, seven city slums were selected with the goal of analyzing different types of projects, so that their architectural intervention strategy and impact on the lives of their residents could be grasped.

After a deep analysis some relevant peculiarities were found, that challenge the conventional solutions used by the architects nowadays when addressing problems and are able to define the success criteria of the projects in areas such housing, public space, mobility or pro bono.

Keywords: Poverty, Architecture, Slum-Upgrading, Rio de Janeiro

SUMÁRIO

15	Notas Iniciais
17	Introdução
23	Estado da Arte
	Habitação
	Espaços de utilização pública
	Mobilidade
	Pro Bono
	Extensão
45	Diário de Bordo
	Viagem ao Rio de Janeiro, Brasil
149	Qual o papel do arquiteto(?)
169	Conclusão
177	Fontes
	Bibliografia
	Origem das Imagens
199	Anexo
	À conversa com o arquiteto Jorge Mario Jauregui
	Entrevista ao Diretor da NGO Teto, Rio de Janeiro

ACRÓNIMOS

FAUP Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

FMI Fundo Monetário Internacional

NGO Non-Governmental Organization

PAC Programa de Aceleração do Crescimento

PDU Plano de Desenvolvimento Urbano

PNE Portadores de Necessidades Especiais

UPP Unidade Policial Pacificadora



1. Turma 2011, dARQ, Coimbra, Abril 2014

¹ Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Durante esta expedição de cinco anos, o dARQ¹ exige muito dos seus alunos mas essa mesma exigência é-lhes devolvida em conhecimento, perseverança e carácter, que são as ferramentas essenciais para sobreviver e vingar no mundo profissional. Durante este tempo o ADN de futuros arquitetos vai-se formando. Cada um desenha o seu próprio caminho que se vai cruzando ou afastando do caminho dos outros, mas no final todos têm o mesmo objetivo, encontrar um rumo para a vida dentro ou fora destas paredes que os acolheram e viram crescer.

Entende-se este trabalho final como o reflexo do que cada um se tornou e para onde quer seguir. Este é o meu - acredito que há um novo lugar da Arquitetura e é para lá que pretendo caminhar.

INTRODUÇÃO

² ROUSSEAU, Jean-Jacques, Lettre à Christophe de Beaumont, in *Collection complète des oeuvres*, Genève, 1780-1789, vol. 6, edição online www.rousseauonline.ch, 7 Outubro 2012. [consult. Nov. 2015]

³ LUSA, Riqueza de 1% da população superou a dos restantes 99% em 2015 in *Jornal Público*. public. 18-01-2016. [consult. 18-01-2016]

⁴ *ibidem*

⁵ DAVIS, Mike, *Planet of Slums*, p. 34

⁶ ARANTES, Pedro Fiori, Opúsculo II [Pequenas Construções Literárias sobre a Arquitectura]: O lugar da arquitectura num «Planeta de Favelas», p.4

A teoria do bom selvagem de Rousseau é uma premissa obscuramente poética – *l’homme naît bon, c’est la société qui le corrompt*.² Se por um lado o Homem nasce livre de impurezas, por outro, o processo civilizador corrompe-o. E esse processo está a funcionar de uma forma implacável já que a *Riqueza de 1% da população superou a dos restantes 99% em 2015*.³ É certo que o mundo não tomba por não sermos todos iguais mas deverá essa desigualdade chegar ao absurdo de que, atualmente, *62 pessoas possuem tanto capital como a metade mais pobre da população mundial*,⁴ e que há cinco anos atrás eram precisas 388 para igualarem essa metade? Conclui-se portanto que essas 62 pessoas foram os melhores alunos desse processo civilizador em que estamos inseridos.

Estamos assim perante um processo civilizador egoísta e desequilibrado cujo seu reflexo são os *slums onde vive pelo menos um terço da população urbana global*.⁵ Estes assentamentos humanos informais, que não se estabelecem segundo a “forma-cidade”, são os lugares onde a população mais pobre do planeta se encontra. Esses lugares que, muitas vezes, nem sequer são representados nos mapas, são *ocupações onde as taxas de saneamento e drenagem tendem a zero, e o abastecimento de água e luz, quando existe, é precário e irregular*. (...) *Essa população, que vive no limite mais cru da sobrevivência*,⁶ tem vindo a aumentar descontroladamente, e a tomar formas das mais inimagináveis possíveis. Um dos exemplos



2. Cidade dos Mortos, Cairo, Egíto



3. Cenotáfios são usados para secar a roupa, Cidade dos Mortos, Cairo, Egíto

mais incomuns desses assentamentos é a Cidade do Mortos, no Cairo, Egito, onde 1 milhão de pobres usam sepulturas como módulos habitacionais pré-fabricados.⁷ O local onde outrora foram sepultados os mortos é agora local de sepultura dos vivos, ao adaptarem os túmulos com criatividade para atender às necessidades.⁸ Mais do que adaptarem modelos pouco ortodoxos para usarem como casa, existem pessoas a viver com *menos que o custo da nutrição mínima necessária por dia*⁹, e ao aceitarmos que tal aconteça estamos a contribuir para que esta desigualdade seja cada vez maior. *No society can surely be flourishing and happy, of which the far greater part of the members are poor and miserable.*¹⁰ É impreterível restabelecer a humanidade que temos vindo a perder, e canalizar a nossa energia e conhecimento para causas nobres como esta. Somos mais do que seres feitos de carne e osso. Dentro de cada um de nós há razão mas também emoção. Não somos máquinas e por isso não podemos nem devemos agir como tal. Este trabalho *pro bono*¹¹ é a minha motivação e o meu foco pois acredito que ele é a chave.

A Arquitetura encontrou assim um novo lugar para atuar. *Slum-Upgrading* é um tema que já lhe corre nas veias e que contagiou milhares pelo mundo. Apesar de a Arquitetura ser apenas uma “fatia do bolo” para ajudar no domínio do crescimento agressivo dos *slums*, a sua transferência é essencial.

O principal objetivo deste trabalho é aprender a intervir em ambientes desta natureza, com um código genético tão forte. A fim de perceber como atuar foram necessárias três variáveis para formular a equação: a viagem, a língua, o mentor. A viagem, já que era imprescindível o contato direto com sítio para o entender; a língua, de preferência portuguesa, para que não existissem barreiras, equívocos ou intermediários entre o viajante e as suas descobertas; e o mentor, que seria o amigo e conselheiro desta odisseia. Posto isto, a equação estava traçada.

Em Outubro de 2015, o arquiteto Jorge Mario Jauregui chega ao dARQ para uma conferência sobre o seu trabalho de *Slum-Upgrading* na cidade do Rio de Janeiro. No seu contagiante trabalho estavam reunidas as exigências da equação pretendida. O resultado foi uma viagem à cidade do Rio de Janeiro, Brasil, tendo como foco o caso de estudo Complexo do Alemão, que conta com várias intervenções do arquiteto Jauregui, e um estágio voluntariado no seu *atelier*. O tempo estimado da viagem

⁷ DAVIS, Mike, Planet of Slums, p. 43

⁸ *ibidem*

⁹ *idem*, p. 35

¹⁰ SMITH, Adam, An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations, 1776, vol. 1, cap. 8 Of the Wages of Labour

¹¹ Pro bono é a forma reduzida da locução latina pro bono público, que significa “pelo bem público” ou “em benefício do público”.

seria de seis semanas e o plano passaria por trabalhar exclusivamente no caso de estudo.

¹² Arquiteto Jorge Mario Jauregui

O propósito da viagem foi surpreendido logo no primeiro dia de estágio. A responsabilidade foi atribuída ao poder político brasileiro que *está de olhos postos nas Olimpíadas de 2016 e consequentemente de costas voltadas aos muitos projetos de Slum-Upgrading do Rio*.¹² Com a obra parada no Complexo do Alemão não era possível trabalhar no caso de estudo em tempo real. Para além disso, a visita *in loco* por iniciativa própria era impensável, devido aos perigos iminentes, e o tempo de espera por um contacto local acabou por ser metade do tempo estimado da viagem.

Durante esse compasso de espera e com o propósito da viagem a ser cada vez mais difícil de concretizar, tendo como base o processo de investigação de recolha bibliográfica e sua leitura, preparado antes da viagem, que incidia em casos de estudo da América Latina, e a partir de uma seleção rigorosa de projetos de *Slum-Upgrading* executados ou não pelo arquiteto Jauregui, foram realizadas visitas a sete favelas da cidade, a fim de perceber o impacto desses projetos na vida das pessoas. Para além do método documental e de campo, o uso do método técnico em entrevistas, bem como um voluntariado numa *Non-Governmental Organization* (NGO) e a presença em várias conferências foram imprescindíveis para o enriquecimento deste trabalho.

A estrutura deste trabalho é definida pela Introdução, o Estado da Arte, de seguida é fortemente marcada pelo capítulo do Diário de Bordo, uma vez que é nele que todas as descobertas da viagem são narradas. O capítulo seguinte, Qual o papel do arquiteto(?) é então a consequência do anterior, onde são feitas as reflexões pós-viagem e onde se procura entender qual o papel dos arquitetos neste tema. Por fim, segue-se a Conclusão e o Anexo que contém duas entrevistas, uma com o arquiteto Jorge Mario Jauregui e outra com o Diretor da NGO Teto do Rio de Janeiro.

Embora o objetivo inicial não tenha sido concretizado, a perseverança, entusiasmo e motivação estiveram sempre presentes, anulando assim o efeito borboleta que o contratempo inicial poderia ter criado, levando a um novo e, sem dúvida, excitante propósito da viagem.

ESTADO DA ARTE

*The human being is the connecting creature who must always separate and cannot connect without separating (...) likewise the bordering creature who has no border.*¹³

¹³ TONKISS, Fran, Space, the city and social theory. Social Relations and Urban Forms, 2003, p. 30

De acordo com Georg Simmel, as pessoas dão sentido ao seu mundo, ao conectarem e separarem coisas, ao desenharem distinções e ordenarem relações, e é nestes processos que deixam a sua marca no espaço. As divisões que as pessoas criam entre lugares e coisas, transformam-se em factos objetivos que por sua vez dão origem a significados sociais e ações sociais. As divisões espaciais na cidade desta forma vieram refletir e reproduzir diferenças sociais. Tal conexão entre localizações espaciais e identidades espaciais tem sido muito clara também no desenvolvimento da política urbana. A identificação de problemas sociais na cidade tem andado de mãos dadas com a representação de espaços de problemas e de grupos problemáticos. Alguns espaços urbanos, como por exemplo cidades no interior, *ghettoes* urbanos ou bairros degradados, são frequentemente usados como sítios onde são “despejados” todos os problemas urbanos. Desta maneira, questões sobre pobreza, desemprego, degradação urbana ou crime nas cidades têm sido explicitamente categorizadas em termos de espaço e raça.



4. Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil

A expansão descontrolada da pobreza urbana, que começou por tangenciar avenidas e pontes, por vezes escondida por árvores ou muros, ganhava cada vez mais rosto. A problemática dos *slums* é uma questão que persiste há mais de um século, e a *tradicional política de remoções, ainda persistente, parece fazer cada vez menos sentido: no lugar da favela que sai, em dias forma-se outra*.¹⁴ As iniciativas para tornar invisível a pobreza tornaram-se inócuas. Hoje, a Arquitetura faz parte das inúmeras pesquisas e projetos de *Slum-Upgrading* que têm vindo a ser executados na procura de soluções que melhorem as condições de vida de quem lá habita.

¹⁴ ARANTES, Pedro Fiori, Opúsculo II [Pequenas Construções Literárias sobre a Arquitetura]: O lugar da arquitetura num «Planeta de Favelas», p.3

Tendo por base a metodologia documental incidente na América Latina, o seguinte Estado da Arte reúne uma seleção de projetos com especificidades muito particulares que serão importantes não só por, na sua maioria, terem sido alvo de visitas *in loco* como também irão orientar na análise crítica deste trabalho.

HABITAÇÃO

Para entender como funciona o trabalho de *Slum-Upgrading*, especificamente na habitação, foram selecionadas três favelas situadas no Rio de Janeiro, Brasil: Rocinha, Manguinhos e Nova Brasília. A malha destes assentamentos informais é claustrofóbica, onde a habitação sufoca o espaço público, e por isso era essencial perceber como se intervém e qual o impacto dessa mesma intervenção.

No caso da Rocinha, localizada na zona sul da cidade e tangenciada pelos bairros nobres de Gávea e São Conrado, é considerada uma das maiores favelas da cidade. Embora o número oficial seja de 70 mil habitantes¹⁵ estima-se que o valor não oficial é de 180 mil habitantes. A rua principal é a Estrada de Gávea, e é a partir dela que serviços públicos, como recolha de lixo, transitam. O que faz com que hajam depósitos de lixo a céu aberto, espalhados pela favela, que vão apodrecendo lentamente e contaminam o solo, já que as vielas sinuosas, que se desenvolvem além da rua principal, dificultam o trabalho da recolha do lixo.

¹⁵ Instituto Pereira Passos, com base em IBGE, Censo Demográfico (2010)

Embora o objetivo do projeto do *atelier* Metropolitano chefiado pelo arquiteto Jorge Mario Jauregui, seja o alargamento de uma rua para facilitar a entrada desses serviços públicos, quando se intervém numa



5, 6. Núcleo Habitacional: planta de implantação (esq.) e vista da Estrada de Gávea (dir.), Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil



7. Complexo de Mangueiras, Rio de Janeiro, Brasil

8. Núcleo Habitacional, Complexo de Mangueiras, Rio de Janeiro, Brasil

favela o projeto tem de ser feito já a pensar na recolocação de pessoas visto que, qualquer tijolo que se mova terá influência na habitação de alguém. Por isso, o projeto final passou por:

*Num entorno consolidado, um vazio urbano é utilizado para realocar habitantes deslocados pelo alargamento de uma viela, transformada agora em rua carroçável. O terreno ocupado por um estacionamento privado de ônibus é desapropriado (...) para a criação desta nova centralidade constituída por unidades habitacionais em edificações (...) O novo núcleo é estruturado mediante uma sequência de pátios, praças e espaços de convivência de diferentes dimensões, permeáveis e abertos ao entorno, permitindo diversas formas de penetração, atravessamento e permanência.*¹⁶

¹⁶ JAUREGUI, Jorge Mario, Núcleo Habitacional da Rocinha (144 unidades): Encontro de duas lógicas. [consult. 10-03-2016]

Este núcleo habitacional (2011) de cor garrida, de 144 unidades, e com a sua praça voltada para a rua principal, a Estrada da Gávea, forma um novo ponto de referência dentro da Rocinha, que não passa despercebido quer pelos pedestres que circulam pelas ruas que definem o seu perímetro, quer pelos *viewpoints* oferecidos pelas trilhas dos morros circundantes.

¹⁷ O Programa de Aceleração do Crescimento (mais conhecido como PAC), lançado em 28 de janeiro de 2007, é um programa do governo federal brasileiro que engloba um conjunto de políticas económicas, planeadas para os quatro anos seguintes, e que tem como objetivo acelerar o crescimento económico do Brasil, (...) sendo uma de suas prioridades o investimento em infraestrutura, em áreas como saneamento, habitação, transporte, energia e recursos hídricos, entre outros.

A seguinte escolha, de Manguinhos, deveu-se ao forte comprometimento do Programa de Aceleração do Crescimento¹⁷ (PAC) em transformar a realidade do lugar. Localizada na zona norte do Rio de Janeiro, nas margens da Baía de Guanabara, que ao longo do século XX foi sendo ocupada por moradias populares, a própria denominação desta área aponta para uma das suas características topográficas. Descrita como área de manguezal, quase extinta devido aos intensos aterramentos de lixo, ao longo do século, provenientes da cidade ou material de obras de urbanização, hoje, denominada por Complexo de Manguinhos, a área conta com onze favelas e cerca de 50 mil moradores.¹⁸

¹⁸ Instituto Pereira Passos, com base em IBGE, Censo Demográfico (2010)

O PAC, em parceria com o atelier Metropolitano, transformou a região, através de obras de infraestrutura e saneamento básico, construção de equipamentos públicos voltados para educação, desporto e lazer, e criação de novas áreas residenciais. *Mais do que transformação física, esta transformação urbana representa “um novo patamar de cidadania e desenvolvimento”.*¹⁹ Em Manguinhos, foi feita uma intervenção radical numa das favelas do complexo. A eliminação total dos “barracos” de uma área de 33 000 m² dá lugar a um núcleo habitacional (2009), zonas desportivas, pista de *skate*, estacionamento e parque infantil. Nas palavras do arquiteto Jauregui, *o Complexo de Manguinhos está a caminho de se transformar*

¹⁹ JAUREGUI, Jorge Mario, Broken City: Manguinhos Complex (Territorial Scale). [consult. 16-02-2016]



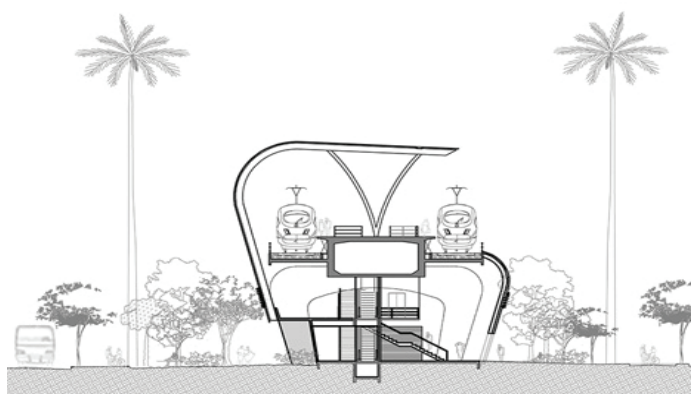
9. Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil



10. Núcleo Habitacional, Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil



11. Rambla, Complexo de Mangunhos, Rio de Janeiro, Brasil



12. Corte: rambla, Complexo de Mangunhos, Rio de Janeiro, Brasil

²⁰ *ibidem*

*em cidade formal.*²⁰

²¹ JAUREGUI, Jorge Mario, Plano de Desenvolvimento Urbanístico do Complexo do Alemão, p. 17

²² Instituto Pereira Passos, com base em IBGE, Censo Demográfico (2010)

Por último, a escolha de Nova Brasília, situada no Complexo do Alemão, a norte do Rio de Janeiro, deve-se ao facto de o complexo ser considerado um dos maiores da cidade e, por isso, era essencial perceber como se atua num ambiente tão denso. Embora os limites do Complexo não sejam fidedignos, já que os limites definidos pelas comunidades diferenciam-se dos limites da Administração Regional,²¹ este é constituído por treze favelas: Fazenda das Palmeiras, Itararé, Joaquim Queiroz, Morro do Alemão, Morro da Baiana, Morro da Esperança, Morro dos Mineiros, Nova Brasília, Parque Alvorada/Cruzeiro, Relicário, Reservatório de Ramos, Vila Matinha e Morro do Adeus. Não só os limites do Complexo não estão em consenso, como um outro factor, a população, de aproximadamente 70 mil habitantes,²² está contra o valor não real estimado de 200 mil habitantes. As comunidades ocupam todo o fragmento Este da Serra da Misericórdia, sendo ladeados pelos bairros de Ramos (Norte), Bonsucesso (Este) e Inhaúma (Sul).

O núcleo habitacional de Nova Brasília (2011), para a recolocação de moradores, faz parte da estratégia geral do Complexo do Alemão. As unidades habitacionais construídas para a recolocação de moradores foram criadas em função da densidade e das características topográficas do lugar.

ESPAÇOS DE UTILIZAÇÃO PÚBLICA

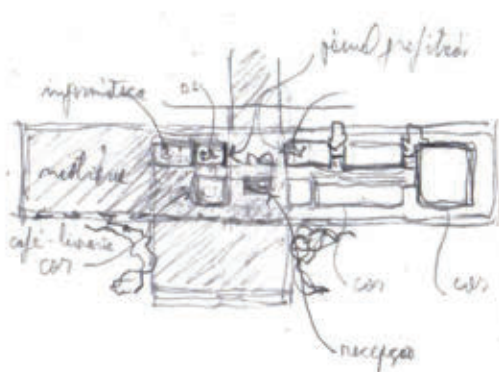
No seguimento das visitas ao Complexo de Manguinhos e Alemão, a fim de perceber como se trabalha o escasso espaço público e qual o seu impacto nas comunidades, foram selecionados três projetos.

²³ Rambla é tipo de rua larga e com grande movimentação de pedestres típica da Espanha.

Dando ainda continuidade ao projeto do PAC, no Complexo de Manguinhos, a escolha do projeto de uma rambla²³ desenhado pelo arquiteto Jauregui é pertinente. A elevação da linha férrea chega para promover a integração das comunidades até então divididas pela passagem dos comboios. A elevação do trecho de 2km da linha férrea, além de promover a união entre as comunidades, dá lugar a um novo espaço público sob os grandes portais do viaduto – o parque linear Leopoldo Bulhões. A linha férrea ao ser elevada, disponibiliza um vazio com cerca de 35 000 m² que traz serviços, comércio, conforto e segurança para a



13. Biblioteca antes (cima) e depois (baixo), Complexo de Manginhos, Rio de Janeiro, Brasil



14. Esquisso: biblioteca, Complexo de Manginhos, Rio de Janeiro, Brasil



15. Praça do Conhecimento (Praça do Terço), Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil

circulação dos moradores, valorizando assim a região e criando novas oportunidades de convivência.

Ainda no Complexo de Manguinhos, o projeto de uma biblioteca (2010) é considerado pertinente, visto que valoriza o patrimônio, através da recuperação de instalações abandonadas, evitando assim que a política de remoção de habitações para a implementação de novos equipamentos seja praticada. No lugar do velho nasce o novo, ao manterem-se os alicerces da velha carcaça das instalações militares para dar agora lugar a uma biblioteca. Esta, tornou-se num espaço dinâmico e frequentado, assiduamente, pelos mais novos já que oferece à comunidade salas de leitura, espaços para reuniões, espaços infantis, jardins de leitura e catálogos bibliográficos *online*.

Na mesma lógica, segue-se a escolha da Praça do Conhecimento (2010), em Nova Brasília, no Complexo do Alemão. A Prefeitura do Rio de Janeiro deu início a um programa chamado Naves do Conhecimento, que passa por implementar edifícios de função pública em favelas. Estes edifícios, denominados de Naves, estão preparados com equipamentos de alta tecnologia e estão à disposição da comunidade, com ações específicas para os jovens que pretendam tirar cursos que abrangem conteúdos nas áreas de tecnologia da informação, produção gráfica, *web design*, computação gráfica, produção de vídeo e fotografia, robótica, entre outros. A finalidade deste programa é de *funcionar como um polo de inclusão digital, permitindo acesso à internet, ferramentas de ensino, e programas de uso pessoal, criando um núcleo de difusão e criação artística, cultural e social para os moradores locais*.²⁴

²⁴ PREFEITURA, Rio de Janeiro, Catálogo Praça do Conhecimento

O ponto pertinente para a escolha deste projeto foi devido ao seu local de implantação. A Praça do Terço, em Nova Brasília, uma das favelas mais “urbanizadas” do Complexo do Alemão, onde pessoas com mais de dois e três salários vivem. A praça era um lugar onde lixo e traficantes coexistiam. Um vazio onde ninguém vivia mas por onde muitos se viam obrigados a cruzar para chegarem às suas casas. A “limpeza” daquele local para a construção da Nave foi uma mais-valia para a comunidade, que viu a memória daquele sítio desaparecer ao se erguer o novo espaço onde se constroem futuros.

A escolha destes três projetos é essencial pois trata três problemáticas muito distintas no espaço público: a elevação de uma infraes-

trutura para reunir comunidades, a ocupação de uma pré-existência e a transformação de um local conferindo-lhe uma nova memória.

MOBILIDADE

Um último projeto selecionado, ainda no Complexo do Alemão, que aborda a problemática da mobilidade, o teleférico (2011). Circundando a Serra da Misericórdia, existem duas vias importantes da cidade, a Avenida Itaóca e a Estrada do Itararé, que são eixos estruturadores da região e que interligam vários bairros vizinhos e possibilitam o acesso a vias estruturais da cidade, como a Linha Amarela e a Rua Uranos, sendo a partir delas possível aceder à maior parte das comunidades que constituem o Complexo.

Em 2004, o mundo “estava de olhos postos” no Metro Cable de Medellín, Colômbia, inclusive o Prefeito que após a sua visita ao local, regressou ao Rio de Janeiro, com a ideia de implementar um teleférico numa das favelas da cidade.

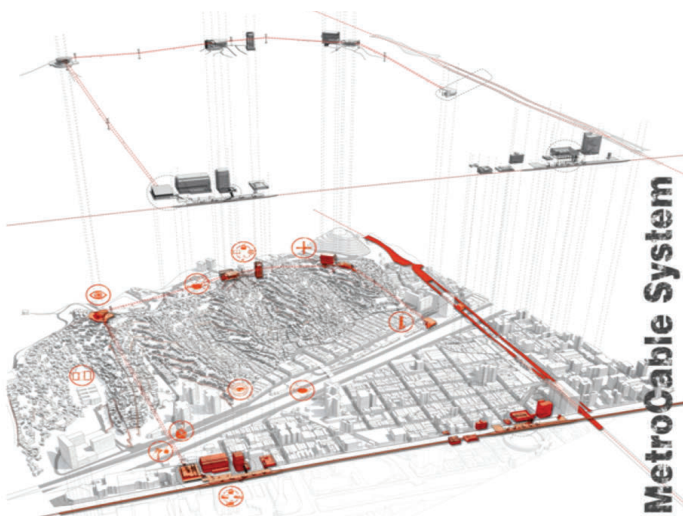
Em conversações com o arquiteto Jorge Jauregui, a melhor escolha seria o Complexo do Alemão, já que este era um dos complexos mais numerosos e densos da cidade.

*Con 6 estaciones construidas, el sistema cuenta con 152 góndolas, con capacidad para 8 pasajeros sentados y 2 en pié, que se desplazan a 18km/h en un intervalo de 12 segundos entre sí. El sistema actualmente atiende a 15.000 habitantes y turistas que utilizan este transporte diariamente, teniendo capacidad para duplicar la demanda.*²⁵

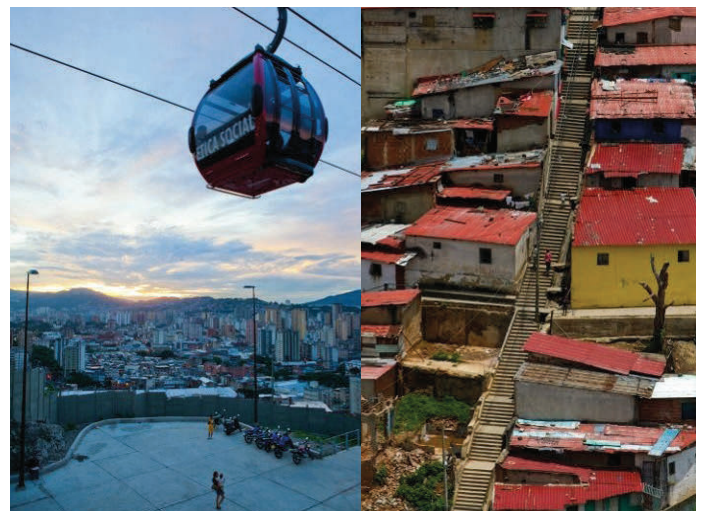
²⁵ JAUREGUI, Jorge Mario, Teleférico: Complexo do Alemão. [consult. Nov. 2015]

Foram definidos pontos estratégicos, os morros, para a construção das estações. A topografia do Complexo apresenta alturas máximas de 150m, no Morro do Alemão, em encostas com declives que variam entre 30 e 90 graus. A linha aérea do teleférico teria no total uma distância de 3,5 km. Cada uma das seis estações construídas, Bonsucesso, Adeus, Baiana, Alemão, Itararé e Palmeiras, teria três andares, com um *hall* e salas para serviços públicos (bancos, correios, biblioteca e serviço social) localizadas no piso térreo, salas de apoio técnico no primeiro piso, e plataformas de entrada e saída de passageiros no piso superior.

O objetivo deste projeto não era apenas o de melhorar a mobilidade dos moradores do Complexo do Alemão mas também o de alterar



20. Esquema: Metro Cable, San Agustín, Caracas, Venezuela



21. Metro Cable, San Agustín, Caracas, Venezuela

a conectividade do sítio aos olhos da cidade formal.

El sistema teleférico puede ser considerado un “equipamiento de prestigio”, considerando el monto de la inversión (100.000.000 de reales), la eficiencia de operación y la presencia urbanístico-paisajística. El teleférico ayudó a modificar completamente el imaginario negativo que rodeaba el Complejo do Alemão, transformando un agrupamiento de favelas de la zona Norte de Rio (la mas carente de inversiones significativas), de lugar de exclusión a un lugar de visitación, contribuyendo a generar trabajo y renta para sus habitantes, debido a la afluencia de visitantes.²⁶

²⁶ *ibidem*

A fim de perceber o impacto de um teleférico num complexo de favelas, um outro caso de estudo foi selecionado, o Metro Cable (2010) de San Agustin, Caracas, Venezuela, desenhado pelo *atelier* Urban Think Tank. Embora o tema abordado fosse também a mobilidade, uma pequena diferença os distinguia, já que o objetivo era o de acabar com as horas de subida e descida de longas escadarias que percorrem San Agustin, e que movimentam diariamente cerca de 40 mil residentes. O Complexo do Alemão apesar de ter escadas até ao cimo dos morros, tem também ruas que os sobem, ainda que sinuosas, sempre com largura para pelo menos um veículo transitar.

Para o Metro Cable foi desenhado um percurso aéreo que não só liga a favela entre si com também a liga com a cidade formal, à semelhança do teleférico do Complexo do Alemão, daí a escolha destes dois projetos ser pertinente pois aborda pontos comuns e divergentes.

The system has proven to be extremely popular and affordable, moving up to 1,200 people per hour... the project has had a clear catalytic impact in local communities, and continues to run smoothly, serving as a model for future upgrading projects around the region.²⁷

²⁷ TANK, Urban Think, memória descritiva Metro Cable. [consult. Nov. 2015]

PRO BONO

Um outro ponto importante a abordar neste trabalho é a participação da comunidade em projetos *pro bono*. A escolha dos dois projetos que se seguem é essencial visto que num aborda-se uma ideia que partiu e foi desenvolvida pela comunidade tendo, à *posteriori*, as entidades profissionais o papel de expansão do projeto, e no outro um projeto que surgiu pelas exigências da comunidade mas que foi produzido pela mão de profissionais.



22. Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil



23, 24. Parque Ecológico antes (esq.) e atualmente (dir.), Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil

O primeiro projeto localiza-se na favela do Morro do Vidigal. A favela situada na zona sul do Rio de Janeiro é cercada pelos bairros nobres Leblon e São Conrado, e pelo Morro do Dois Irmãos, e estima-se que a sua população seja de, aproximadamente, 13 mil habitantes.²⁸ À semelhança da maioria dos assentamentos informais do Rio de Janeiro, a ausência de espaços públicos, nomeadamente espaços verdes, e a transformação desses escassos espaços em lixeiras é um denominador comum nas favelas da cidade. Durante vinte anos, o Vidigal acumulou um total de dezasseis toneladas de lixo, incluindo eletrodomésticos, vigas de metal e um cemitério de animais e pneus.

²⁸ Instituto Pereira Passos, com base em IBGE, Censo Demográfico (2010)

Em 2006, Mauro Quintanilha e Paulo César de Almeida, dois moradores do Vidigal, começaram a limpar a área, e com o apoio de outros moradores, removeram o lixo durante um período de seis anos. Percebendo que a única maneira de preservar aquele espaço era cultivando-o, iniciaram um processo de reflorestação, e começaram a praticar agricultura urbana, levando aquele lugar a ser reconhecido com primeira agro-floresta²⁹ do Rio de Janeiro, em 2012. A partir da orientação de Mauro, a comunidade não só conseguiu transformar o lugar mas também se auto transformou, mudando a sua forma de pensar e de cuidar.

²⁹ Uma agro-floresta reúne as culturas agrícolas com as culturas florestais.

Mais tarde, em 2012 durante a Rio+20, uma Conferencia das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, Mauro e Paulo conheceram Pedro Henrique de Cristo, formado em Harvard e futuro fundador do *atelier +D*, e a sua esposa, Caroline Shannon de Cristo, que viram o potencial do projeto. A integração do conhecimento dos fundadores e da comunidade aliada à experiência profissional e académica de Pedro e Caroline, levou o projeto a uma nova escala, crescendo de uma área de 1500m² (2013) para o seu tamanho atual de 8500m² (2016), ampliando também as suas atividades nas áreas de educação, *design*, agricultura, reflorestação, artes, cultura, tecnologia e empreendedorismo.

O projeto seguinte é abordado de uma outra forma. A Fábrica de Cultura do Grotão (2014), Paraisópolis, São Paulo, Brasil, projeto orientado pelo *atelier* Urban Think Tank, veio dar resposta a um grande vazio que ficou no coração da favela após o deslizamento de terras que destruiu inúmeras casas e que deu lugar a uma lixeira a céu aberto. Apesar de Paraisópolis ser um desafio topográfico e de sofrer, a cada intensa



25, 26. Aterro (esq.) e Fábrica de Música (dir.), Favela Grotão, Complexo de Paraisópolis, São Paulo, Brasil



27, 28. Arena do Morro: Planta de implantação (esq.) e Obra concluída (dir.), Favela Mãe Luiza, Natal, Rio Grande, Brasil

chuva de inverno, deslizamentos de terra, mais de 80 mil pessoas vivem naquele território denso e informal. A Fábrica de Cultura é a resposta ao pedido da comunidade. Uma infraestrutura social potenciadora de novas oportunidades e serviços, e também uma poderosa catalisadora para o futuro desenvolvimento urbano. A fábrica possui espaços dinâmicos para a prática de dança, música e teatro, e também combate os deslizamentos de terra. No exterior, surge um conjunto de socalcos com tripla função, para além de controlar a pendente do sítio, estabelece ligações a diferentes cotas, e nesses mesmos socalcos foram programadas hortas urbanas para apoiar a comunidade.

*(...) transform Grotão into a natural arena, encouraging diverse community participation, and re-establishing connections through the site to the wider neighborhood. In this way, the project will expand cultural programs into the community, while forming a new network that serves youth from all levels of society.*³⁰

³⁰ TANK, Urban Think, memória descritiva Fábrica de Cultura: Grotão. [consult. Nov. 2015]

Dando continuidade às exigências de comunidade são agora apresentados dois projetos que embora não tenham programas tão complexos são pensados a partir do lugar, e dos materiais e técnicas de construção locais.

O primeiro projeto, a Arena do Morro, situado na favela Mãe Luiza, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, está localizada entre a reserva natural do Parque das Dunas e a zona costeira comercialmente mais desenvolvida. O estudo urbano do *atelier* Herzog & De Meuron identificou atividades pouco desenvolvidas ou não existentes no bairro. O projeto é um ginásio, que contém um recinto polidesportivo com bancadas com capacidade para cerca de 420 pessoas, salas multiuso para dança e educação, um terraço com vista para o mar, assim como vestiários e balneários. A pré-existência do antigo ginásio, um recinto de cimento envolvido por pilares e treliças, sem cobertura ou paredes, é o ponto de partida para o projeto. A geometria dessa estrutura é estendida ao longo de toda área construída, concebendo uma longa cobertura, onde a forma é definida pelos limites do sítio. Não só a nova cobertura traz uma nova escala para a Mãe Luiza, como também estabelece uma relação com a tradição nordestina dos grandes espaços públicos cobertos, tornando-se num símbolo da comunidade. A estrutura é simples e aberta, refletindo e respondendo aos materiais e métodos de construção locais. O ginásio é um edifício permeável, naturalmente ventilado, que transforma e tra-



29, 30. Centro de Vacinação Konokono: Vista exterior (esq.) e Vista interior (dir.), Turkana, Quênia

duz o impacto do seu ambiente natural e urbano num destino público e foco para atividades desportivas, culturais e de lazer.

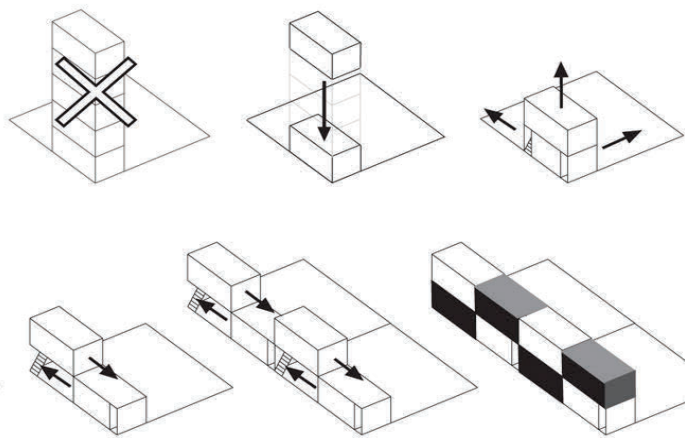
O segundo projeto, o novo Centro de Vacinação Konokono, encomendado pela NGO Comunidade Missionária de São Paulo Apóstolo, é o resultado que vem responder a uma das necessidades expressas pela comunidade, já que o seu pequeno edifício existente era insuficiente para este fim e não oferecia qualquer proteção aos raios solares na área de espera. Turkana é um condado na antiga Província do Vale do Rift do Quênia. A região extremamente seca, com apenas quatro dias de chuvas torrenciais, registadas a cada ano, é habitada por uma população maioritariamente nómada e pastoral do mesmo nome, e que vão mantendo praticamente intata a sua cultura ancestral. O projeto desenvolvido pelos alunos do MIT studio UNmaterial, sob a orientação dos SelgasCano arquitetos, tenta responder a essa premissa tendo por base os modelos construtivos ancestrais da comunidade. Para facilitar uma melhor compreensão do tema, os alunos foram encorajados a não usar o computador, ou qualquer outra técnica digital. O projeto aparece como uma *primitive architecture* integrando as formas e os métodos de arquitetura vernacular Turkana. O corpo do projeto, onde se encontra a área de vacinação, é feito em blocos de betão dispostos em ângulo captando a luz e filtrando-a para o interior do edifício. A estrutura que a cobre são chapas de metal suportadas por pilares dispostos em várias direções, e é por debaixo da mesma que é a zona de espera.

EXTENSÃO

De forma a encerrar este Estado da Arte foram selecionados dois projetos do arquiteto Alejandro Aravena, que melhor traduzem o modo de habitar nos *slums* já que o seu conceito é baseado na lenta mas existente extensão familiar.

John Turner *condenava sempre a rigidez “arquitectónica” dos conjuntos habitacionais de promoção pública, ou centralizada, que remetiam os moradores para uma extrema fase de metamorfosear os espaços, encerrados enquanto obra concluída, alheando-os dos sentidos mais íntimos de transformação e pertença.*³¹ Defendia que era possível colocar as comunidades no contexto urbano sem provocar grandes abalos na sua estrutura social e cultural. Estes dois projetos fazem jus às ideias de Turner e serão

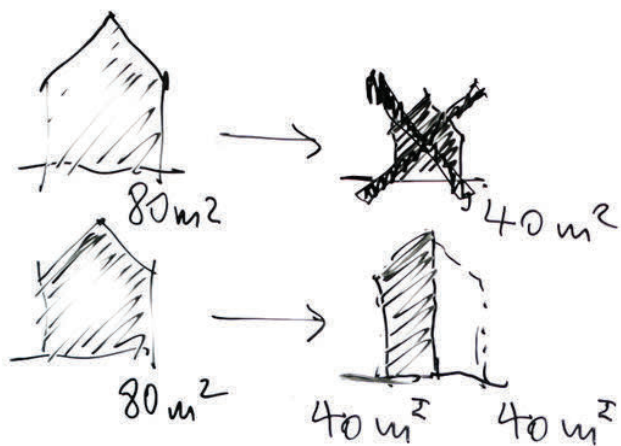
³¹ BANDEIRINHA, José António Oliveira, O processo SAAL e a arquitetura no 25 de Abril de 1974, Volume I, p. 55



31. Esquema: Quinta de Monroy



32. Quinta de Monroy, Iquique, Chile



33. Esquema: Villa Verde



34. Villa Verde, Constitución, Chile

fundamentais na análise crítica dos núcleos habitacionais, presentes nas favelas cariocas, acima referidos.

O primeiro, Quinta Monroy (2004), Iquique, Chile, que encontrou, uma forma muito astuta de responder as exigências do projeto encomendado – um baixo orçamento para um conjunto habitacional que abrigaria cerca de 100 famílias que eventualmente vão crescer e precisar de mais espaço, mas que de momento não tem orçamento para esse eventual espaço. O conceito são as *half-houses*. O projeto passa então por criar um corpo de cheios e vazios, onde os cheios são habitação e os vazios uma possível extensão para quando a família crescer e possuir mais dinheiro para construir.

O mesmo conceito é aplicado na Villa Verde (2013) Constitución, Chile. A 27 de Fevereiro de 2010, um terramoto destruiu grande parte da cidade de Constitución, a sul do Chile, e a água do mar inundou o Rio Maule, devastando tudo o que o terramoto não destruiu. As pessoas que viviam junto da ribeira perderam as suas casas e viram as suas memórias afogarem-se. O plano de reconstrução, que daria lugar a um parque fluvial, impediu assim que se povoasse novamente a zona da ribeira por questões de segurança. Após se encontrar um local para recolocar os desalojados houve um processo de reuniões e propostas em conjunto com o *atelier* Elemental. Ao fim de quatro anos, a proposta estava executada. Um bairro residencial para cerca de 484 famílias, em que cada célula habitacional de um lado era habitável e do outro o seu *mirror* estrutural vazio, expansível de acordo com as necessidades e preferências de cada família. A casa base tem no piso térreo uma cozinha com sala e uma casa de banho, e no segundo piso dois quartos. Embora os moradores tenham de seguir certas regras na expansão para não enfraquecer a estrutura, há um vasto leque de opções.

Anos após a finalização destes dois projetos, o contraste que encosta na construção primordial é único, isto porque nele está o reflexo da apropriação de cada família que foi crescendo de acordo com as suas necessidades. Embora não sejam projetos em ambientes de *slums*, são projetos destinados a uma classe que, lentamente, vai construindo o seu modo de habitar.

DIÁRIO DE BORDO

26 Fevereiro 2016

Dizem que a chegada ao Rio de Janeiro, de avião, é um momento bonito, e que de preferência se deve chegar pelo aeroporto de Santos Dumont, para que a cidade nos dê as boas vindas com as praias, o Cristo Redentor e os morros.³² A viagem até ao Brasil fintou esses primeiros momentos, pela chegada ter sido feita pelo aeroporto Internacional Tom Jobim situado na zona norte da cidade. À saída do avião o corpo sofre um choque com a temperatura quente e o ar denso. São precisos uns minutos para se recompor mas quando passam esses minutos um novo choque ao entrar no aeroporto é recebido pelo ar condicionado. No *border control* trocam-se saudações de sorriso nos lábios, totalmente opostas às dos EUA que nos cercam com perguntas intrusivas e expressões ameaçadoras. À saída, a primeira companhia de táxi que se encontra cobra uma tarifa fixa de R\$130 mas se se andar uns metros, a companhia que se segue cobrará metade.

A viagem desde o aeroporto até Copacabana, zona onde iria ficar durante seis semanas, é muito interessante. Assim que se sai do aeroporto, verde e indústria marcam o compasso da paisagem, e um trânsito caótico e ensurdecedor enchem os nossos ouvidos. Motas fintam os carros e buzina sem parar, para minimizar a probabilidade de serem

³² Morro, colina ou cerro é um acidente geográfico caracterizado por pequena elevação de terreno com declive suave.



35. Complexo da Maré, Rio de Janeiro, Brasil, Fevereiro 2016



36. Complexo do Caju, Rio de Janeiro, Brasil, Fevereiro 2016



37. Lagoa Rodrigo Freitas, Rio de Janeiro, Brasil

abalroados, já que é muito comum de acontecer. Barreiras sonoras vão acompanhando parte do caminho, e esporadicamente deixam espreitar para dentro da favela que ali se encontra. Casas, com paredes de tijolo besuntadas de cimento e onde buracos de supostas janelas se abrem, erguem-se de um chão coberto de terra e lixo. Em cada edificado, no topo, há um contentor redondo azul de água. As barreiras sonoras vão-nos cobrindo a curiosidade até ao instante em que desaparecem e ficamos lado a lado com o Complexo da Maré, onde um mar de casas rudimentares enche o nosso olhar até ao horizonte.

Mais à frente, uma imagem mais habitual vai fazendo a transição da paisagem. Uma zona urbanizada, onde prédios altos e o estádio do Maracanã nos escoltam até à entrada no Túnel André Rebouças. Um túnel escuro e longo que nos transporta para um outro Rio.

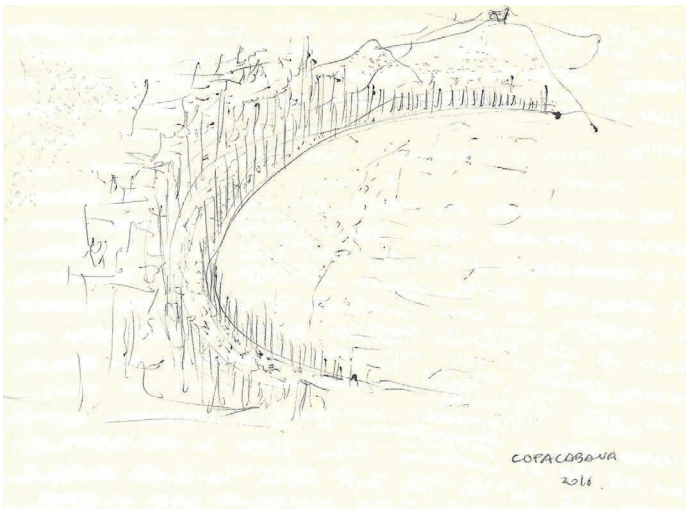
Desaguando na Lagoa de Rodrigo de Freitas, uma zona nobre da cidade, um *timing* perfeito de *bossa nova*³³ que passava no rádio, leva a relaxar e a desfrutar daquele sítio, onde tudo estava em perfeita sintonia. Edifícios altos e a Avenida Epitácio Pessoa circundam os espaços verdes e a lagoa, e lá do alto de braços abertos o Cristo Redentor. O céu está limpo, o sol e a água brilham, pessoas correm, remam ou passeiam seus cães e filhos. Tudo parece estar no seu devido lugar, até mesmo os pássaros parecem estar.

³³ Bossa Nova é um movimento da música popular brasileira do final dos anos 50.

27 Fevereiro 2016

Como seria de esperar o primeiro sítio a ir é a praia de Copacabana, que fica a dois quarteirões de casa. Na zona sul, a malha da cidade é ortogonal, portanto a probabilidade de nos perdemos é reduzida, mas ainda assim não é tão eficaz como a malha ortogonal regular de Manhattan, em Nova Iorque. Aqui, temos de decorar o nome das ruas contrariamente aos números da cidade americana, onde apenas se precisa de saber que as avenidas crescem de Sudeste para Noroeste, e que as ruas crescem de Sudoeste para Nordeste. Na rua encontra-se uma miscelânea de pessoas. É muito fácil distinguir o *gringo*³⁴ do carioca puro, já que este é o único a andar de chapéu na cabeça e a possuir uma cor avermelhada devido aos escaldões provocados pelas fortes temperaturas. A orla

³⁴ Gringo é um termo que significa estrangeiro.



38. Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil, Fevereiro 2016



39. Calçadão, Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil



40. Copacabana (vista frontal), Rio de Janeiro, Brasil

costeira de Copacabana é definida por uma frente de edifícios praticamente com a mesma cêrcea e que têm aos seus pés a Avenida Atlântica, o famoso calçadão, bordado com a típica pedra de calçada portuguesa, e a praia. O calçadão tem uma energia única. Há uma infinidade de bares com música ao vivo, que o preenche, bem como os vendedores ambulantes com suas águas de coco ou refrigerantes, espigas de milho ou tapioca, pipocas ou algodão doce, balas de banana ou picolé, biquínis ou cangas, e que estão em constante movimento prontos ou a vender a quem por ali passa ou a fugir da polícia que por ali patrulha.

Na praia, tal como no calçadão há vendedores, alguns migram de lá para cá, outros vendem apenas na praia os seus produtos particularmente curiosos que vão desde espetadas de camarão, brigadeiros, bandejas com cocktails e fruta, até ao grelhador portátil para cozinhar o chouriço e o queijo. Uma caminhada à beira mar faz acalmar o primeiro e intenso impacto com a cidade. O barulho e o cheiro do mar, bem como a paisagem do Pão de Açúcar³⁵ ao longe, suavizam o trânsito caótico e a intensa atividade do calçadão que acontecem mesmo ao lado. Na praia, facilmente se identificam os cariocas. Estes de corpos tatuados de linhas grosseiras e pele escura, castigados pelas altas temperaturas que aqui se fazem sentir, têm uma linguagem corporal muito própria e desinibida.

³⁵ Pão de Açúcar é um complexo de morros localizado no bairro da Urca e composto pelo morro do Pão de Açúcar (que dá nome ao complexo), morro da Urca e morro da Babilônia.

Ao inverter o sentido da caminhada algo de novo surge. Por detrás dos edifícios que definem a fachada principal de Copacabana, agarrada ao morro, espreita uma favela com as suas rudimentares construções. Saindo da praia, ao explorar as ruas apercebe-se de como é comum que a favela vá espreitando. Ela faz parte da cidade mas sem lhe tocar já que se encontra pregada ao morro sem pisar no chamado asfalto³⁶. No Rio de Janeiro divide-se a cidade do seguinte modo: a cidade formal chamam de asfalto, a cidade informal de favela. (...) *a favela, mais do que uma manifestação física das falhas da sociedade brasileira, pode significar também, ao menos no plano individual, uma solução ilícita.*³⁷ Estas duas realidades vivem lado a lado e parecem ignorar-se mutuamente. Quem vive e trabalha no asfalto diz que não fala ou convive com favelados. Claro que é uma ideia totalmente utópica já que a maioria das pessoas que vivem nas favelas descem ao asfalto para trabalhar. *São eles, contudo que fazem o Rio funcionar. São empregados na construção civil, nas fábricas e nos transportes. Trabalham informalmente fazendo limpezas e serviços gerais.*³⁸ Portanto, acabam sempre por se cruzar e interagir.

³⁶ Numa linguagem mais técnica asfalto é o material de que são feitas as ruas da cidade e numa linguagem popular é o nome que as pessoas que vivem na favela dão à cidade.

³⁷ PLATT, Damian; NEATE, Patrick, *A cultura é a nossa arma: Afroreggae nas favelas do Rio de Janeiro*, p. 104

³⁸ *ibidem*



41. Praia do Leblon, Rio de Janeiro, Brasil, Fevereiro 2016

28 Fevereiro 2016

Hoje, pela tarde, migra-se até à praia do Leblon. Esta deslocação desde Copacabana, do posto 6, até último posto do Leblon, o posto 12, é feita de táxi. Aqui, andar de táxi é surpreendentemente barato. A distância percorrida é de aproximadamente 5km e tem um custo de aproximadamente R\$8 (1,99€).

Os edifícios que definem a frente de mar são mais modernos do que em Copacabana e não têm o carácter de hotéis mas sim de apartamentos privados. Têm grandes janelões, terraços de onde árvores, que parecem ser palmeiras, espreitam, e muitos deles são revestidos a pedra.

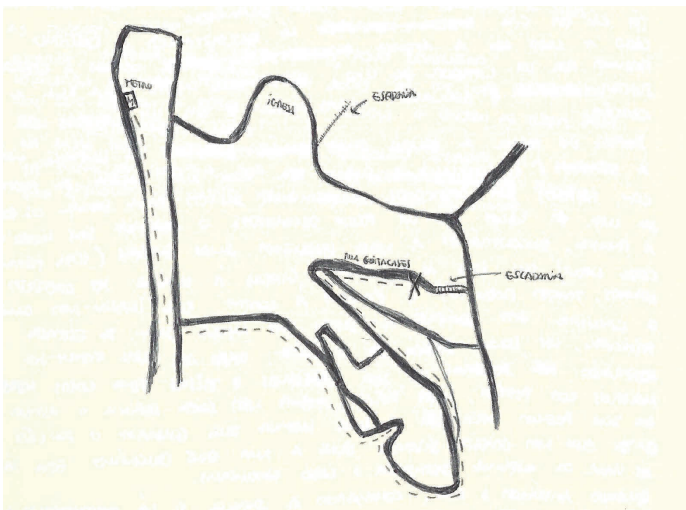
Na praia, um “Torneio das Estrelas” acontece. O convidado é o segundo melhor tenista do mundo, em *beach tennis*, que vai abrir o seu club no Leblon e está a dar um *workshop*. As pessoas são bonitas e de corpos esculturais independentemente da idade, não sendo isso exceção mas sim regra. Um jogo entre o convidado e seu colega de equipa, e outra dupla de tenistas absorve a atenção da elite e, conseqüentemente, o alerta dos vendedores ambulantes que migram para ali. Nos bidons de sumo, os vendedores trazem uma mensagem escrita: *E, se alguém me servir o Pai vai honrar, Minha educação depende da sua*. Todo este cenário acontece aos pés do Morro dos Dois Irmãos e lá longe avista-se a favela do Vidigal.

Um jantar no Pavão Azul, na rua Hilário de Gouveia, em Copacabana, fecha o dia. Neste famoso boteco³⁹, o chopinho⁴⁰, o salgado e o caldinho de feijão fazem as honras da casa. As conversas são confusas e barulhentas. A mesa do lado canta e faz um ritmo de samba com os garfos e facas que batem nos objetos sobre a mesa. Contagiam as mesas do lado, as pessoas, a rua e o outro lado da rua, também.

Somos forçados a ir embora quer pelo fecho da cozinha do restaurante, quer pelas baratas que vão aparecendo no fim de noite para limpar as ruas da cidade.

³⁹ Boteco ou botequim é um estabelecimento comercial onde se vendem bebidas e pequenos lanches.

⁴⁰ O chopinho é como se denomina, no Brasil, a cerveja com ou sem pasteurização, servida a partir de barris sob pressão. É comum o uso do diminutivo da palavra chope.



42. Mapa do percurso desde a estação de metro até ao atelier, Fevereiro 2016



43. Atelier Metropolitano, Glória, Rio de Janeiro, Brasil

29 Fevereiro 2016

Hoje é dia do reconhecimento do *atelier* Metropolitano, onde irei estagiar nas próximas seis semanas. Ao sair de casa, pela manhã, na rua Francisco Sá, vira-se à esquerda, e sobe-se. Há sempre um trabalho de gincana quando se quer caminhar na rua para evitar que os pingos das caixas do ar condicionado, que decoram as fachadas dos edifícios, caiam na cabeça. Ao cimo da rua, vira-se à direita. No final da rua, à esquerda, encontramos a entrada/saída D da estação de metro da General Osório, onde vendedores de rua montam as suas bancas, logo pela manhã, e vendem os seus produtos. Já debaixo de terra, segue-se pela linha laranja, no sentido General Osório-Uruguai, e sai-se na oitava paragem, Glória.

De volta á superfície segue-se, sempre junto à Avenida Infante D. Henrique, em direção ao Catete. Passa-se por uma escola onde crianças de uniforme brincam, e vira-se à esquerda, junto aos senhores que jogam xadrez nas mesas de rua por debaixo de árvores densas. Sobe-se por uma rua sinuosa de pedra e de passeios bem apertados onde mal há espaço para os postes de eletricidade. As casas são modestas e de cores pálidas. A meio dessa mesma rua, à nossa esquerda existem duas ruas íngremes, uma para cada lado, mas que logo são ignoradas graças à menina de cabelos loiros, traços robustos e barriga à mostra, que indica que o caminho é sempre a subir sem nunca abandonar a rua principal. Uma longa ladeira que toma vinte minutos, onde as casas modestas se foram mutando dando lugar a grandes casarões, leva a um cruzamento. Seguindo pelo lado esquerdo, descendo a Rua Goitacazes, eis que aparece o *atelier* Metropolitano, um casarão de três pisos, de paredes brancas e com as portas e janelas de cor vermelha.

A rua de pedra, silenciosa e fresca, é uma rua sem saída para os veículos mas não para os pedestres. Pelo conselho da senhora da limpeza, que está no *atelier* todas as segundas, uma escadaria irregular e íngreme faz ligação com a rua de baixo, caso o portão alto não esteja trancado, e é o caminho mais rápido até ao metro. No final das escadas, segue-se pela esquerda por uma rua larga mas deserta. Passa-se por um grande edifício espelhado, e segue-se em frente até uma igreja, acabando-se por atalhar pela longa escadaria ao lado de um elevador que estava fechado justamente por ser segunda-feira.



44. Rua Bolhões de Carvalho inundada, Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil, Fevereiro 2016

Ao fim da tarde, as chuvas tropicais do Rio enlouquecem a cidade. A chuva vem sem aviso prévio e ruas ficam alagadas com água até ao joelho, estradas intransitáveis e o asfalto a rebentar pelas costuras, bem como as suas canalizações. Chegar a casa e receber um aviso de que faltará água a partir das 22h e só voltará as 6h é natural, visto que se têm de gerir os depósitos de água da cobertura enquanto o problema não for resolvido. Na rua, vendedores aparecem gritando *guarda-chuva, guarda-chuva, R\$10, R\$10*, vestidos com capas impermeáveis ou embrulhados em sacos de plástico, e vendem os seus objetos aos mais impacientes que não querem esperar nas entradas dos edifícios públicos que a chuva acalme. Falo em esperar nas entradas dos edifícios públicos porque, na sua maioria, ao contrário dos edifícios privados, não tem um gradeamento antes da entrada. Nos edifícios privados, no asfalto, quem define a fachada da rua são os altos gradeamentos que se tornam mais arrojados da classe média para a classe alta. Mesmo os jardins e parques do asfalto têm gradeamento e a partir de certa hora fecham.

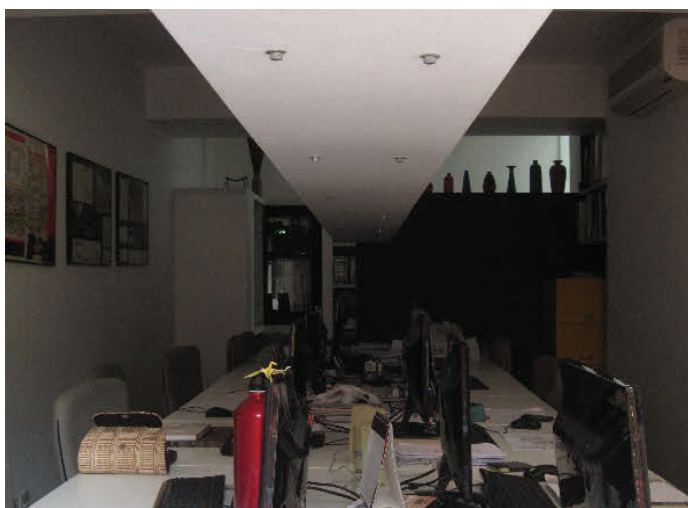
1 Março 2016

Hoje foi o primeiro dia de estágio. Seguiram-se as pegadas mentais do percurso de ontem e a chegada ao *atelier* foi às 9h50. Dez minutos depois, às dez em ponto, um carro cinzento chega e estaciona. Do seu interior sai um homem de estatura mediana, magro e com bigode. Era o arquiteto Jorge Mario Jauregui. Saudou-me com dois beijos, um em cada face.

A entrada do *atelier* é feita pela porta vermelha da direita. Um pequeno degrau leva-nos para um curto corredor que se abre para o lado esquerdo, para uma sala com um pilar no meio. As paredes brancas têm fotografias de projetos ou desenhos do arquiteto, e ao centro, junto do pilar, empilhadas, estão três caixas de madeira. Um degrau, que cobre todo o lado direito da sala, leva-nos à cozinha dividida por uma mesa longa branca e pela bancada de cozinha onde o café é preparado todas as manhãs. Seguimos para o primeiro andar pelas escadas que estão de frente para a porta de entrada, e que viram à esquerda nos últimos sete degraus. Um curto corredor se desenvolve para ambos os lados. Do lado direito temos uma sala de dimensões reduzidas para funções de admi-



45, 46. Atelier Metropolitano (piso térreo), Glória, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



47, 48. Atelier Metropolitano (piso 01), Glória, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

nistração, e uma outra sala, de reuniões, de planta quadrangular e com uma mesa ao centro vincando esse espaço. Do lado esquerdo, os quartos de banho, a sala do arquiteto Jauregui e a sala de produção. A sala do arquiteto Jauregui tem uma estante que ocupa uma parede inteira e tem mais de uma centena de livros. Agarrada a essa mesma estante há uma mesa coberta de objetos que quase tapam a sua cor branca. A sala é rematada com uma saliência onde pousam três janelas. Por último, a sala de produção. Uma sala de planta retangular, com uma mesa longa e doze computadores, seis de cada lado, com apenas uma janela que dá acesso a uma estreita varanda vermelha. As paredes são brancas e nelas estão pendurados os trabalhos produzidos pelo *atelier*. Do interior da sala de produção há uma janela que deixa ver a sala do arquiteto, se ele assim o permitir. Hoje, contando comigo, estão quatro pessoas, uma francesa, Marie, uma canadiana, Jen, e um brasileiro, Leandro.

2 Março 2016

A disposição sala de produção é propícia a que hajam trocas de conhecimento a cada narrativa que alguém faça. Ao trabalhar no mesmo espaço é fácil a interação entre os colaboradores do *atelier*, bem como a do arquiteto Jauregui sempre que entra na sala.

Hoje, pela manhã, na sala de produção, estava Enrique, espanhol, que esporadicamente aparece. É habitual a entrada e saída de pessoas novas no *atelier*, já que há quem trabalhe a tempo inteiro, parcial ou excepcional. Saudei-o, e fiz o lacónico discurso de apresentação que já se tornava repetitivo. Enrique que trabalhara nos projetos do Complexo do Alemão, e que foi traçada uma estratégia geral de cinco fases a cada quatro anos. No entanto, mesmo havendo uma estratégia para os próximos vinte anos, a obra estava agora parada e apenas algumas intervenções tinham sido feitas, dando como exemplo o teleférico, que alegou ser do interesse político que fosse concluído e, consequentemente, as habitações para os desalojados devido a essa obra. Foi feito também um cinema no Complexo que chamou muita gente das comunidades e uma escola, mas a maioria dos espaços públicos programados acabaram por não ser construídos já que *não interessava mais ao governo que assim o fosse*.⁴¹

⁴¹ Enrique, colaborador no atelier Metropolitano

Prosseguindo a conversa, percebia-se em Enrique a revolta que era sentida em cada frase, parecendo uma tempestade marítima onde, por vezes, perdia o norte, com a passagem de uns assuntos para outros e a minha ignorância em alguns deles. A conversa acabou por contagiar toda a equipa de produção que o escutava. Ele falava sobre a tomada das favelas pela Unidade Policial Pacificadora (UPP). As favelas foram crescendo e inevitavelmente a terra de ninguém passou a ser de alguém. A inicial anarquia da vida nas favelas deu aso a que fações criminosas se formassem, já que *Desde cedo, aprendem que só o tráfico poderá oferecer dinheiro, status e a oportunidade de pertencer a uma organização que lhes possibilita ter uma identidade real, como parte de algo maior que eles próprios.*⁴² Durante muito tempo, o governo brasileiro considerou que a remoção de favelas era a solução. Removiam as favelas e recolocavam as pessoas em espaços afastados da cidade, mas no lugar de uma que era removida nascia uma outra na manhã seguinte, e mesmo nas que nasciam e cresciam afastadas da cidade o crime tornava a aparecer.

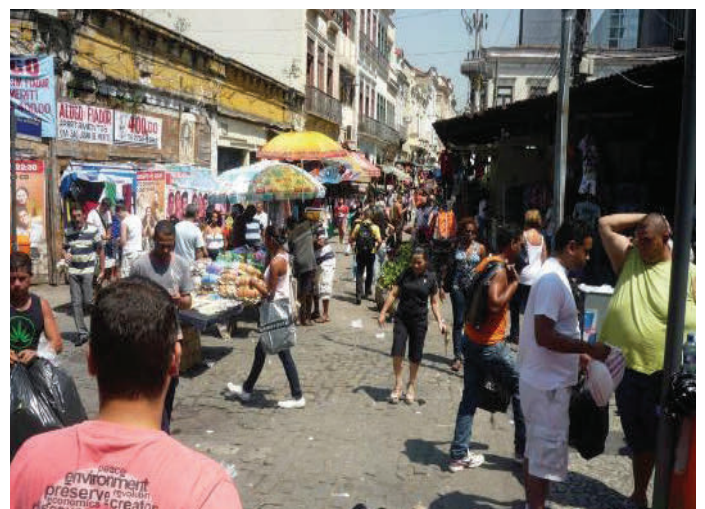
⁴² PLATT, Damian; NEATE, Patrick, *A cultura é a nossa arma: Afroreggae nas favelas do Rio de Janeiro*, p. 193

A partir de 2008, a UPP começa um processo de pacificação das favelas a fim de tirar o controlo das mãos dos criminosos. O caso mais exigente foi o do Complexo do Alemão, em 2010. A UPP precisou do apoio da polícia militar do Estado do Rio de Janeiro, apoio da polícia federal, polícia civil e forças armadas, para entrar dentro do Complexo. *Embora as favelas estejam mais calmas*, disse Enrique, com conhecimento de causa já que a meio do seu monólogo revelou viver numa, *com a entrada das UPP as pessoas sentem que as armas continuam lá, apenas mudaram de mãos pois a presença desta nova força poucas alterações teve.*

3 Março 2016

A pontualidade não é o forte do carioca. Sabendo que teria de ficar à espera o quarto de hora académico, bem conhecido na região de Coimbra, até que alguém chegasse de manhã para abrir o *atelier*, esse tempo foi usado para explorar novos caminhos que me levassem até ele.

O habitual caminho, até à Glória, manteve-se. Quando se sai do metro há dois lances de escadas, um para cada lado. Distraidamente, tomo o lado esquerdo e saio no sentido errado. À saída, há um grande



49. Mercado, Estação Uruguaiana, Rio de Janeiro, Brasil

estacionamento com árvores, onde costumam estar pessoas sentadas a olhar para os carros. Do lado direito há dois restaurantes lado a lado com grandes esplanadas. Tomo a rua à sua direita. Uma subida muito íngreme, em pedra, de passeios altos, que queima as pernas. É ladeada por um muro alto à nossa direita e casas gastas pelo tempo à nossa esquerda. Um cheiro a gás paira no ar. O caminho é praticamente deserto. No fim da subida, a rua abre para uma praça em forma de lua em quarto minguante. Um gradeamento alto faz o seu contorno e ao longe, por entre as árvores verdes, avista-se o *downtown*. Do lado direito uma igreja branca, com um portão alto preto que encerra uma pequena escadaria em pedra clara, do lado de dentro. No passeio em frente à igreja há um paralelepípedo branco, com a aresta de topo cavada e tapada com uma grelha preta. Lá derretem velas das orações feitas a uma Santa que está cravada na parede, enfeitada com flores já mortas.

Continuo caminho pela rua que dá a mão à praça pela direita. Leva-nos até ao edifício espelhado do primeiro dia. Saúdo o porteiro que está sentado numa cadeira de plástico vermelho, lendo o jornal, e os senhores que trabalham numa obra do outro lado da rua. Na bifurcação tomo a direita e uns metros à frente encontro as escadas íngremes que dão diretamente para a Rua Goitacazes onde fica o *atelier*.

Por volta da hora de almoço, Maria e Jen, convidam-me para uma conferência “Negócios de Impacto Social”, no centro da cidade. Sguimos de metro até à estação Uruguaiana. À superfície, baralham-se os sentidos. Um mercado agarrado às paredes da estação cerca-nos. Bancas de roupa, comida ou equipamentos eletrónicos, e uma imensidão de gente circulando ou gritando fazem perder o norte naquele labirinto. Deixámo-nos levar pela corrente que acabou por desaguar numa rua paralela à estação. Subo a um banco e percebo que a estação Uruguaiana está inserida numa praça retangular ocupada pelos labirintos de comércio que redesenham a sua forma. É interessante a apropriação do espaço por parte das pessoas da favela. Ao contrário das pessoas que vivem no asfalto que não vêm qualquer potencialidade do espaço a não ser o que já está definido, as pessoas que vivem na favela dão-lhe um novo ritmo.

Percorremos algumas ruas, da malha não ortogonal do centro. A arquitetura colonial está presente nos edifícios antigos de influências portuguesas. Na base, a maioria tem comércio. Percorremos algumas



50. Rua Uruguaiana, Centro, Rio de Janeiro, Brasil



51. Confeitaria Colombo, Rua Gonçalves Dias, Rio de Janeiro, Brasil

daquelas ruas de passeios altos até chegarmos ao destino, Escola Superior de Propaganda e Marketing, num pequeno cruzamento entre a rua do Rosário com a rua da Quintanda. Apesar de ser uma universidade, aparentava ser um edifício de escritórios, com a fachada toda janelada. Um grande *hall* com pé-direito duplo era inundado por vozes e pelo cheiro do café e de pão-de-queijo. Na entrada, um sistema de cancela, igual à do metro, não por ser dia de conferência, mas sim porque ser habitual, abrandava a entrada. Subimos até ao décimo primeiro andar onde estivemos duas horas.

De regresso ao metro, cruzamo-nos com a Confeitaria Colombo, um espaço requintado que outrora foi local de encontro de uma burguesia seletiva e que hoje é local de paragem obrigatória para os turistas que visitam o Rio de Janeiro. A fachada, com cinco entradas alinhadas, abre-se para um grande salão de planta retangular, com grandes espelhos de cristal nas paredes, emoldurados por elegantes frisos de madeira. À entrada, dois móveis de mármore, um de cada lado, definem um corredor central. Em frente mesas e cadeiras *Thonet*, dispostas com rigor, confortam os visitantes. No teto, ao centro, uma abertura deixa-nos espreitar para um segundo andar, o salão de chá, permitindo ver a clareira decorada com vitrais.

4 Março 2016

Se compararmos um restaurante *buffet* de Ipanema (classe alta) com um da Glória (classe média/baixa) vamos encontrar três substanciais diferenças. No da Glória vamos encontrar uma placa dizendo *Por favor não fale junto da comida*, teremos de almoçar na mesma mesa de pessoas que não conhecemos já que o espaço é apertado e não há tempo para esperar que uma mesa vague, e estaremos rodeados de fotografias sem brio algum publicitando os seus produtos. Já no de Ipanema, ninguém nos sugere se devemos ou não falar junto da comida (embora falem), temos espaço para comer e conversar sem ninguém desconhecido por perto e as publicidades são do mais aliciante que podemos encontrar. Esta pequena amostra da diferença de um sítio frequentado pela classe alta e média/baixa transporta-se para toda a cidade. Não é apenas a qualidade do espaço mas também o apropriar dele e as suas regras.

8 Março 2016

O dia foi reservado para a visita à primeira favela, a Rocinha, situada na zona sul do Rio de Janeiro. O contacto direto com o objeto de estudo, a favela, era aguardado desde o primeiro momento em que entrei na cidade. A Rocinha não fora escolhida ao acaso. O Rio de Janeiro tem cerca de 800 favelas e era necessário fazer uma triagem objetiva. A opção pela Rocinha foi com base no Núcleo Habitacional (144 unidades) do arquiteto Jauregui.

Logo pela manhã, o percurso diário com destino ao *atelier* é feito com o objetivo de encontrar Jen para fazer os últimos ajustes do percurso e dos transportes até à Rocinha. Às 11h, saímos para nos encontrarmos com Marie e uma amiga na paragem do autocarro na Avenida Infante D. Henrique. Ao chegar, avistámo-las junto de um homem que gesticulava aceleradamente. Ao que parece, ele tinha evitado que Marie fosse assaltada. Um *moleque de rua*⁴³ tinha tentado roubar a mochila que Marie trazia às costas, segura apenas por uma alça, assim que ela saíra do autocarro. A parte que foi presenciada foi a do monólogo conselheiro daquele senhor dizendo, repetitivamente, *Não podemos estar relaxados, não! (...) Se fosse meu filho, sim porque ele é filho de alguém, levava uns tapas na cara!*

⁴³ Por norma, criança favelada de tenra idade.

Com este imprevisto perdeu-se o primeiro autocarro 309. Passados dez minutos chega o seguinte. Andar de transportes públicos aqui no Rio é sempre uma turbulenta aventura. Andar de autocarro, por exemplo, é uma experiência que aconselho a evitar. Começámos por entrar no autocarro e comprar um bilhete, sim porque aqui não existem passes mensais, portanto ou temos um passe recarregável ou compramos uma viagem diretamente ao motorista ou, por vezes, a um cobrador que está mesmo ao seu lado empoleirado num banco controlando as entradas. De seguida, temos de lutar com uma cancela vermelha que nos barra a entrada, e digo lutar já que de largura não tem mais do que 40cm. Ainda no meio deste processo o motorista arranca em toda a brida. Quando nos sentamos agarramo-nos o mais forte possível ao assento e desejamos que não tenhamos nenhum acidente ou tombemos numa curva. Os motoristas são moradores da favela e pouca formação têm, daí a viagem ser feita de sucessivas acelerações, travagens e solavancos. Os autocarros, na sua maioria são velhos e não têm ar condicionado.



52. Vendedor ambulante no interior do autocarro, Rio de Janeiro, Brasil



53. Túnel Zuzu Angel, Rio de Janeiro, Brasil



54. Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

Durante uma das paragens, algo inesperado acontece. Abre-se a porta de trás e entra um vendedor ambulante, que percorre o corredor até à cancela vermelha, dá algo ao motorista, que não sei especificar o que é, vira-se para a audiência e, com uma projeção de voz incrível, começa um lacónico discurso onde apresenta o seu produto, amendoins, e explica as vantagens de o comprar ali e não noutra sítio. No final, em direção a porta traseira, vai vendendo os amendoins e volta a sair.

A minha atenção virou-se novamente para o lado de fora, no preciso momento em que entro no túnel Zuzu Angel. A gincana feita pelo motorista provocava em mim uma enorme tensão. Fechei os olhos e agarrei-me, o mais que pude, ao banco. Quando espregitei, vi luz ao fundo do túnel. O meu coração acelerado começa a abrandar, mas ao sair do túnel pareceu parar. A minha respiração susteve-se. Tinha entrado num outro Rio.

Diante de mim surge a Rocinha. A imagem do meu lado direito era de uma favela esculpida no morro, uma imagem tão imponente que foram precisos alguns minutos para me recompor. Sentia-me assustada mas ao mesmo tempo entusiasmada por estar ali. Queria andar mas também ficar parada. As expressões de Marie e Jen eram radiantes. Timidamente começámos a andar tropeçando naquele mundo acelerado. Ao não conseguir encontrar o nome das ruas, a intuição foi de perguntar aos polícias que estavam com o seu carro estacionado, por debaixo da ponte desenhada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, onde era a Via Ápia da Rocinha. Indicaram que o caminho *É já aqui na frente, nessa rua larga, na direita.*

Ao chegar à entrada da Via Ápia, os sentidos baralharam-se. Claro que não se estava à espera de encontrar uma romântica *Via Appia Antica*⁴⁴ mas o que se encontrava à frente dos olhos era algo surpreendente. Era um caos, aparentemente, organizado. A rua, com cerca de sete metros, um metro ou talvez menos para cada passeio e o resto para uma suposta circulação de veículos, é ladeada de edificios de cores pálidas, com três ou quatro pisos no máximo, de ambos os lados, decorados de cartazes publicitários, antenas parabólicas, e pontualmente caixas de ar condicionado. Centenas de fios passam por cima das nossas cabeças bordando uma teia, por vezes, impenetrável pelos nossos olhos. São elas *ligações à gato*, ilegais, e trazem eletricidade para a favela a partir do asfalto. Os passeios, por vezes, com

⁴⁴ A Via Ápia, em latim Via Appia, em italiano Via Appia Antica, é uma das principais estradas da antiga Roma. Por norma é feita de pedra e é ladeada por árvores esbeltas.



55. Via Ápia, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



56. Ligações à gato, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



57. Estrada de Gávea, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



58. Vista da Estrada de Gávea, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

⁴⁵ Motoboy (português brasileiro) ou estafeta (português europeu) é um profissional que utiliza moto (geralmente de média cilindrada, de 125 a 250 cm³) para entregar e distribuir diversos tipos de objetos.

⁴⁶ A Volkswagen Kombi foi um automóvel utilitário produzido pela empresa alemã Volkswagen, entre 1950 e 2013. (...) No Brasil, foi fabricada ininterruptamente entre 2 de setembro de 1957 e 18 de setembro de 2013, sendo praticamente o carro mais antigo do país. É considerada a precursora das vans de passageiros e carga.

⁴⁷ Definição de cidade medieval retirada da wikipédia.

⁴⁸ PLATT, Damian; NEATE, Patrick, A cultura é a nossa arma: Afroreggae nas favelas do Rio de Janeiro, p. 18

⁴⁹ Laje é o teto “provisório” da casa, feito de alvenaria. Serve para muitas atividades do dia-a-dia, incluindo lavanderia, área de serviço e sala de estar ao ar livre.

30 a 40cm de altura, mal se vêem pois são absorvidos pelo comércio, que é prolongado desde o interior das construções, no piso térreo, até à rua. Consequentemente, as pessoas caminham onde circulam os veículos. Pessoas, motos e carros fintam-se em várias direções. Há várias formas de circular dentro da Rocinha, mas as mais comuns são a pé, de *motoboy*⁴⁵ ou *kombi*.⁴⁶ Sem saber bem quanto tempo se levaria até chegar ao Núcleo Habitacional do arquiteto Jauregui, a opção foi de ir a pé. À medida que subíamos algumas pessoas olhavam-nos. Marie, alta, cabelos loiros e olhos azuis, como francesa que é, denunciava-nos a cada passada. Éramos gringos na favela.

Ao cimo, a Via Ápia entronca com a Estrada de Gávea, a artéria principal da Rocinha. A favela cresce como uma *cidade medieval europeia, que se constrói através de uma constante apropriação da terra*.⁴⁷ Aqui privilegia-se a habitação. Construções vão nascendo sem terem sido planejadas ou desenhadas. Cada corpo primordial que se ergue pertence a uma família, e se essa família crescer, esse corpo crescerá verticalmente.

*A expansão vertical é a manifestação da mobilidade social mais comum nas favelas brasileiras. É nesse sentido vertical que pode ser criado mais espaço para a família.*⁴⁸

É notório que à medida que essas construções se afastam da rua principal vão perdendo identidade. As casas que montam a fachada da rua principal ou são pintadas ou têm azulejos, têm janelas com vidro e caixilho, e maioritariamente comércio no piso térreo. Já as casas que estão nos bastidores, são mais pequenas, não têm comércio e, despojadas de qualquer acabamento, a sua aparência é de tijolo à vista com buracos vazios de janelas. A porta é o único vazio que é preenchido. Há uma grande permeabilidade do interior das casas para as ruas apertadas, e vice-versa. Na laje⁴⁹, todas as casas têm um depósito azul, que através de uma ligação labiríntica de tubos levam água para o interior da habitação. A laje é um espaço com dupla função, pública e privada. Pública, pois é lá que há interações com o exterior, paisagem e vizinhança, e privada pois é para lá que cresce a casa se a família precisar.

O espaço público na favela vai acontecendo naturalmente como resultado das sobras das casas. As vielas estreitas que se formam vão serpenteando as casas e são elas as veias da artéria principal. Essas vielas por vezes tornam-se becos, ou becos aparentes, já que o corredor de entrada de uma casa pode ser mediador do espaço público e ter dupla



59. Viela, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



60. Núcleo Habitacional 2011, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil



61. Núcleo Habitacional 2016, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil

função. Talvez por as vielas não terem a mesma alma da rua principal, a laje é usada para o prolongamento das relações criadas nesse sítio.

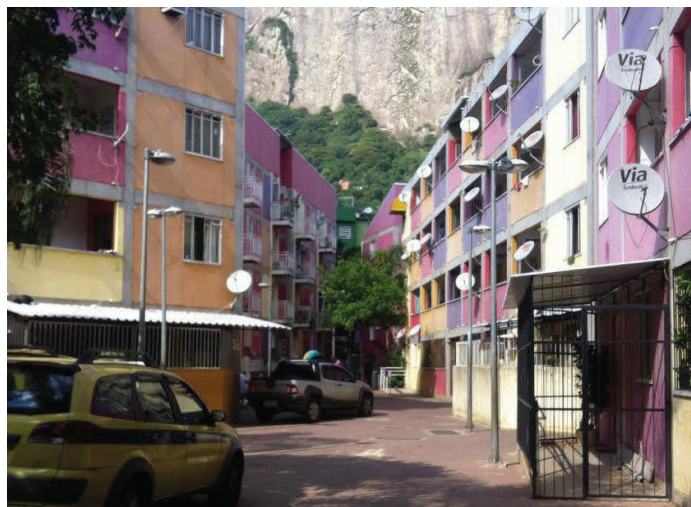
Durante a subida, a entrada numa biblioteca, descoberta casualmente, abrandou o ritmo cardíaco. Um alto edifício branco de cinco pisos. Ao contrário da agitação do lado de fora, aquele sítio estava sereno, não por ser uma biblioteca, mas por estar quase vazio. O funcionário da biblioteca explicou que foi construída pela Prefeitura, em 2011, no âmbito do projeto Biblioteca Parque. Para cada piso há um programa distinto. No piso térreo a área geral, no segundo um teatro, no terceiro uma sala de computadores e um terraço, no quarto uma sala de leitura e no quinto um restaurante, que não chegou a ser inaugurado. Explorámos um pouco aquele espaço, vazio e silencioso, muito diferente da agitação do lado de fora.

Seguindo caminho, uns metros à frente encontrava-se o Núcleo Habitacional. A imagem pré-definida que nos acompanhava das habitações coloridas, memorizada no livro “Estrategias de Articulación Urbana” do arquiteto Jorge Jauregui, foi-se desvanecendo à medida que nos aproximávamos. O que outrora foram casas coloridas eram agora casas pálidas gastas pelo tempo. A praça virada para a rua principal, estava vazia e de ar entristecido. Pouca ou nenhuma vida havia ali. Intercetámos uma menina, que aparentava ter uns dez anos de idade, a fim de apurar se ela vivia ali. O acenar positivo dela à interrogação levou-nos a fazer mais perguntas. Contou que vive com mais três irmãos, o pai e a mãe, numa casa com dois quartos. Os nossos padrões de conforto e privacidade fizeram questionar como era viver, uma família de seis pessoas, naquele espaço. Ao que ela respondeu, num tímido sorriso: - “apertado”.

A apropriação da base do Núcleo Habitacional despertou a nossa atenção. Contrariamente ao projeto inicial, havia um gradeamento que protegia todas as aberturas ao longo do corredor do piso térreo, e por vezes surgia uma adição gradeada, muito semelhante ao do asfalto, que envolvia a entrada principal do edifício. Na favela, contrariamente ao asfalto não se vêem gradeamentos a mediar o espaço privado do público mas neste novo “intruso” existem. Uma destas adições tinha sido transformada numa pequena mercearia, mas um cartaz dizendo *Hoje não dou fiado, só amanhã*, impediu-nos de falar com os moradores, apesar dos insistentes chamamentos.



62. Núcleo Habitacional, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



63. Núcleo Habitacional: apropriação, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

Dobrando a esquina, debaixo de uma pequena sombra, numa mesa e bancos de cimento pregados ao chão, dois senhores jogavam xadrez. Estava um dia de céu azul e muito calor. Fomos até uma mercearia, que embora não pertencesse ao novo conjunto, tinha a sua frente para ali virada. Era uma mercearia pequena e tinha duas pessoas no interior, a dona e uma cliente. Comprámos água, e quando demos por nós estávamos sentadas nas escadas da mercearia a ouvir as histórias contadas pelas duas senhoras. A cliente contou-nos que trabalhava no Leblon e que as férias dela, de duas semanas, tinham começado hoje. Explicou que iria ficar pela Rocinha durante esse tempo. Confessou-nos que gosta de viver na favela e não pensa em mudar. *A família e os amigos vivem na favela, se me mudasse o meu coração ia ficar lá, então não faz sentido ir para um sítio onde não se tem ninguém.* Afirmou que não se sente segura no asfalto, já que não conhece ninguém e ninguém a conhece. Na favela, embora hajam criminosos, eles não fazem mal às pessoas da comunidade, *criminoso trava guerra com criminoso e só entra nessa vida quem quer.* Ambas estavam de acordo quanto à entrada da UPP alegando que não vieram trazer mais segurança à comunidade, mas sim o contrário. As fações criminosas vigiavam as entradas das favelas do topo dos morros. Quando a polícia era avistada, fogos ou a pipa⁵⁰ eram lançados para o céu, servindo de aviso para comunidade. A comunidade sabia exatamente o momento em que iam começar os tiroteios e fechavam-se nas suas casas. *Agora com a UPP dentro das favelas não se sabe mais, então um tiroteio pode começar a qualquer momento e uma bala perdida pode atingir alguém.* Uma outra questão relevante que afirmaram ter sentido, depois da entrada da UPP, foi o comportamento das crianças. As crianças temiam os criminosos mas não temem a UPP, portanto, os criminosos eram como que os “educadores” das crianças da favela, e agora sem a sua presença as crianças ficaram mais rebeldes.

⁵⁰ Pipa (português brasileiro) significa papagaio de papel (português europeu).

A nossa conversa fluía de uma maneira muito natural. Bastava um tópico e as duas senhoras dialogavam entre si.

Falaram-nos das casas coloridas. Nunca entraram nelas mas ouviram dizer que eram pequenas e que ninguém pode abandoná-las num período de cinco anos senão perdiam o direito da moradia. Esta afirmação suscitou dúvidas. Porque quereriam abandonar uma casa com saneamento, eletricidade, segurança e conforto(?) Gentilmente, questionei



64. Vista da ponte de Óscar Niemeyer, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

as senhoras, ao que me responderam, *que se a família crescer, não tem como crescer*. Despedimo-nos e seguimos caminho, de regresso ao asfalto.

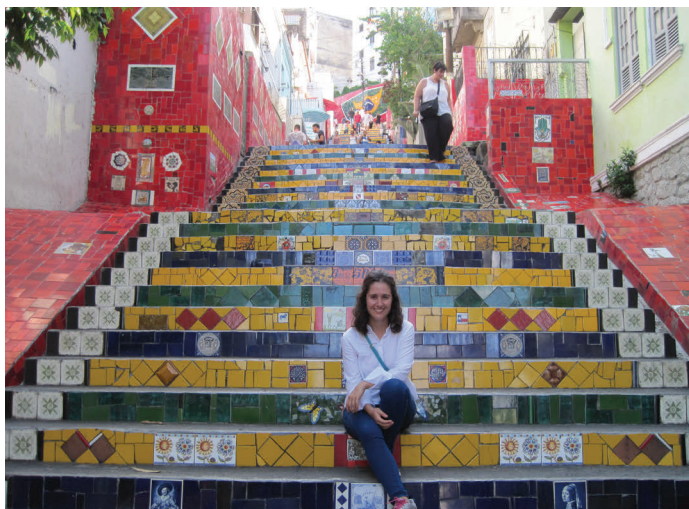
Durante a descida, os nossos corpos tinham-se convertido àquele sítio “sem regras”. Circulávamos no meio da estrada sem nos atrapalhar, já que aparentemente era mais seguro. Atalhámos por uma rua que não tinha carácter nem de principal nem de viela. Era uma rua com um grande movimento de pessoas e muito pouco de veículos, onde bancas de frutas a enchiam.

A Rocinha despede-se com a travessia da graciosa parábola em betão do arquiteto Niemeyer para o lado de lá da autoestrada Lagoa-Barra. Para trás ficou a hiperatividade daquele lugar que se foi desvanecendo a cada passada de despedida. Olha-se agora para um lugar que parece ter petrificado.

9 Março 2016

Já me cruzei com vários sem-abrigo aqui no Rio, mas na Lapa, mais especificamente, eles não só ocupam as ruas como também a praça. Há uma grande concentração de sem-abrigo numa praça junto à rua da Lapa. São eles que melhor conhecem mentalmente os mapas da cidade e como tal foi a eles que foram pedidas indicações até à Escadaria de Selarón, já que não tínhamos connosco qualquer objeto de orientação. Percorremos uma rua um pouco deserta mas como muitos vendedores sentados com as suas quinquilharias expostas em cima de grandes panos coloridos que cobriam o chão.

No cruzamento da rua Joaquim Silva com a rua Teotónio Regadas eis que se encontra a escadaria. Antes do primeiro degrau, estão vendedores que cobrem a longa escadaria de 215 degraus com as suas bancas e carros de comida. Ao subir, são agora os turistas que a cobrem com as suas sessões fotográficas. Os degraus são decorados com mais de dois mil azulejos coloridos provenientes de vários países do mundo. Determinadas a chegar ao topo, eu e Jen continuámos a subida. É visível a desistência por parte dos turistas ao fim da primeira centena de degraus. Apenas os curiosos continuam. É a partir daí que se pode tirar proveito da escadaria.



65, 66. Escadas Selarón: no meio (esq.) e no topo (dir.), Lapa, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

O ritmo de um som brasileiro, produzido por um músico de rua, acompanha-nos até ao último degrau. De lá, não há paisagem arrebatadora, não há mar, não há morro. Apenas um silêncio.

10 Março 2016

⁵¹ O 'RIO+Talks' é um conjunto de palestras e debates para incentivar a discussão pública sobre os caminhos para o desenvolvimento sustentável.

No final do dia de hoje, acompanhada de Jen e Marie, fui a uma palestra, inserida no RIO+Talks,⁵¹ “Mudança e Continuidade nas Favelas do Rio: A luta de quatro gerações pela inclusão”, na Maison de France, no centro, dada por Janice Perlman. Considera uma das mais influentes vozes em assuntos urbanos do mundo, estudou favelas do Rio de Janeiro por mais de quatro décadas. Autora do livro “Favela: Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro” acompanhou a vida dos moradores de favelas cariocas e imigrantes por 40 anos, produzindo um dos mais completos e rigorosos estudos sobre a questão urbana da história. A oradora abriu a palestra com um poema:

Favela is life, favela is love.

Favela is freedom, friendship and feijoada.

Favela is people persevering.

It is laughter and tears, life and death—only a hair's-breadth apart.

It is a place where the unexpected is expected and spontaneity is the norm.

It is not all pain, poverty, and passivity.

It is people living their lives amid a civil war.

People who would prefer to work and to study.

People trying to be recognized as people by other people.

*For whom they are invisible and inconsequential.*⁵²

⁵² PERLMAN, Janice, Favela: four decades of living on the edge in Rio de Janeiro, prefácio p. XXIII

Explicou como nasceu o seu interesse pelas favelas e como viveu durante anos numa favela em Lagoa, que anos mais tarde acabou por ser removida. Falou também sobre a remoção de favelas e dos programas que foram criados para a melhoria das condições de vida nas favelas da cidade. Fez uma crítica em tom jocoso ao teleférico do Complexo do Alemão argumentando que *nobody use it and it was a waste of money*. Por fim, fecha o seu discurso defendendo que há mais esperança na fave-



67. RIO+Talks, Mudança e Continuidade nas Favelas do Rio: A luta de quatro gerações pela inclusão, Maison de France, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

la do que no asfalto, já que *in the asfalto there is too much concern with what is today's society, politicians, rents, materialism.*

⁵³ Demandas são as organizações formadas pelos moradores das favelas.

No final da sessão, dirigimo-nos ao seu encontro, a fim de perceber a sua opinião vincada acerca do teleférico do Complexo do Alemão. Na nossa perspetiva, o projeto do teleférico veio facilitar a mobilidade dentro de um dos complexos mais desafiantes a nível de densidade e topografia, e por isso era contranatura argumentar tão assertivamente que este projeto falhara. Explicou-nos que quando se intervém em favelas é imprescindível ouvir as *demandas*⁵³, algo que já nos era familiar pelas palavras do arquiteto Jauregui. Para Janice, esse é o ponto de partida, pois melhor que ninguém, os moradores sabem o que é prioritário. Argumenta que embora as *demandas* do Complexo do Alemão possam ter sido ouvidas, claramente que não foram levadas em conta, alegando que o teleférico foi uma decisão política. Embora quiséssemos contra-argumentar, como ainda nenhuma de nós tinha visitado o teleférico reduzimo-nos à nossa ignorância e agradecemos a breve e frontal resposta de Janice Perlman.

⁵⁴ Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Enquanto disfrutávamos da *coffee table*, entre narrativas em português do Brasil, inglês e francês, eis que se ouve uma em português de Portugal. Chamava-se Mónica, uma arquiteta portuguesa, formada na FAUP⁵⁴ e que vive no Rio de Janeiro há já quatro anos. Expliquei-lhe o propósito da viagem. Num longo e acelerado monólogo Mónica falava sobre o seu ponto de vista no que toca às favelas cariocas.

O espaço público numa favela vai acontecendo naturalmente. Não é planeado, não é desenhado. Vai nascendo das sobras das construções das casas. As vielas são estreitas. Por vezes, parte da casa pertence à rua. Os trajetos dentro da favela podem passar da rua, para a escada, para a casa do vizinho e ninguém se importa. A rua principal é aniquilada pelo movimento dos carros e motas e também pelo comércio que é arrancado do interior das casas para a rua. Não há praticamente nenhum espaço formal, espaço verde, parque ou praça para usar. Mesmo os equipamentos públicos, como bibliotecas estão vazias. As relações do espaço público nascem desde crianças com a exploração do espaço a partir de idades precoces, cinco anos talvez. A hiperatividade das crianças contagia a favela e contamina a rua à medida que vão crescendo.

A descrição de Mónica tinha sido exatamente a imagem do que vira na Rocinha.

Questionei-a quanto ao teleférico do Complexo do Alemão e esbarrei com outra apoiante de Perlman. Na sua opinião por mais que seja um bom projeto não devia estar no topo das prioridades, mas sim o saneamento, por exemplo. Por mais que a estratégia geral tenha sido traçada com a comunidade, *as prioridades claramente foram trocadas, isto porque é visível que o teleférico está ao abandono e ninguém gosta dele.*⁵⁵

⁵⁵ Arquiteta Mónica, FAUP

Um outro ponto discutido na conversa foram as relações da favela com o asfalto. Enquanto o morador da favela tem uma relação com o asfalto pois vem cá trabalhar, o cidadão do asfalto não tem qualquer relação com a favela e defende que é um *cancro que mata a paisagem brasileira.*⁵⁶ Na realidade, as favelas são o mais puro estado do brasileiro. A questão é que há dois mundos que parecem não se querer misturar, como que azeite e vinagre, mas que hipocritamente se misturam. Para Mónica é impreterível acabar com a cegueira do asfalto, e o caminho é criar algo na favela que chame o asfalto até ela.

*Fazê-lo sentir que na favela há acontecimentos, espaços, e oportunidades que não existem em mais lado nenhum e que para as poder experienciar é preciso ir até à favela e não ter medo, mas sim ter entusiasmo e deixar-se contaminar por aquela atmosfera.*⁵⁷

^{56, 57} *ibidem*

Argumenta que o teleférico do Complexo do Alemão talvez tenha sido uma tentativa de juntar dois objetivos num só, o primeiro de facilitar a mobilidade dentro do Complexo e o segundo de chamar o turismo. Acontece que este equipamento não foi bem aceite pela favela, quer pelo seu quotidiano, quer pela vinda do turista, isto porque, a mobilidade no Complexo não era um problema, e ao ser um teleférico facilmente se elimina a relação direta. A favela considera um ato soberano o turista vê-la de cima sem sequer entrar nela. Embora a favela saiba que é pobre, sabe também que é digna de entrar.

11 Março 2016

O dia de hoje foi passado em Cinelândia, no centro, a assistir a debates inseridos no Seminário Internacional “Cidades Rebeldes”. O mais esperado era o do geógrafo David Harvey que tinha lugar no final daquele dia, por volta das 19h.



68. Seminário Internacional Cidades Rebeldes com David Harvey, Praça Alagoas, Cinelândia, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

Eram 17h30 quando, acompanhada de Marie e Jen, me dirigi para a entrada do Cinema Odeon. Já se formava uma fila que dobrava o quarteirão. Como o debate era de entrada gratuita mas limitada, com uma hora e meia de antecedência as pessoas ocupavam a sua posição, não havendo lugar para o atraso crônico carioca. Entrámos no cinema com uma hora de antecedência da hora prevista para o início do debate. Por volta das 19h comunicam que o cinema já estava cheio e que devido à quantidade de pessoas que ainda faltavam entrar sugeriam que se voltasse à ideia inicial de fazer o debate no exterior, que tinha sido abortada devido à chuva que entretanto desapareceu. O cinema não estava cheio mas sim a “rebentar pelas costuras”, já que os corredores e saídas de emergência estavam bloqueados por pessoas sentadas no chão.

Por volta das 21h o discurso, finalmente, começou. O nosso palco era a escadaria da Câmara Municipal e a Praça Alagoas. Antes de David Harvey, jovens faziam um discurso de apresentação. A verdade é que tínhamos passado o dia a ouvir os mesmos discursos de frustração e lamentação brasileira e aquela não era a nossa luta. Sentíamos-nos à parte e só estávamos ali devido a David Harvey ser quem é. Eram 21h30 quando Harvey iniciou o seu discurso. Abrimos os nossos *Moleskines* e começámos a tirar notas. O local onde ficámos foi, inconscientemente, bem escolhido. Tínhamo-nos sentado nas escadas, viradas para a praça e estávamos num nível onde era possível ver as expressões da multidão entusiasmada ouvindo, atentamente, o orador.

David Harvey iniciou o seu discurso falando da *Labour Theory of Value* de Karl Marx, explicando que esta teoria desvaloriza o trabalho feito em casa, ou seja, reprodução e valor social, ao defender que a natureza não tem valor e que as pessoas são como átomos, sem coração ou interesse. Defende que esta descrição de Marx é sobre a forma de como o *capital* vê as pessoas, ou seja, tudo o que Marx dizia deveria ser transportado para a voz do *capital*.

David Harvey defende que as cidades deviam ser lugares dignos para todas as pessoas viverem mas que ao invés disso, as cidades vêm sendo cada vez mais dominadas pelo *capital*, pelas grandes corporações em aliança com o Estado. *More and more cities have been turn-*

ing into places solely focused in getting profit as oppose to places to live.

Critica a forma como os megaeventos, principalmente as Olimpíadas, são organizadas na cidade. *Rio is a big city. And it is a better city without the mega events than with them. Barcelona (headquarters of the Olympics in 1992) has become a commodity. The cost of a city-commodity is very high. Prices raise and ordinary people cannot live in Barcelona center. They do not benefit in any way.*

O geógrafo explicou que o capitalismo era um sistema que nos levava a tomar riscos mas que se transformou desde o seu surgimento, e deixou de ser um sistema baseado em riscos. *There is a vanity capitalism nowadays that do not want to take risks.* Argumenta que atualmente, a resposta ao risco é o lucro garantido pelas instituições estatais, ou seja, quando as crises estoíram, os bancos centrais entram para salvar bancos privados e os mercados de ações. Harvey mencionou a crise da Grécia. Afirma que para apoiar financeiramente o país, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a União Europeia, com a Alemanha à frente, impuseram como condição a realização de cortes de 20% a 30% nas aposentadorias e diminuição de recursos para a educação e saúde. Com 50% das pessoas com menos de 35 anos desempregadas, o governo aceitou. *The money did not go to Greece, but to French and German banks. Angela Merkel has said that the problem was the lazy Greeks. She has never mentioned that those who are being saved are the German and French banks, not the Greeks. This has been happening over the past few years.*

Segundo o geógrafo, a resposta para as crises não pode ser mais capitalismo. Ele defende o desenvolvimento de novas formas de organização do trabalho e uma revolução no sistema político com base na mobilização popular. *The solution is not to abandon the political process, but to rebuild the system. We need a political revolution. They tell us that the only solution to our problems is more capitalism. The real answer is no capitalism.*

David Harvey defende a criação de formas de trabalho que incentivem a solidariedade e a formação de vínculos sociais, em oposição à alienação e individualismo. *We need ways of social working that we can perform for one another, through solidarity systems, by which we can build trust, which is the foundation of the changes that need.*

Para finalizar o seu discurso fala em revolução, afirmando que não acontece de um momento para o outro, e que tem de ser pensada e

estruturada. Defende que é essa revolução que responderá à questão “Se a Cidade Fosse Nossa”. Quando as vozes das pessoas não são escutadas, a participação das pessoas é minimizada. E, ao mesmo tempo, as pessoas sentem uma profunda insatisfação por viver no tipo de cidade que o capital constrói. E como resultado, observamos por todo o mundo, protestos urbanos massivos. E claro aqui no Rio de Janeiro e também em São Paulo, e em outras cidades do Brasil aconteceram protestos massivos em Junho de 2013. E muitos destes protestos contestavam as qualidades da vida urbana. As qualidades da vida quotidiana num ambiente que não é construído para o interesse das pessoas, mas para o interesse do capital. *We need to change that game, and the only people who can do it is precisely the people. We have to think about what we would like our city to be. We have to think about a city that is open to discussion, open to debate, open to consider different investment, investment in housing for all, investment in health, education, all the basic things we need to live a dignified life in a decent environment.*

Para Harvey, é assim que o futuro deveria ser. E a única maneira de definir esse futuro é organizando um movimento político que tome a cidade de volta para as pessoas e que a tire das mãos daquelas que a usam para o lucro. *So we all have to ask ourselves, what would we do if the city was ours? What would we do if we could get the city back? And this seems to be one of the biggest political issues of nowadays. It brings the political fight to the heart of the city. It brings a great fight so that we become active participants of our future. Active architects of our own future.*

Regressei a Copacabana refletindo sobre o discurso de David Harvey e a cidade do Rio de Janeiro. De facto, o Rio tornou-se numa “cidade-commodity”, e sofreu um processo de *gentrification*.⁵⁸ O custo de vida tornou-se muito elevado sendo isso visível no valor das casas especialmente na zona sul, e as altas rendas catalogaram automaticamente as classes. Ainda assim, há inúmeras favelas que se situam nessa zona da cidade e são terras livres onde esses valores, por enquanto, não lhes tocam. São essas favelas que são consideradas as mais desenvolvidas, provavelmente devido a essa proximidade. O ser humano tem uma capacidade incrível de se adaptar. As favelas cresceram em volta das cidades e vingaram devido ao jogo da imitação. Durante anos que as cidades foram sendo moldadas por arquitetos e engenheiros. A classe trabalhadora desde cedo levou esses ensinamentos para a favela. Embo-

⁵⁸ Gentrificação (do inglês *gentrification*) é o fenómeno que afeta uma região ou bairro pela alteração das dinâmicas da composição do local, tal como novos pontos comerciais ou construção de novos edifícios, valorizando a região e afetando a população de baixa renda local. Tal valorização é seguida de um aumento de custos de bens e serviços, dificultando a permanência de antigos moradores.



69. Manifestação, Avenida Atlântica, Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

ra as favelas sejam assentamentos precários, elas espelham o asfalto, de uma forma mais modesta, governadas pela lei do improvisado. A questão é que como consequência dos processos dos programas de urbanização e pacificação de favelas, estes locais estão-se a tornar cada vez mais aliantes para a classe média viver, pois tem mais poder económico que o “favelado”, e por isso começa-se a observar o início do processo de *gentrification* nas favelas.

13 Março 2016

Por volta do meio-dia saí de casa para encontrar Jen e Marie, no posto 1 da praia de Copacabana. O plano passava por visitar a Babilónia e fazer a trilha do morro. As ruas estavam inundadas de pessoas vestidas com as cores do Brasil acompanhadas de cartazes “fora Dilma”, “fora PT” e “Impeachment Já”. Era dia de manifestação. A Avenida Atlântica era o palco principal desse manifesto e dificultava a passagem dos mais acelerados, já que estava entupida de cariocas. Fintei a manifestação indo de metro desde a General Osório até Cardeal Arcoverde, perpendicular ao posto 2, e que se distanciava do posto 1 por dez minutos. Ainda assim, o caminho do posto 2 até ao posto 1 foi o equivalente a nadar contra a maré. A avenida continuava inundada de pessoas que caminhavam no sentido oposto ao meu para irem ao encontro do início da manifestação.

Ao fim de quinze minutos chego ao posto 1.

Abandonámos a malha organizada do asfalto e subimos para a favela da Babilónia pela íngreme ladeira Ary Barroso. Na entrada os *motoboy*s aguardam os que não querem subir a pé. Aqui, contrariamente à Rocinha, a rua principal não é caótica. As regras são muito semelhantes às do asfalto, passeio para pedestres e estrada para veículos. As casas viradas para a rua principal são simples mas não rudimentares.

Quando a ladeira se acaba, somos obrigadas a prosseguir caminho por vielas e escadas não identificadas. A subida é feita instintivamente. As casas são agora rudimentares. Era possível ver o interior das casas e as pessoas. A porta aberta de uma casa absorve o nosso olhar. Do lado de dentro via-se um espaço vazio apenas com uma televisão num



70. Favela Babilónia, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



71. Vista sobre Copacabana, Favela Babilónia, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



72. Identificação da trilha do Morro da Babilónia, Rio de Janeiro, Brasil



73. Vista sobre Botafogo, trilha do Morro da Babilónia, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

canto e um colchão no chão onde mãe e filhos viam televisão. À frente, dois senhores conversavam, lado a lado, sentados no chão da entrada de suas casas. Sugerir que se saudasse quem encontrássemos pelo caminho para anular o sentimento de estranheza que causávamos.

Naquela parte da Babilónia, as casas estão assentes na pedra do morro, e tem pilares finos e tortos a suportá-las. Não há muros de contenção. As vielas não são sombrias, já que as casas não têm mais do que um piso. Ao longe avista-se um grupo de crianças e adultos que limpam uma viela, mais larga que o normal. Preparam-se para fazer uma horta comunitária e estão a moldar a viela, com tábuas de madeira, para fazer vários níveis. Um senhor aproxima-se e aconselha-nos a voltar para trás alegando que não era seguro cinco raparigas circularem, sozinhas, na favela. Destemidamente, seguimos caminho. Por entre casas e árvores, Copacabana ia sendo avistada. À medida que se caminhava, as casas iam desaparecendo dando lugar apenas à vegetação densa. Um caminho no chão, devido às sucessivas passagens, guiava-nos, bem como as pegadas amarelas no tronco das árvores. O silêncio acompanhava-nos.

Ao fim de vinte minutos avistou-se a primeira pedra com vista sobre Santa Teresa, Botafogo e o Centro. Recuperámos folgo e seguimos. Dez minutos depois pisámos o miradouro principal de onde era possível ver o Pão de Açúcar com o teleférico subindo e descendo o morro. Como estava um dia cinzento, não havia muita luz. Essa pouca luz mal conseguia penetrar na vegetação. Ao fim de vinte minutos a descer, sem trilho ou sinal das marcas nas árvores, assumimos que estávamos perdidas. Continuámos a caminhar na tentativa de encontrar uma referência. Estranhamente estávamos calmas. Seguíamos com paus que apanhámos ao longo do caminho para nos ajudar nas descidas e cortar caminho por entre as silvas. A nossa atenção foi desviada para as borboletas de asa azul forte que voavam ali perto. Concentradas a observá-las, o silêncio absoluto aclarou vozes e gargalhadas. Seguimos o seu rasto. Crianças jogavam à bola numa espécie de campo de futebol improvisado. Ao longe víamos o rasto de uma rua. Não foi preciso trocar falas.

De volta à rua principal descemos até ao asfalto. Sentámo-nos num banco na Avenida Atlântica, que aos domingos é parcialmente encerrada aos veículos, olhando o mar. Ao nosso lado estavam sem-abrigo dormindo por debaixo de uma árvore de flores amarelas caídas no chão.



74. Avenida Atlântica, Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



75. Edifício Ypiranga, Avenida Atlântica, Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil

Fomos em direção ao calçadão e caminhamos. O último sítio a ir era o escritório onde o arquiteto Oscar Niemeyer trabalhou. No calçadão fomos observando os edifícios que compunham a fachada de Copacabana. Ninguém sabia exatamente o local do *atelier*, apenas que era no final de Copacabana. A meio caminho, entre o posto 5 e 6, um edifício com curvas chama-nos a atenção. Embora o edifício não tivesse sido projetado por Niemeyer, é certo que as curvas lhe despertavam encanto. Confirmámos que era aquele o edifício, que durante décadas viu os projetos de Niemeyer ganharem forma.

Nas areias de Copacabana o dia fechou ao som de três diferentes línguas, o português, o inglês e o francês.

15 Março 2016

Assim que o arquiteto Jauregui chegou ao escritório, quisemos contar-lhe as novidades da semana que esteve ausente. Levou-nos até à sala de reuniões, sentámo-nos em volta da mesa quadrada e, num informal discurso, Marie, Jen e eu falámos sobre a ida à Rocinha, as dúvidas quanto à definição de espaço público da favela e a palestra de Janice Perlman.

Timidamente, questionei sobre a degradação do Núcleo Habitacional da Rocinha, ao que o arquiteto Jauregui respondeu *que está sem manutenção e que este é um cenário muito comum nas favelas, pois há um investimento por parte do Estado em fazer algo que melhore a favela mas depois tudo é esquecido*. Explicou-nos também que o desenho de praças é muito raro numa favela, que as relações pessoais são feitas em vielas, escadarias ou num boteco da comunidade e que pontualmente, há o encontro entre a comunidade nos equipamentos públicos dando o exemplo dos campos de futebol. Elucidou que enquanto o arquiteto desenha a cobertura da casa inclinada para fechar a construção, o morador da favela deixa-a plana. Denominou-a de laje e explicou que é lá que acontece a construção para o próximo, se a família cresce, se há mais dinheiro, é essa extensão vertical que acontece. *A laje pode ser entendida como um espaço multifuncional pois é nela que há o encontro familiar, que se faz o churrasco, que se pendura a roupa, que se toma um banho refrescante, que se coloca o contentor azul da água*.

Acredita numa possível teoria do carioca não ter o hábito do espaço público devido à proximidade com a praia e de não se sentirem seguros nesses espaços (de notar que são gradeados), sendo portanto uma questão cultural que o arquiteto Jauregui julga ter sido transposta para as favelas do Rio de Janeiro.

Transmitiu-nos que na favela existem “espaços de ninguém”, isto é, tudo o que não é privado não é de ninguém, ou seja, ninguém cuida. Esses espaços de ninguém na maioria assumem formas de depósitos de lixo ou espaços degradados pelo tempo.

Finalizámos a nossa conversa com a crítica de Janice Perlman ao teleférico do Complexo do Alemão. Embora tenha sido uma encomenda política, a de trazer um teleférico para uma favela carioca, depois do Prefeito da altura ter visitado o *Metro Cable* de Medellin, e em parceria com o *atelier* Metropolitano concluírem que o Complexo do Alemão era o sítio mais favorável para colocar essa ideia em prática, o arquiteto Jauregui declara que o projeto é bom para a mobilidade do morador da favela e que promove o encontro das comunidades. Apesar de ser do seu conhecimento de que há outras necessidades no Complexo do Alemão, com o valor do investimento do teleférico não seria possível dar saneamento, melhorias habitacionais ou mesmo infraestrutura a todas as comunidades. Portanto, o arquiteto Jauregui encara esta exigência política como uma mais-valia em fazer algo que beneficiasse todas as comunidades do complexo. Mais do que isso, e encarando-o como bónus, vê o teleférico como um elemento que promove o turismo e que bem trabalhado traz receita para o Complexo do Alemão. Por fim, refuta que talvez possa estar ao abandono por parte dos moradores do Complexo devido à falta de manutenção, consequência da falta de lucro.

16 Março 2016

No exato momento que começo a escrever, uma agitação faz-me ir à janela. Uma manifestação de tachos, apitos e gritos contra Dilma Rousseff, por ter nomeado Lula da Silva como Ministro, acontece. No dia 13 de Março, já havia presenciado a comum manifestação da marcha nas ruas mas este outro tipo de manifesto é novo para mim. Durante

cerca de dez minutos, os cariocas da zona sul, vieram para as suas janelas exibir o seu descontentamento com a sua Presidente, enquanto ela discursava em direto para o Brasil.

Conto agora este dia esgotante da visita ao Complexo de Mangueiros. O propósito era o de visitar os projetos do arquiteto Jauregui como a Escola Compositor Luiz Carlos da Vila, a biblioteca, a rambla e um núcleo habitacional.

De manhã, o ponto de encontro era no Largo do Machado em frente à Igreja, às 10h30. Ao sair da estação avistei Camille, uma nova estagiária do *atelier*. Os seus cabelos curtos louros e a tatuagem de um cubo no braço esquerdo denunciaram-na. Ao longe Jen, de vestido vermelho e Marie acenavam. A informação possuída era a de seguir pela rua das Laranjeiras até ao final, sempre do lado direito. O autocarro seria o 402 e deixar-nos-ia mesmo na entrada da escola. Na paragem aguardámos o autocarro. Durante sete minutos autocarros iam chegando mas nem sinal do 402. Percebemos que haviam autocarros que subiam diretamente para uma ponte à nossa frente sem passar naquela paragem e portanto era possível que a paragem do 402 fosse mais atrás já que não era unânime por parte dos motoristas ou das pessoas que o autocarro parasse ali.

Entre não e sim acabámos por caminhar no sentido contrário ao dos autocarros na esperança de o encontrar, já que aqui nas paragens é raro encontrar qualquer tipo de informação fidedigna. Dez minutos depois, não havia sinal de paragens de autocarro ou pessoas a quem pedir direções e o telemóvel parecia estar tão confuso quanto nós. Ao fim de vinte minutos a caminhar sem saber para onde, Camille pôs-se no meio da estrada e fez parar um autocarro. Já em andamento percebemos que aquele autocarro não ia para o destino, ainda assim, discretamente aproveitámos a boleia para a paragem de origem, de onde partimos à procura do autocarro. Tentámos encontrar um outro autocarro, o 445, mas não havia sinal da paragem. Mesmo quem passava na rua não nos conseguia ajudar. Estava muito calor e estávamos cansadas de caminhar.

Decidimos voltar para perto do ponto de encontro, mais especificamente na rua do Catete, uma rua larga ladeada de edifícios de várias cêrceas e estilos arquitetónicos, com árvores. Debaixo de uma sombra,

no passeio reduzido a escassos centímetros pelos vendedores com as suas bancas montadas, tentámos pedir informações. Os senhores discutiam uns com os outros e bombardeava-nos com informações mas que eram contraditadas por alguém a cada dez segundos. Não havia consenso em como chegar lá, apenas a concordância de que o nosso destino era *um sítio perigoso, cheio de bandidos e armas grandes*. Acabaram por nos sugerir que fôssemos até à avenida perto da praia, onde tínhamos de esperar pelo 472. Ficámos à espera uns vinte minutos onde apenas o 309 passava à nossa frente. Prontas a desistir e a convencer-nos de ir almoçar e beber umas cervejas avistámos o 472 do lado de lá da estrada. Assumimos que passaria ali também. Cinco minutos depois, apareceu. Entrámos e mais uma vez o motorista disse que não era aquele o autocarro certo e que tínhamos de o apanhar no centro. Cansadas de andar, e porque o centro ainda ficava longe de onde estávamos, fomos naquele autocarro.

Descemos no centro e esperámos pelo autocarro que, honestamente, não recordo o número. Atrás de nós havia uma escola e em frente uma grande avenida. Do lado de lá um longo edifício branco que era uma biblioteca. Uma menina, com ar um pouco assustado, perguntou o que estávamos ali a fazer e sem que respondêssemos disse que devíamos ir embora, que não era seguro estarmos ali. Olhámos á volta e sentimos olhares curiosos e ameaçadores de grupos de rapazes que nos observavam sem que nos tivéssemos apercebido. Sem questionar começámos a andar, mas a curiosidade fez-nos olhar para trás e eis que avistamos o autocarro. Marie e eu desatámos a correr, no meio da avenida, com carros a passar de um lado e do outro, para parar o autocarro. No meio da estrada, e quase a sermos atropeladas atiramo-nos para dentro do autocarro. Já dentro do autocarro questionámos se parava em frente à Escola em Manguinhos. A resposta afirmativa do condutor faz-nos acenar para Jen e Camille que desatam a correr para entrar no autocarro. Ao fim de cerca de três horas estávamos finalmente a caminho de Manguinhos.

O trânsito estava caótico. Em quarenta minutos percorremos cerca de dez metros. Já a desesperar, o autocarro começa a andar e o trânsito a fluir. Durante o caminho fui olhando para o lado de fora, tentando criar memórias visuais caso a missão falha-se. Enquanto isso, os cabelos louros de Marie e Camille chamavam a atenção de pessoas que, atrevidamente, questionavam o porquê de estarmos ali. De face voltada para o lado de fora do autocarro continuava a observar a mutação da



76. Biblioteca, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, 2011



77. Biblioteca, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, 2016

paisagem. O asfalto ficou para trás e no lugar dele apareciam agora as favelas. Casas rudimentares e verde marcavam o compasso da paisagem, as ruas diminuía de tamanho e as “não-regras” apareciam. Esta paisagem poderia ser familiar se não fossem os homens armados, de óculos de sol e sem t-shirt, na laje das casas. A única concordância dos senhores da rua do Catete, a quem pedimos informações, começava a fazer sentido. Tentei abstrair-me do que estava lá fora conversando com a Marie, omitindo-lhe o que vira já que ela não se apercebera, e com as duas senhoras que se tinham junto à conversa. Tentavam perceber para onde íamos e discutiam entre si qual o melhor caminho para ir e para voltar, ainda assim dizendo que *de tão arrumadinhas que estão, serão assaltadas com certeza*. Nós que tínhamos vestido roupas velhas e esburacadas(!) À medida que a viagem decorria, um a um iam-nos deixando, pois tinha chegado a paragem deles. Primeiro o senhor que trabalhava na Prefeitura, depois a professora. A que sobrou foi uma senhora, já velhinha, de cabelos cinza e costas arqueadas, que nos disse que fazia gosto em escoltar-nos até à escola.

Assim que saímos do autocarro, não só os olhos de dentro do autocarro se despediam, sem pestanejar, como os que nos recebiam agora da rua. A senhora simpática que ficou connosco aconselhou-nos a ficar unidas e não falar com ninguém. A ida à escola foi anulada devido a uma greve de professores justamente naquele dia. Seguimos caminho em direção à biblioteca que se encontrava mesmo ali por trás. O grande jardim, das fotos do livro do arquiteto Jauregui, dava as boas vindas, embora estivesse muito sujo. Assim que chegámos à escola fomos absorvidas pelos olhares dos jovens que ali se encontravam. Como era a única nativa no português, fiquei encarregue de pedir informações, enquanto as outras três ficaram do lado de fora, reféns da curiosidade dos jovens e vice-versa. Ao fim de alguns minutos chegou uma senhora, Maura, assistente social. Despedimos-mos da senhora simpática que nos escoltou até à biblioteca.

Antes de dar início à visita, Maura, faz um breve discurso de apresentação. Maura, uma senhora de estatura mediana, morena de cabelos curtos e castanhos, sempre viveu em Manguinhos. Esteve presente desde o antes até ao agora. Explicou que aquele sítio era um armazém de cereais e mais tarde pertenceu ao exército. Não havia ali nada a não ser ruínas e lixo a céu aberto. Temeu que o projeto, em fazer daquela

ruína uma biblioteca e a adição de um núcleo habitacional, apesar de ambicioso provavelmente não iria funcionar já que a comunidade o via como um corpo estranho.

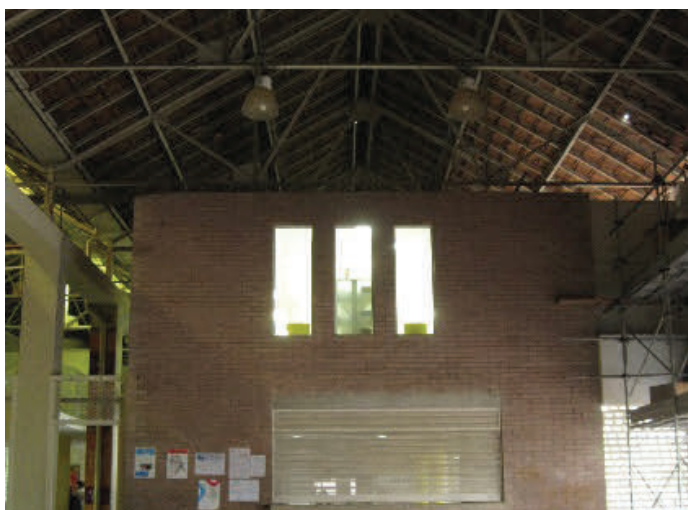
Quanto às habitações seriam construídas para alojar pessoas que viviam em zonas de risco ou em locais que interferissem com as novas intervenções. No entanto, muitos dos moradores saíram das suas casas contrariados e ainda hoje visitam os lugares das suas antigas casas que hoje são ruínas sem vida, ou simplesmente vazios urbanos, mas com memória. Memória dos que tiveram de abandonar o sítio que os viu nascer para um novo lugar que nada lhes diz. Para os mais velhos essa mudança foi ainda mais difícil, pois este novo lugar não lhes traz recordação ou ligação alguma. Na favela, quando se muda alguém de lugar tem de se pensar em coletivo e não individual. Se mudamos uma família de lugar, todas as outras que estão naquele raio com quem têm relações terão de ir de arrasto, para que não hajam quebras na esfera pessoal e pública das famílias. É importante que esses laços sejam mantidos. Os mais jovens tiveram a capacidade de se adaptar a estas mudanças, os mais velhos não, precisamente devido a essa quebra que houve. A área da casa também é uma crítica apontada pelos moradores. As novas habitações não seguem o modelo de expansão vertical da favela. Não há espaço para as famílias crescerem e a rigidez das habitações aprisiona-as à medida que o tempo vai passando.

Quanto à biblioteca, Maura esteve ali desde o momento zero. Mais uma vez partilha a sua honestidade dizendo que não acreditava que aquele espaço fosse sobreviver. Era preciso uma instrução muito forte.

*No começo era um espaço vazio, sem vida, sem interesse. Embora a comunidade, no princípio o achasse muito suntuoso e isso os afastava do equipamento (...) foi feito todo um trabalho de pertencimento do bem público com os moradores.*⁵⁹

⁵⁹ Maura, assistente social

Hoje, passados seis anos, é um espaço dinâmico, com os seus defeitos por corrigir, mas acima de tudo é um espaço forte que acolhe quem lá quer estar. O lema daquele sítio é dar a escolher se querem ou não pertencer a ele, ou seja, ao contrário da escola, crianças e jovens escolhem ir para ali por sua iniciativa. Há imensas atividades, muito semelhantes às da escola mas a diferença é que o que na escola é obrigação,



78. Sala polivalente, Biblioteca, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



79. Sala de leitura (0-10 anos), Biblioteca, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



80. Sala de leitura informal, Biblioteca, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

ali é escolha. Sem que sejam forçados, acabam por escolher um tipo de ensino semelhante ao escolar mas a decisão é posta nas suas mãos e eles sentem o peso de uma decisão. Mais do que sentir que a biblioteca é um espaço que lhes pertence, desenvolvem perante ela um instinto de proteção e, conseqüentemente, estimam-na. Para além disso há manutenção constante, o que lhes faz acreditar que quanto mais contribuírem para a preservação do espaço melhor para eles. As obras que são feitas pelo governo acabam por não ter manutenção e são deixadas ao abandono, *acabando por ser de ninguém, e quando assim é, ninguém cuida.*⁶⁰

⁶⁰ Maura, assistente social

Explicou-nos que no sítio onde se insere a biblioteca e a escola, para além das novas habitações, há também um posto médico, um complexo desportivo com piscina e campo de jogos.

Entrámos no *hall* da biblioteca. Do lado esquerdo, depois de um pequeno corredor, passamos para um espaço amplo, destinado à dança, que está a ser decorado com gravuras que são executadas por um profissional e pelos jovens. Aqui há muitos cursos como fotografia, pintura, dança, teatro, sendo os trabalhos depois expostos por toda a biblioteca para reforçar o sentido de pertença. Entrámos por uma porta escura e encontramos a sala de cinema/espetáculos. Apesar de, pontualmente, ser usada como cinema, o teatro é o que mais público chama, isto porque os atores na sua maioria são moradores da própria comunidade.

Por detrás da receção há uma sala que vai dos 0 aos 10 anos. Há livros, um papel enorme na parede com um tema para desenhar, mensagens espalhadas pela sala, computadores e cadernos que são pequenos diários das crianças. Ali o objetivo é o de corrigir as lacunas da escola para depois poderem usar os restantes espaços da biblioteca à medida que vão crescendo. Há muitas crianças que não gostam de ler na escola mas chegam à biblioteca e o sentimento é o oposto, pois têm com quem partilhar essa leitura. A criança que aprende a ler quer partilhar com alguém esse gesto, encontrando ali essa partilha e a atenção para esse ato. Infelizmente, hoje a sala não estava em funcionamento. À saída, dois meninos, que queriam entrar, deixam cair os ombros de aborrecimento quando encontram a porta fechada. Esse gesto foi de alguém que queria estar ali e que se importa quando não pode. Do lado direito do edifício a sala de leitura informal, muito dinâmica, de cores claras, com muitos livros nas prateleiras, arrumada, limpa e arejada. O cheiro de



81. Núcleo Habitacional (fachada principal), Complexo de Manginhos, Rio de Janeiro, Brasil



82. Núcleo Habitacional (fachada posterior), Complexo de Manginhos, Rio de Janeiro, Brasil



83. Rambla, Complexo de Manginhos, Rio de Janeiro, Brasil

tinta fresca perfumava aquele espaço. A rampa para o acesso superior estava em manutenção. Dois moradores retocavam o amarelo. No andar de cima, a sala de leitura formal, gabinete de serviços e uma sala que foi acrescentada.

Ao fim de seis anos, Maura ainda não pode afirmar que aquele espaço será levado a bom porto mas por enquanto está num bom caminho. A apropriação do espaço está a correr muito bem e ao fim deste tempo a comunidade adotou este espaço e o sentido de pertença vai sendo vincado a cada ano que passa. *Atualmente esse equipamento é um dos mais respeitados no território. Essa apropriação se deu através da mediação da cultura local.*⁶¹

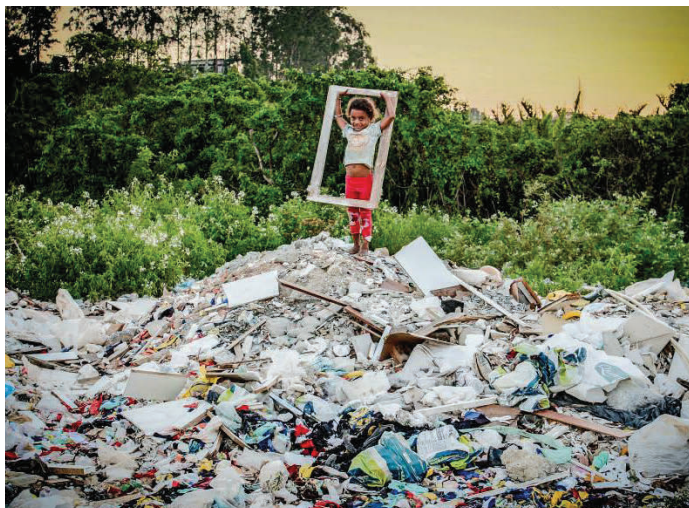
⁶¹ Maura, assistente social

Ao acabar a visita Maura oferece-se para nos levar até ao metro. À semelhança dos conselhos anteriores dados pelas pessoas do autocarro, mais uma vez disse que não era seguro andar por ali porque eramos nós agora o corpo estranho para a comunidade. Levou-nos no seu carro, de cinco lugares, preto, que ficava destrancado no estacionamento da biblioteca.

Antes de ir, caminhámos até às habitações. Ao contrário da biblioteca, aquele espaço estava entristecido. O rosa que cobria as fachadas estava gasto. Os jardins sujos e sem uso. Baloços abandonados. Mais uma vez, e à semelhança da Rocinha, no piso térreo das habitações encontra-se um gradeamento adicional.

A caminho da estação de metro passámos pela elevação do trecho de 2km da linha férrea, que daria lugar à famosa rambla. Os desenhos do arquiteto Jauregui gravados na memória de uma rambla dinâmica, que promovia a união entre as comunidades, eram na realidade vazios. O espaço onde supostamente 35 000 m² trariam serviços, comércio, conforto e segurança para a circulação dos moradores, estava ao abandono. Era sim usado como estacionamento, depósito de lixo, lugar para os sem-abrigo e mural de grafitis.

Quando chegámos à estação, despedimo-nos, agradecemos a ajuda a Maura e trocámos contactos. Já dentro da estação, famintas, comprámos uma porção de pão-de-queijo que era vendido por apenas R\$2. Antes de descer, sugeri que ficássemos um pouco a disfrutar da música tocada pelo senhor de acordeão e chapéu. Não soube reconhecer



84. Criança brincando numa lixeira, Favela Jardim Gramacho, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil



85. Favela Jardim Gramacho, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil

o estilo de música, mas aquele trautear encantador cativou os ouvidos.

Entrámos no metro. Senti que podia respirar de alívio daquele tenso e longo dia. De volta para o asfalto, como era um metro de superfície, a nossa paisagem era um oceano de favelas. Para qualquer lado que olhasse lá estavam elas devolvendo o olhar.

19 Março 2016

⁶² Teto é uma NGO que busca superar a situação de pobreza em que vivem milhões de pessoas nas comunidades precárias, através da ação conjunta de seus moradores e jovens voluntários.

Hoje foi o dia de ação na Teto,⁶² na primeira das três fases da construção das casas de emergência: Pré-Logística, Construção e Pintura.

Às 6h40 da manhã, voluntários da Teto encontraram-se na Estação Central para a primeira fase, a pré-logística, que consistia em descarregar camiões de material nas favelas assinaladas. A favela atribuída foi Jardim Gramacho, que se situa no município Duque de Caxias no estado do Rio de Janeiro, a norte.

Eram cerca de 7h45 quando arrancámos de autocarro. Quarenta minutos depois, saímos no meio de nenhures. À nossa volta ervas e canas altas, e apenas uma estrada de terra batida. Antes de avançarmos, os voluntários mais experientes partilharam conselhos: andar sempre identificado e em grupo, não fotografar e controlar o nosso olhar foram os mais vincados. Em Jardim Gramacho não existe UPP e por isso é importante salvaguardar os nossos impulsos para não interferir no quotidiano da comunidade.

Seguimos pela estrada de terra batida humedecida pelas chuvas do dia anterior. Ao nosso lado, calcando a vegetação, iam surgindo depósitos de lixo onde crianças brincavam. Barracos, onde pessoas viviam, feitos com paletes de madeira, metais e contraplacados encontrados na lixeira, erguiam-se do chão. Ao fim de algum tempo a caminhar, os barracos foram-se mutando. Eram agora casas de tijolo. Ali ao lado, um parque infantil, toscamente construído, em madeira castanha escura, era ocupado por crianças e suas mães. À medida que caminhávamos homens, mulheres e crianças seguiam-nos. Embora não estivessem surpreendidos com a nossa presença não escondiam o entusiasmo. Não era a primeira vez que voluntários da Teto cons-



86. Voluntários da Teto, Favela Jardim Gramacho, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



87. Descarregamento de material, Favela Jardim Gramacho, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

truíam em Jardim Gramacho.

Durante a caminhada, apercebi-me que os depósitos de lixo ordenam o território. Em torno deles surgem pequenos núcleos de casas que vão formando um rizoma que percorre Jardim Gramacho. A comunidade vê nos depósitos de lixo uma fonte de rendimento, e por isso quanto mais próxima estiver, melhor.

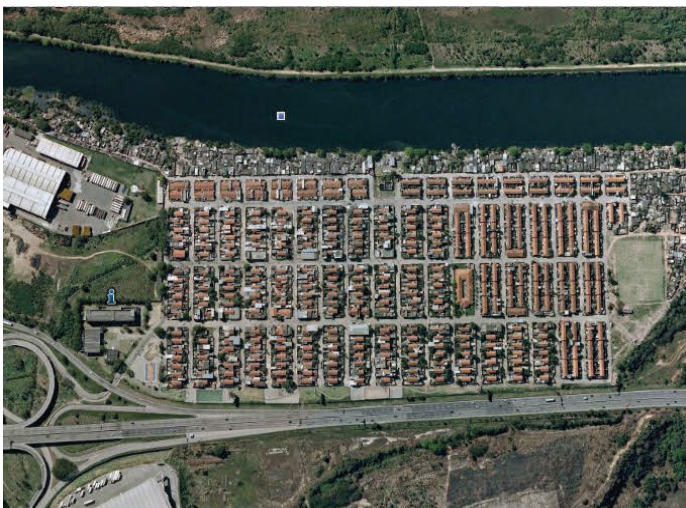
No cimo da estrada, à esquerda, na sombra de uma grande árvore, pessoas da comunidade esperavam-nos. Um camião com uma pilha de madeira aguardava ser descarregado. O sol já estava alto. Enchemo-nos de protetor solar e água, calçámos as luvas e pusemos mãos á obra. Embora a organização ficasse aquém, por parte dos voluntários que orientavam a operação, uma a uma, as peças de madeira iam descendo do camião. A mão-de-obra por parte dos homens da comunidade era imprescindível. Trabalhavam duas vezes mais rápido que os voluntários e descarregavam as vigas de madeira diretamente com as mãos sem que nada as protegesse.

O cansaço começava a abater-se. Parámos para beber água e conviver junto da comunidade. Jennifer, uma menina descontraída de quinze anos, fumava junto da sua mãe de trinta. Refilava com os voluntários que bebiam água tocando com a boca no gargalo das garrafas, afirmando não ser higiénico. As pessoas da comunidade distanciavam a garrafa da boca e suavemente a inclinavam deixando cair a água. Ironicamente, aquela menina de quinze anos ensinava aos que vinham do asfalto a partilhar a água.

Voltámos ao duro trabalho. Ainda nos faltava cerca de meio camião para descarregar. Os gritos de perseverança motivavam os voluntários e a comunidade. Embora, os braços e ombros, já escaldados do sol, estivessem fracos e doridos, a felicidade vinda dos olhos e sorrisos das famílias eram estímulos corporais. Ao meio dia, o camião arancou. Tínhamos acabado ali e dirigíamo-nos agora para uma outra célula da favela para fazer um segundo descarregamento, e depois um terceiro. Alguns voluntários seguiram em cima do camião, incluindo eu. Observava agora Jardim Gramacho de uns metros mais acima. Ao longe, via-se o rizoma. Os barracos iam espreitando por entre a vegetação alta. Alguns muros iam surgindo e definiam lotes vazios. A estrada permanecia em terra batida. Crianças iam seguindo o camião



88. Voluntários Teto, Favela Jardim Gramacho, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



89. Favela Parque das Missões, Rio de Janeiro, Brasil



90. Voluntários da Teto, Favela Parque das Missões, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

gritando *Vai Teto!*

⁶³ Para melhor entender o trabalho da NGO Teto, ver Anexo: Entrevista ao Diretor da NGO Teto Rio de Janeiro, p. 215.

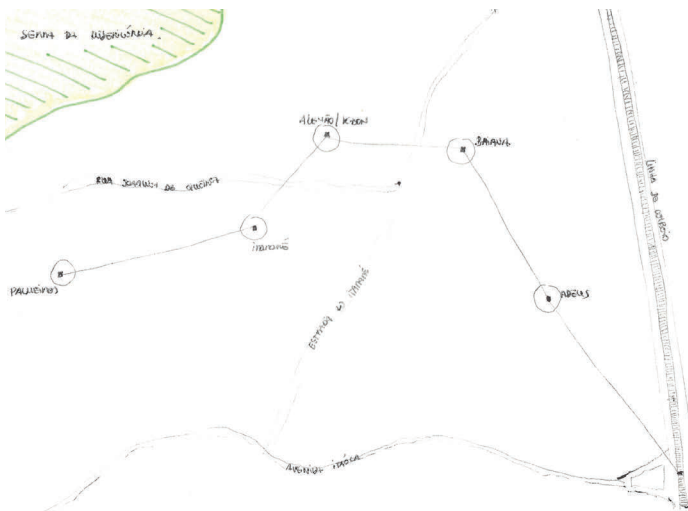
O segundo sítio onde se descarregou material tinha, num raio bem próximo, casas construídas pela Teto. O projeto destas casas é básico.⁶³ De uma área de 3x3m ou 6x3m, erguem-se quatro paredes e um telhado de um ou duas águas, sendo que as laterais cegas, a frontal com uma porta e uma janela, e a posterior com uma outra janela. Uma das casas que já estava construída há uns anos tinha uma pequena adição: um alpendre que cobria toda a fachada principal. Nele, sentado numa cadeira, estava um senhor observando. Logo se levantou e cumprimentou alguns voluntários da Teto com um caloroso abraço.

Seguimos para o último local onde finalizámos a etapa da pré-logística, por volta das 13h30. O cansaço era fisicamente visível. Tinha sido uma manhã dura de trabalho. Tive necessidade de ir a uma casa-de-banho. Gentilmente, a senhora do último local deixou-me usar a sua. Um pequeno anexo agarrado à casa, sem janelas e com um buraco onde meia porta o cobria. A sanita era somente o vaso de porcelana, sem tampa, e estava pousada em cima de um buraco fundo. Não havia caixote do lixo, piaçaba ou descarga.

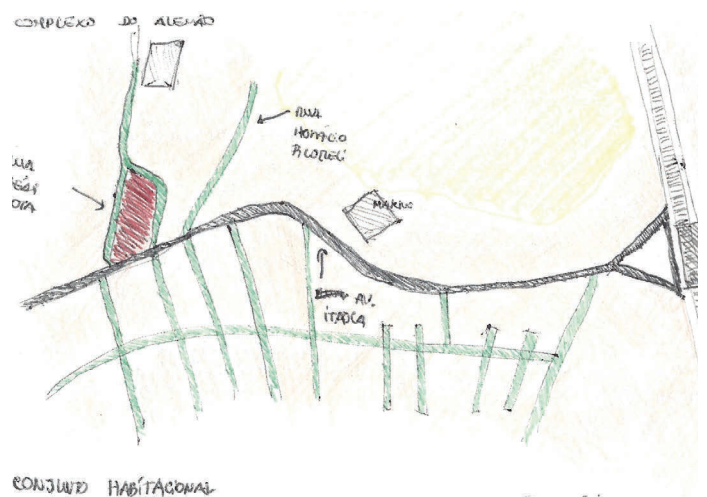
No caminho para o asfalto, recebemos uma chamada de auxílio de uma outra favela, Parque das Missões. Dos cerca de trinta voluntários que seguiam no autocarro apenas cinco se ofereceram.

Ao chegar ao Parque das Missões, pessoas da comunidade iam-nos saudando. As *t-shirts* que nos identificavam eram sinónimo de esperança. Sabendo que o camião com o material estava atrasado, famintos fomos à procura de um sítio para comer. Nesta favela, contrariamente à de Jardim Gramacho, há um ordenamento do território. A favela desenvolve-se em sistema de grelha onde as ruas são números. As casas não têm mais do que dois pisos e, ou são pintadas ou têm azulejos. Algum comércio está na rua mas a maioria é no piso térreo das construções. Encontrámos um pequeno restaurante. Na entrada, do lado direito um senhor saúda-nos. Fizemos os nossos pedidos e aguardámos na sala ao lado, retangular, de azulejos azuis, com uma abertura gradeada, virada para a rua. Já passava da hora de almoço e por essa razão o espaço estava vazio. Apenas um gato dormia numa cadeira.

Ao fim de uma hora, acabámos de almoçar e fomos ao encontro



91. Esquema: Estações do Teleférico, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



92. Esqueto: planta de implantação do Núcleo Habitacional, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

dos outros voluntários. Esperavam, junto da igreja amarela de vidros coloridos, que um segundo caminhão chegasse. Deitámo-nos no meio da rua deserta, a olhar o céu, e acabámos por contagiar os outros voluntários e as crianças. Para perto de mim veio uma menina, a Alessandra, com uns quatro anos de idade. Brincava com a forma das nuvens e chamava aos aviões, que passavam ali perto, de pássaros grandes.

O silêncio foi quebrado pela chegada do caminhão. Fizemos uma corrente que, aparentemente, funcionava mas que acabou por se partir. A desorganização dominava. Atropelamentos de vigas atrasavam o descarregamento. Uns trabalhavam sem parar, outros ficavam a ver. Não havia método, e assim queriam que continuasse já que qualquer conselho era ignorado. Ao cair da noite o descarregamento terminou. Regressámos ao asfalto num silêncio cansado.

23 Março 2016

Hoje, finalmente, foi dia de visitar o Complexo do Alemão. O objetivo da ida ao Complexo passava por visitar dois projetos do arquiteto Jauregui. O Teleférico, onde ansiávamos desmistificar as suas fortes críticas, e um Núcleo Habitacional. Ao contrário das outras favelas que até hoje foram visitadas, era preciso um contato para entrar no Complexo, já que era impensável circular solitariamente no conjunto de treze favelas que o compõem. O nome que o arquiteto Jauregui fornecera estava incontactável à semanas e a ida a Manguinhos fez-nos ganhar o contacto de Maura e foi com ela que se agendou a entrada no Complexo do Alemão. A visita ao Complexo do Alemão despertou a curiosidade de vários colaboradores do *atelier*. No total eramos seis, eu, Jen, Marie, Camille, Petros e Rodrigo. Combinámos às 14h em Bonsucesso, com Maura, na estação de comboio, que consequentemente é a primeira estação do teleférico, que nos escoltaria até Palmeiras, a última estação do teleférico.

Era cerca de meio-dia quando eu e Jen saímos do *atelier*. Tínhamos ficado de nos encontrar com Petros na entrada da estação de metro do Catete, e intercetaríamos Marie já dentro do metro. À chegada, avisámos Petros. Descendo a escadaria e já debaixo de terra esperávamos

por Marie, com o seu convertido atraso ao jeito brasileiro, apesar de francesa que é, para seguirmos viagem até à Estação Central.

Na Estação Central a percepção sobre aquele espaço alterou-se bruscamente. A primeira vez que estivera nele tinha sido às 6h40 da manhã para a atividade da Teto no dia 19 de Março, portanto, àquela hora e sendo um sábado, estava praticamente deserta. Mas hoje foi totalmente o oposto. Havia um mar de gente que dava uma outra dinâmica aquele espaço. Pessoas circulavam sem parar, fintando-se, sem nunca se atrapalhar. Pedintes não paravam de aparecer. Eram uns a seguir aos outros pedindo esmola ou para comer, ou para o filho que está doente, ou simplesmente pedir por pedir. Esperámos junto de uma banca que vendia pão-de-queijo. Não resistindo, acabámos por abastecer as mochilas com um saco ainda quente. Enquanto esperávamos fomos deambulando por aquele espaço onde a agitação reinava. Era um espaço de planta rectangular com grandes janelas, e que na sua maioria estavam cobertas de publicidade. Marie e eu comentámos que até seria um espaço bonito se retirassem as publicidades e deixassem a luz entrar.

Fomos para as bilheteiras comprar as “passagens” para os que ainda estavam por chegar não perderem mais tempo. Aqui não interessa saber para onde vamos, basta pedir uma passagem, pagar R\$3,7 e seguir viagem, já que este valor cobre qualquer distância.

Quase a entrar para o comboio, Rodrigo chega. O comboio arrancou por volta das 13h30. Era um comboio relativamente novo onde o ar condicionado circulava agressivamente. Dentro do comboio havia uma poluição sonora como nunca vi. Não por parte dos passageiros mas por parte dos vendedores ambulantes. Ao contrário do que acontece nos autocarros, em que entra um vendedor de vez em quando, faz o seu discurso, vende e sai, ali não paravam de aparecer. De um lado para o outro, gritavam sem parar. *Batata-frita, batata-frita, olha a batata-frita! Bala de banana, bala de banana! Olha a água ou refrigerante!*

Fui olhando pela janela, observando os sítios por onde passávamos. Recordo de ver crianças que brincavam num campo de futebol no Centro Olímpico de Mangueira. Na estação de comboio da Triagem, que parecida meio abandonada, uma rampa helicoidal desaguava no meio de uma favela. Relembro os prédios verdes que pareciam ser bem recentes e com o ADN do arquiteto Jauregui. Prédios amarelos degra-



93. Santuário da Penha, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil



94, 95. Interior do teleférico, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

dados com antenas parabólicas que decoravam as fachadas. Passámos por Manguinhos, onde a maioria das lajes era ocupada pelos estendais de roupa. Algumas casas tinham a laje fechada e outras não.

Sem dar pelo tempo passar, estávamos em Bonsucesso. Saímos do comboio e encontrámos Camille. Subimos as escadas e apanhámos uma outra escada, rolante, que nos levava diretamente à primeira estação do teleférico. Foi nesse pequeno compasso de transição que vi Maura e soltei o seu nome, num grito controlado.

Estranhamente não havia ninguém. Não havia ninguém a não sermos nós e um único funcionário que deu luz verde para entrar na cabine. Acompanhada de Jen, Camille, Maura e Rodrigo, entrámos na primeira cabine. Com a máquina fotográfica, comecei a filmar o percurso. A seguir ao arranque de Bonsucesso, na base do morro, situam-se fábricas. Suavemente, a escassos metros, fica-se paralelo ao morro de tons verde e cinza, onde pontualmente vão aparecendo construções rudimentares ao lado dos grandes pilares que suportam o teleférico. Depois de uma densa vegetação eis que se avista a estação de Adeus. Um edifício amarelo-torrado com cerca de dez metros que vai sugando as cabines para o seu interior. São apenas precisos alguns segundos para sair novamente da estação. Uma pequena aceleração feita pelo teleférico faz-nos mergulhar no Complexo. À nossa frente um longo mar de casas que assentam numa topografia irregular, que vão subindo e descendo os morros, desvanecem no horizonte. Quem ordena é claramente a topografia e o Complexo respeita isso. Ao longe avista-se o Santuário da Penha com o seu morro ainda virgem, sem qualquer construção. O olhar reto ilude para uma imagem claustrofóbica mas logo que se olha para baixo, a vista aérea do teleférico desmascara essa imagem. Ruas largas alcatroadas, com dimensão para dois veículos se cruzarem, casas organizadas em loteamentos, pintadas ou com azulejos, e lajes na sua maioria fechadas. À medida que a topografia se torna mais acidentada, as ruas estreitam, aparecem escadarias e as casas são agora rudimentares, mantendo-se apenas a caixa azul da água e a antena parabólica.

De estação em estação o Complexo do Alemão foi sendo desmistificado. Quando chegámos a Palmeiras, encontramos com a Alessandra, responsável pela Biblioteca de Palmeiras, que nos fez uma visita guiada e explicou a dinâmica do espaço. À saída procurámos Cléber, o



96. Vista da estação de Palmeiras, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



97. Extensão vertical (habitação), Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

contato que o arquiteto Jauregui nos indicara, mas sem sucesso. Apesar da sua banca estar montada, quem a vigiava era Anderson Lima, um rapaz mulato de sorriso contagiante. De apenas 23 anos de idade, Anderson, nascido e criado no Alemão, tinha uma visão muito intensa da vida.

Parecendo um poeta, que declamava poesia, enquanto olhá-vamos o complexo, Anderson explicava que felizmente teve cabeça e família que o levasse por um bom caminho. Perdeu muitos amigos no tráfico e agradece por não ter tido o mesmo destino. *Dou graças por estar colado em pessoas que pensavam fora da caixinha.* Subtilmente, eu inseria tópicos de conversa mas quase não era preciso pois a vontade dele em ser ouvido era tão grande que logo nos contou a sua história de vida.

Desde criança que brincava nas ruas do complexo e foi assim que foi descobrindo e memorizando aquele lugar. A criança logo que começa a dar os primeiros passos é “solta”. Ela brinca nas ruas, correndo de um lado para o outro, jogando ou inventando novos jogos, sem que ninguém lhe imponha limites. Trepa árvores, pedras, corre descalça escadaria acima, escadaria baixo, descobre ruas, vielas e passagens. *É assim os primeiros anos de vida das crinaças que vivem no complexo, anos de descoberta.*⁶⁴ Contou-nos que a escola é uma obrigação e que a maioria das crianças não gosta de obrigações, já que não é educado com elas. Os primeiros anos de vida são anos sem regras e indo para a escola é quase que tirar essa liberdade adquirida nos seus primeiros anos de vida. *Qual é o pássaro que aprende a voar e depois quer ser preso?*⁶⁵

⁶⁴ Anderson Lima, morador do Complexo do Alemão

O diálogo seguia com uma naturalidade contagiante. Explicou-nos que no complexo a prioridade para a construção é dada à habitação.

*Se queremos morar no complexo é errado chegar e ocupar um lugar. Embora alguns não cumpram, o correto é falar com a associação de moradores e eles arrumam um lugar para você ficar.*⁶⁶

^{65, 66} *ibidem*

Depois o processo é, construir um primeiro piso e caso se precise de uma extensão, porque a família está a crescer, deverá ser vertical. Quando se quer fechar essa extensão é feita a cobertura. Até lá a laje deverá ficar pura. Pintura e decorações, ou um tanque servindo de piscina, são secundárias. Na favela, a prioridade é um teto para viver.

Quando há um espaço maior, com o carácter de praça, na sua



98. Campo de futebol, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



99. Espaços de ninguém (lixeira), Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil

⁶⁷ Anderson Lima, morador do Complexo do Alemão

maioria é ocupado pelos carros isto porque as casas não têm garagem. Os espaços de encontro da comunidade são a rua, onde as pessoas encontram-se espontaneamente. *Há sempre um bar ou boteco que são os mais populares.*⁶⁷ E os campos de futebol que acabam por ter várias funções já que são espaços de grande área. No complexo, nada é desperdício, tudo é aproveitado para uma utilidade ou várias. A não ser os que se chamam de espaços de ninguém, que já nos havia sido ensinado pelo arquiteto Jauregui.

Questionei Anderson sobre viver fora do complexo, a sua resposta negativa foi acompanhada de um grande sorriso. Apesar de toda a dificuldade, é ali que pertence.

*Embora haja muito homem que vira criminoso lutando pela afirmação, pelo querer ser Deus de tudo aquilo, por outro lado há um sentimento de cuidar do próximo muito forte na favela. Se tiver de dividir um quilo de açúcar, a gente divide, se precisar de sítio para ficar, dá-se um jeito, nunca viram as costas. No asfalto não existe esse sentimento de ajuda ao próximo. Cada um sabe de si e somente de si.*⁶⁸

^{68, 69} *ibidem*

Interrogámos se o teleférico tinha melhorado o dia-a-dia no complexo, ao que me respondeu que *apenas 3% da população é que usa isso aqui, a verdade é essa. O pessoal já usa o transporte que já tinha, e depois há uns que têm medo de usar porque acham que não é deles.* Os transportes usados, como a *kombi* e o *motoboy*, fazem o percurso no mesmo tempo que o teleférico, no entanto, se houver engarrafamentos demoram mais. Ainda assim, os moradores que vivem do meio dos morros, onde se encontram as estações, para baixo, preferem usar esses transportes porque é mais fácil descer para apanhar um transporte do que subir. Os 3% dos utilizadores do teleférico são os que vivem do meio dos morros para cima. *O brasileiro gosta de viver na sua zona de conforto, prefere fazer o que já fazia antes em vez de inventar um outra coisa.*⁶⁹

Fechou o seu discurso defendendo que a UPP veio dificultar a vida na favela já que agora em vez de uma força há duas, e não se sabe a hora em que começa esse enfrentamento. Ainda assim, realça o lado bom da pacificação já que com ela chegou investimento por parte do governo em projetos sociais como a Praça do Conhecimento, o Cinema, a Biblioteca Parque, e até mesmo o Teleférico. Despedimo-nos e trocámos os contatos com a promessa de lá voltar e de Anderson nos guiar por



100. Anderson Lima com a autora, Estação de Palmeiras, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

dentro do Complexo do Alemão.

Rapidamente abandonámos a estação de Palmeiras isto porque uma tempestade se aproximava e quando tal acontece o teleférico fica paralisado. De regresso a Bonsucesso, as cabines com que nos cruzávamos continuavam vazias. Partilhava a cabine com Rodrigo e conversámos sobre o desinteresse da favela relativamente ao teleférico. Como Anderson nos havia indicado, apenas 3% das pessoas usam o teleférico. Ainda é um objeto estranho no complexo e ao mesmo tempo imponente. Discutimos sobre a hipótese das prioridades terem sido trocadas e de isso ser a principal causa para aquele fracasso. Acordámos que o tratamento de infraestrutura e saneamento, a requalificação de ruas de acordo com as suas características pensando em iluminação, passeios, pequenas injeções de espaços de qualidade com praças, que não deixassem que os carros tomassem conta desses lugares, era o principal. Só no final, o teleférico deveria chegar para amarrar todo o complexo. Ainda assim o investimento do teleférico deveria ser estudado meticulosamente já que, no complexo, as pessoas movem-se de *motoboy* ou *kombi* e um teleférico não parece acrescentar nada. Com o testemunho de Anderson ficou clara a crítica de Janice Perlman dirigida ao teleférico do Complexo do Alemão que defendia a teoria de uma exigência política e que nada acrescentava às comunidades que ali vivem.

Já na estação de Bonsucesso, apanhámos o comboio de regresso para a Estação Central. Vinha um pouco mais apinhado que o de ida, ainda assim os vendedores, embora fosse mais difícil circular na hora de ponta, vendiam de um lado para o outro, os seus sacos das batatas fritas, balas de banana e refrigerantes.

À chegada, na estação, uma multidão esmagava-se contra o lado direito do comboio. Era hora de ponta e a estação estava um caos. Felizmente, para evitar o confronto entre passageiros a querer sair e outros a quererem entrar, as portas do lado esquerdo do comboio abriram-se. Quando saímos fiquei a observar aquela multidão. Assim que as portas do esquerdo se fecharam e as do lado direito do comboio se abriram as pessoas correram para se sentarem. Era uma luta para ocupar os lugares sentados. Os que chegavam depois tinham de ir em pé, enlatados.

Ao sair da plataforma do comboio, sentimos que estávamos a ir contra a maré. Era uma imensidão de gente a querer entrar e nós a

Complexo do Morro do Alemão

MPU Metropolis Projetos Urbanos

ALE-PE-SV-PALM-RELA-01
Emissão Inicial: 30/06/2008

Tratamento de becos, vielas e escadarias – Relatório Fotográfico.

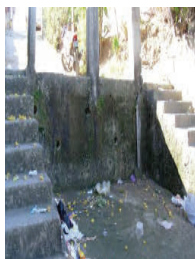


Foto 01 - Rua Augusto Borborema
Pequeno platô localizado no início do trecho de



Foto 02 - Rua Augusto Borborema
Detalhe de canalizações existentes e relação com soleira

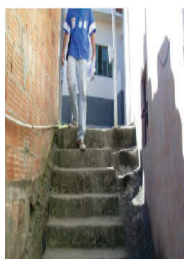


Foto 05 - Rua 07
Escadaria



Foto 06 - Rua 07
Final do trecho plano



Foto 09 - Rua 07
Detalhe escada



Foto 10 - Rua Convenção
Em direção a Rua Augusto Borborema, contenção



Foto 12 - Rua Convenção
Indo em direção a Rua Ti Contel, detalhe

querer sair. Encostámo-nos nas laterais para não perturbar aquela (des) organização em massa e seguimos o nosso caminho até casa.

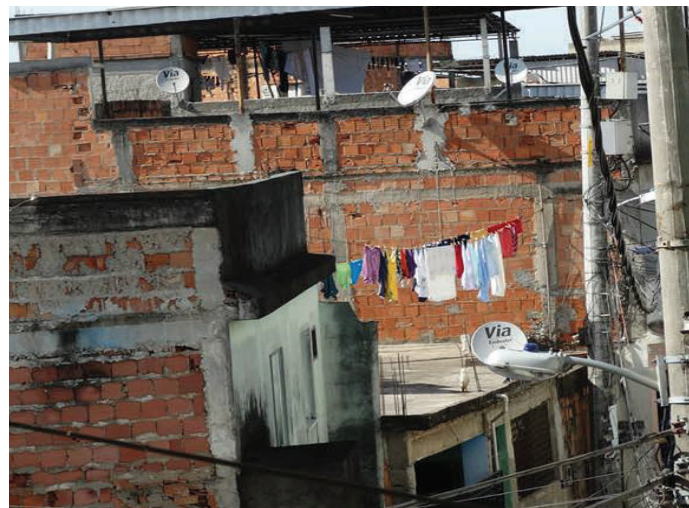
30 Março 2016

Hoje visitei novamente o Complexo do Alemão. Eram cerca de 11h quando encontrei Camille, Marie e uma amiga, na Estação Central para apanharmos o comboio até Bonsucesso. Embora não tivesse conseguido contactar Anderson, o rapaz que conhecera na anterior visita ao Complexo, fomos “à confiança” na esperança de o encontrar no mesmo sítio. Comprámos os bilhetes e por volta das 11h30 partimos. A estação e o comboio não estavam muito cheios. Prosseguimos viagem mais uma vez acompanhadas dos vendedores ambulantes que gritavam e andavam de um lado para o outro vendendo os seus produtos. Desta vez havia duas crianças despidas da cintura para cima e descalças, que pediam esmola pela carruagem. Pareciam ter uns sete anos de idade. Aqui é muito comum ver *moleques* de tenra idade, soltos, nas ruas da cidade.

Chegadas a Bonsucesso fomos de teleférico até à última estação, Palmeiras, onde esperançosamente acreditávamos encontrar o Anderson. Após uns cinco minutos de viagem, o teleférico parou. Numa cabine, a uns dez metros do chão, sem ar condicionado e um calor impossível, aguardávamos que o teleférico voltasse a andar. Durante esse tempo que estivemos “presas”, procurando-nos distrair fui explicando a Marie e Camille a descoberta que fizera sobre o projeto do Complexo do Alemão. Já era sabido que o *atelier* Metropolitano tinha elaborado um PDU para o complexo. A novidade é que, em conversa com Leandro, um colaborador do *atelier*, e com a exploração dos ficheiros que estão na rede do *atelier*, descobri que esse PDU tinha por base todo um trabalho de pesquisa feito junto da comunidade e para tal foi preciso a parceria com o Agrupamento 21 para serem feitos inquéritos que ajudassem a perceber a história das comunidades que constituem o complexo bem com as suas necessidades. A participação da comunidade no projeto foi fundamental, já que é ela a bússola do complexo. Uma outra novidade foram os vários documentos que encontrei com inúmeras ruas fotografadas e caracterizadas, onde era



102. Construções rudimentares, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil



103. Laje, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil

possível padronizar as favelas do Complexo do Alemão.

Entretanto o teleférico voltou a andar.

Assim que chegámos a Palmeiras encontrámos o Anderson e, para nossa sorte, o Cléber e a sua esposa Mariluce, contacto inicial dado pelo arquiteto Jauregui e que tinha sido impossível de localizar na nossa primeira visita. Mariluce é uma artista que faz do Complexo do Alemão uma tela viva. Com a ajuda das crianças, ela colore espaços de ninguém transformando-os assim em espaços que convidam a comunidade a se reunir. Na próxima quarta-feira, dia 6 de Abril, fará novas pinturas com as crianças e convidou-nos para ir até lá fazer parte desse trabalho.

Começámos a visita com Anderson. Embelezei-o com o microfone do gravador para ter a certeza de que gravava tudo o que ele dizia. Anderson, com um ar vaidoso, começou novamente a declamar a sua poesia enquanto olhávamos o complexo da última estação de Palmeiras, o mesmo miradouro da primeira visita. O orgulho com que falava do complexo e a satisfação em ter ali alguém interessado em conhecer outras realidades do Rio de Janeiro era sentido nas suas palavras.

Subimos ao teleférico e fomos até à estação de Itararé. Anderson lá de cima ia-nos explicando os sítios do complexo que íamos visitar. Quando passámos perto de sua casa inchou-se de orgulho e confessou como era *bom tomar banho de mangueira na sua laje*. Explicou que com a construção das estações do teleférico e dos postes que suportam os cabos de aço, algumas casas tiveram de ser removidas. Chegados a Itararé, foi lá que demos os primeiros passos dentro do complexo. Um nervoso miudinho era sentido. Era a primeira vez que entrávamos naquela atmosfera. Fomos andando pelas ruas de Itararé, mas só pelas principais. Os olhos das pessoas iam-nos seguindo e alguns miúdos mais atrevidos chamavam-nos de *gringos*.

As casas têm dois pisos no máximo e são parcialmente pintadas e toscas. Da base até ao topo da construção vai havendo um despojamento. Na base, as janelas têm moldura e vidro e há tratamento de fachada, à medida que se sobe a construção fica mais primordial. Na favela vai-se fazendo um lento *upgrade* das construções. Uma curiosidade que aprendi foi que também existem *ligações à gato* de água. Para o Complexo do Alemão há três reservatórios de água, e devido à falta



104. Ligações à gato, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil



105. Favela Itararé, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

de saneamento os moradores improvisam estas ligações aproveitando a água da chuva, para evitar ir até aos reservatórios e carregar, pela topografia irregular do complexo, litros de água suficientes para abastecer os contentores azuis situados na laje das suas casas.

Pela primeira vez, observei uma capela, que quase passava despercebida senão fosse a Cruz Latina na entrada. À semelhança de outras favelas, não havia passeios, o comércio era trazido para o exterior onde veículos e pessoas circulavam no meio da estrada sem se atrapalhar. Seguimos pela rua principal, sem nome, até um mural feito pela pintora Mariluce. Ficava ao lado de um café e como já era perto das 12h30 ficámos para almoçar. Era um espaço retangular dividido por um mobiliário metálico comum ao de uma cantina, e por mesas e cadeiras. Um plasma preto muito sujo e gorduroso, e duas gaiolas com pássaros, que faziam um barulho muito agudo sem parar, decoravam aquele espaço. As pessoas olhavam-nos não com ar ameaçador mas sim curioso.

Ficámos sentadas nas cadeiras cá fora. Estava muito calor lá dentro e o chilrear dos pássaros, que pareciam ser gritos desesperados para que lhes abrissem a porta da gaiola, eram muito agressivos para os nossos ouvidos. Discutíamos sobre o verdadeiro número de habitantes do complexo, argumentando Anderson que era de 300 mil contrariamente ao número oficial de 60 mil.

Marie colocou a questão da privacidade, ao que Anderson respondeu que *isso não existe porque na favela estamos todos em família*. Enquanto ouvíamos Anderson, eu olhava a rua, que me parecia bem familiar. Pela primeira vez, a ausência de passeios, os carros parados na berma da estrada e o sopro do vento a mover os ramos das árvores, soou-me a uma imagem familiar de uma aldeia portuguesa, onde todos se conhecem, se cumprimentam, onde os seus comportamentos não se atrapalham e o som do vento é capaz de se ouvir. A minha aldeia.

Quando acabámos de almoçar, quisemos apanhar uma *kombi*, e nem esperámos cinco minutos para que uma aparecesse. Anderson fez sinal ao motorista, mostrando cinco dedos. Ele abanou a cabeça negativamente e mostrou três dedos. Esperámos por outra que não tardou aparecer. Por ruas largas e estreitas, planas e íngremes, fomos de *kombi* até Nova Brasília. Uma favela mais desenvolvida do Complexo do Ale-



106, 107. Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



108. Praça do Terço (1969), Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil



109. Praça do Conhecimento (Praça do Terço), Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil

mão onde pessoas com mais de dois salários vivem. Ali a malha urbana é ortogonal irregular, as ruas largas são identificadas e têm passeios regulares, casas com três pisos de fachadas ou pintadas ou com azulejos, janelas envidraçadas e lajes fechadas. Aqui não há lugar para construções toscas.

Em Nova Brasília, visitámos a Praça do Terço, onde um conjunto de edifícios dinamizava aquele espaço. Entrámos num edifício denominado por Nave do Conhecimento, onde conhecemos Arlene, responsável pela Nave, que nos fez uma visita guiada e explicou o conceito do projeto. A Prefeitura do Rio de Janeiro deu início a um programa chamado Naves do Conhecimento, que passa por implementar edifícios de função pública em favelas. Estes edifícios têm o nome de Naves e estão preparados com equipamentos de alta tecnologia que estão à disposição da comunidade. Um dos locais de implantação de uma das Naves do Conhecimento foi a Praça do Terço em 2011.

Arlene contou-nos que dantes a Praça do Terço era um lugar onde lixo e traficantes coexistiam, um vazio onde ninguém vivia mas por onde muitos se viam obrigados a cruzar para chegarem às suas casas. A limpeza daquele local para a construção da Nave foi uma mais-valia para a comunidade, que viu a memória daquele sítio desaparecer ao se erguer um novo espaço.

A esta explicação uni a descrição que Janice Perlman faz no seu livro “Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro”⁷⁰ e percebi que a Praça conta três histórias. A primeira datada pelo menos entre 1969-1973 descrevendo a Praça como uma local de encontro da comunidade.

*The Praça do Terço was the only flat open space in Nova Brasília, so it is the natural gathering place for the community. At the time of my first study it was an unpaved area serving as a soccer field, site for community dances and parties (...) Nearly everyone passed through on their way to and from the main road. By 1973, in a misguided or punitive public works measure, the Praça was paved and the left side covered with corrugated metal roofing and turned into a garbage collection center with four enormous dumpsters.*⁷¹

A segunda, no intervalo de 1973-2011 relatando ser uma lixeira e local de tráfico, e por fim a terceira desde 2011 até ao presente, como um local de encontro da comunidade e construção de futuros.

⁷⁰ PERLMAN, Janice, *Favela: four decades of living on the edge in Rio de Janeiro*

⁷¹ *idem*, p. 100



110. Avenida Itaóca (vista do lado de dentro), Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



111. Avenida Itaóca (vista do lado de fora), Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016



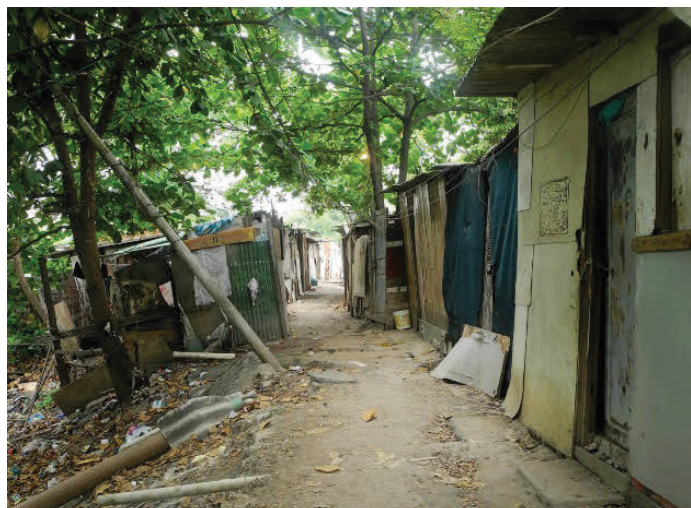
112. Núcleo Habitacional, Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

Arlene explicou que nos últimos cinco anos que passaram, houve um processo de chamar a comunidade e fazê-la perceber que aquele espaço lhe pertencia já que, à semelhança da biblioteca de Manguinhos, a comunidade olhava a Nave como um objeto estranho. A associação que dirigia a Nave dinamizou ainda mais os programas propostos pela Prefeitura, o que trouxe ainda mais movimento para o seu interior. Contudo, ao fim de cinco anos, a Prefeitura não renovou contrato com essa associação, mais uma vez *devido à chegada das Olimpíadas*, e a Nave encontra-se hoje estagnada.

Do lado de fora, a praça estava repleta de vida também. O parque infantil pertencente ao infantário que ali se situa estava inundado por crianças. Nos bancos ou muros baixos, grupos de jovens conversavam e riam. Murais de arte decoravam a praça. Mais do que ter vida, a Praça do Terço tem também manutenção, e isso faz com que o espaço esteja cuidado e que tenha perante os moradores um sentido de pertença.

Seguimos caminho até ao Núcleo Habitacional, colado à Avenida Itaóca, projetado pelo arquiteto Jauregui. A avenida é muito movimentada. Aqui os veículos e pessoas não se misturam. O comércio situa-se na berma da estrada ocupando todo o espaço entre via e edificado. Os comerciantes que vivem ali arrastam o comércio para fora e outros montam as suas bancas que fazem a fachada da avenida. Apenas um pequeno corredor de escassos centímetros é deixado para circulação. Quando ameaça chover, como era o caso do dia de hoje, cobrem aquele espaço com longos tecidos de cores encardidas.

O Núcleo Habitacional, contrariamente à favela que no seu estado puro se encontra ali mesmo ao lado, é silencioso. O seu território organizado, com ruas largas, vegetação e prédios altos, empacotou a favela destruindo-lhe a sua beleza natural. Nenhum ADN da favela foi trazido para este novo sítio. As vielas estreitas entre as construções da favela tomam aqui as dimensões de rua principal, e tem grama que está sem tratamento. A habitação tem uma construção rígida e que não se rege pelas regras da extensão vertical aquando do crescimento das famílias. A laje foi assim suprimida do dicionário destes moradores da favela.



113. Favela Parque das Missões, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016



114, 115. NGO Teto: pintura, Favela Parque das Missões, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016

2 Abril 2016

Hoje, voluntários da Teto encontraram-se na Estação Central às 6h40 da manhã, para a última fase da construção das casas de emergência: a pintura. A favela atribuída foi Parque das Missões, a mesma favela onde ajudara a descarregar material depois de Jardim Gramacho. Partimos por volta das 8h. Quando chegámos a Parque da Missões, dividimo-nos em grupos para a pintura. Um grupo foi destacado para proceder à desmontagem de uma casa construída em Setembro do ano anterior cujo seu morador tinha falecido. A Teto constrói uma casa mas quem a for habitar tem de estar envolvido na sua construção. É muito importante que o sentido de pertença seja incutido durante este processo pois só assim darão o devido valor, por isso, quando o morador morre e a casa fica vazia, a Teto não cede aquele espaço a ninguém, mas sim desconstrói e volta a construir com outra família.

Retomámos caminho até ao local onde os voluntários da Teto construíram as casas. Seguimos por uma rua por onde à medida que caminhávamos, do nosso lado direito, era possível observar as ruas retilíneas da favela. Ao fundo da rua, por entre caminhos estreitos de terra batida, iam surgindo barracos semelhantes aos de Jardim Gramacho feitos com restos de lixo ou paletes de madeira. Surpreendentemente, faziam uma frente, junto à margem do rio Pavuna. Pontualmente surgiam pequenas construções de tijolo, mas todas elas tinham apenas um piso e eram cobertas com chapas metálicas. Nesta parte da favela não existe extensão vertical. Se a família tiver de crescer, ou crescerá no piso térreo caso haja espaço ou continuará no mesmo espaço, já que as construções são muito frágeis, e também porque há bastante espaço na sua envolvente. A dimensão dos barracos vai assim variando.

A casa construída pela Teto é de 3x3m e será o local onde uma família de quatro pessoas viverá. Começámos a pintura. A cor eleita pela família foi o azul. Larissa, uma menina de seis anos, de personalidade vincada, pintava de forma entusiasmante. Passou a manhã conosco, ignorando os gritos de sua mãe a uns metros de distância que lhe ordenavam que se fosse lavar e vestir para a missa. Entretanto, dois meninos de tenra idade vieram para junto de nós alertando, de sorrisos postos, *que sua mãe a viria buscar pela orelha*. Larissa pegou em pedras e afastou os dois miúdos, gesto comum de acontecer, já que os mais velhos



116. Favela Parque das Missões, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016

que por ali passavam nada disseram. Insisti para que Larissa obedece-se à sua mãe, mas novamente ignorou. Minutos depois chega uma mulher negra, de calções e soutien cor-de-rosa, que gritava e esbofeteava Larissa na cara com a força de murros. Marie afastou-se chorando e eu e os outros voluntários baixámos as cabeças e continuámos a pintar. Sentia-me impotente por nada poder fazer.

Entretanto chamaram reforços para ajudar a desmontar a casa do senhor que falecera. O sítio onde a construíram era de difícil acesso e toda a ajuda era precisa. Quando retiraram as quatro paredes pude ver as funções de uma habitação compactadas num espaço de 3x3m. A meio havia um móvel com uma televisão que dividia o espaço em duas partes. De um lado um colchão coberto por um lençol encardido e ao seu lado uma bacia. Do outro lado um pequeno fogão branco, no chão, e um sofá vermelho. Os voluntários em silêncio iam desmontando a casa, ao som dos acordes de uma melodia entristecida que alguém tocava por ali.

Quando regressámos, avistámos Larissa que vinha cantarolando num ar vaidoso, com o seu vestido de cores fortes. Questionei se ela estava bem, ao que respondeu, com ar admirado, *porque não haveria de estar(?)* Percebi que era comum que aquele comportamento acontecesse. Fomos até ao interior da casa comer bolo que a sua avó, a dona Georgina, fizera e nos oferecera. Enquanto isso íamos partilhando as nossas histórias de vida. Despedimo-nos com abraços e uma fotografia para mais tarde recordar.

4 Abril 2016

Esta é a última semana no Rio de Janeiro. Sentei-me numa esplanada no calçadão de Copacabana, em frente ao escritório do arquiteto Niemeyer, e escrevi o meu dia.

Hoje fomos até ao Vidigal. O objetivo era o de visitar o Parque Ecológico, a Praça de Articulação Favela-Bairro que o arquiteto Jauregui desenhara e percorrer a trilha do Morro dos Dois Irmãos.

Por volta das 10h saí de casa. Tinha ficado de me encontrar com a Jen na Praça General Osório. Esta praça situada em Ipanema, entre



117. Miradouro do Leblon, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016



118. Praça de Articulação Favela-Bairro, Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil



119. Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016

as ruas Visconde de Pirajá e Prudente de Moraes, paralelas ao mar, e as suas perpendiculares, a rua Teixeira de Melo e a Jangadeiros, tem a mesma área que um quarteirão. É uma praça grande, com várias árvores e um jardim no meio com uma pequena fonte ao centro. Esta mesma praça que hoje está vazia enche-se aos domingos com o mercado, onde inúmeras bancas de roupa, bijuteria ou comida, dão-lhe uma nova vida.

Esperei por Jen, entre as estações A e B que estranhamente se distanciam por escassos metros. Vinte minutos depois avisto Jen com duas raparigas. Procurámos a paragem do autocarro que nos levasse até ao Vidigal, mas mais uma vez sem sucesso. Como a distância era curta e já estávamos em cima da hora para encontrar Marie, apanhámos um táxi.

Marie estava à nossa espera no Skol, um bar que fica na entrada da Avenida Niemeyer, com vista sobre o Leblon de um lado, e Vidigal do outro. Assim que nos aproximamos de Marie, vários empregados dos bares disputavam a nossa atenção. Sentámo-nos junto de Marie, que bebia a sua água de cocô, e acompanhámo-la bebendo uma também. Daquela miradouro via-se o verso e o reverso da medalha. De um lado, os bairros nobres do Leblon e Ipanema, e do outro a favela do Vidigal esculpida nas encostas do Morro dos Dois Irmãos.

A caminhada começou em direção ao Vidigal, lado a lado com a Avenida Niemeyer. O primeiro edifício que nos saúda é o Sheraton Grand Rio Hotel & Resort, virado para o mesmo mar, mas que aqui é de águas claras e areia muito branca. Demorámos cerca de quinze minutos até à entrada do Vidigal onde a Praça de Articulação Favela-Bairro, projetado pelo arquiteto Jauregui, se liga à espinha dorsal Avenida Presidente João Goulart e nos dá as boas vindas, bem como a enchente de *motoboys*, que nos tentavam convencer a usar o seu meio de transporte para a subida. Os R\$5 deles perderam contra os R\$3 da *kombi*. Esperámos durante uns cinco minutos que a *kombi* enchesse e subimos.

Durante a subida, à semelhança de outras favelas já visitadas, podemos observar que as casas da rua principal têm vários pisos, sendo o térreo destinado ao comércio. Os veículos circulam numa estrada com dois sentidos, que por vezes diminui para metade, e o seu passeio alto e irregular vai desaparecendo de um lado para aparecer do outro. Qualquer parede do espaço público é pretexto para um mural. É raro



120. Escadaria construída com pneus, Parque Ecológico, Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016



121. Parque Ecológico, Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016



122. Muralha de pneus em construção, Parque Ecológico, Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016

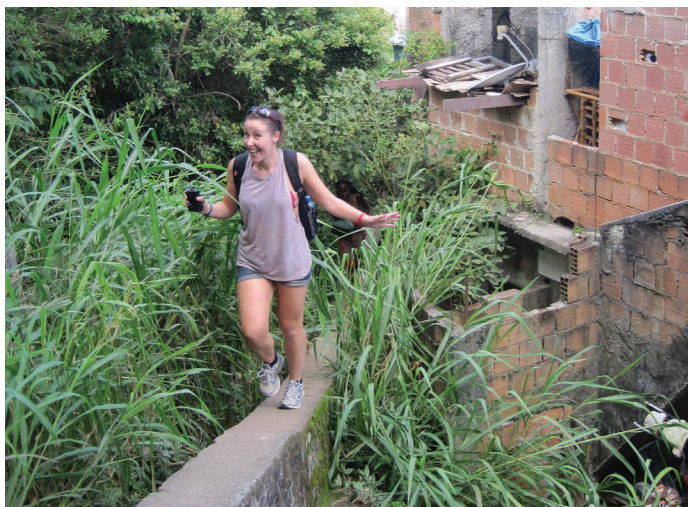
encontrar paredes sem cor. A *kombi* parou em plena estrada junto a uma placa que dizia Parque Ecológico.

Sáimos e começámos a descer por uma rua. Junto de uma pequena praça, avistámos o início de uma escada feita de pneus preenchidos com cimento, que ia serpenteando as árvores, e que nos acabou por levar ao portal de madeira do Parque Ecológico. Um espaço onde o verde é a cor predominante, bem como o uso de material do nosso quotidiano com novas funções. O Parque tem vários níveis definidos por áreas de cultivo, áreas de jardim, miradouros e lazer. Explorámos aquele sítio. Acabámos por encontrar uma rapariga que fazia um levantamento e trabalhava no atelier +D. Apresentou-nos ao fundador do Parque Ecológico, Mauro Quintanilha, nascido e criado no Vidigal que nos contou a história daquele sítio.

Durante vinte anos, o Vidigal acumulou cerca de dezasseis toneladas de lixo, incluindo eletrodomésticos, vigas de metal e um cemitério de animais e pneus. Ele e um amigo, preocupados com a saúde e bem-estar da comunidade começaram a limpar a área, em 2006. Com a ajuda de outros moradores, removeram o lixo durante um período de seis anos, acabando por perceber que a única maneira de preservar aquele espaço era cultivando-o. Como tinham encontrado uma enorme quantidade de pneus, usaram-nos na transformação do espaço, construindo escadas ou empilhando-os para criar locais de plantação. Durante este processo, como consequência das comuns chuvas tropicais do Rio, houve um deslizamento de terra, que trouxe uma descoberta aos moradores. A forma como acondicionaram os pneus revelou ser uma forte parede de suporte aos deslizamentos. A partir desse dia, foram moldando o espaço com a técnica casualmente descoberta.

O primeiro nível tem uma muralha construída com 380 pneus. Mauro mostrou-nos um novo nível que os moradores estão a construir há já uma semana e que levará outra para finalizar. Enquanto limpavam aquela encosta encontraram garrafas soterradas que já não se encontram no mercado.

Os dois moradores, que tiveram a ideia, em parceria com o *atelier* +D vão moldando o Parque Ecológico dando-lhe uma nova forma. Nas palavras de Mauro, *o atelier é como que um guia já que tem conhecimento para lhes poupar tempo e encaminhar da melhor forma possível nas suas ideias*



123. Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016



124. Extensão vertical (habitação), Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016



125. Vista sobre a Favela Rocinha, Morro dos Dois Irmãos, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016



126. Vista sobre o Bairro São Conrado (esq.) e a Favela Rocinha (dir.), Morro dos Dois Irmãos, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016

para o alargamento do Parque Ecológico do Vidigal.

Depois de almoço, despedimo-nos de Marie e apanhámos uma *kombi* que nos levou até ao início da trilha do Morro dos Dois Irmãos. Não havia indicações da trilha, e não sendo nós locais não sabíamos por onde podíamos ou não andar. Encontrámos um grupo de turistas guiados por um morador local que desciam, e pedimos indicações. É difícil perceber as indicações dos locais. Não há referências concretas e a leitura do espaço para quem vive no asfalto é mais difícil de entender. Acabámos por fazer equilíbriço num muro de trinta centímetros que dividia o morro das construções. Eu e Jen ficámos durante uns minutos a observar a laje que se estava a expandir ali mesmo ao lado. Ao fim de sete minutos naquele longo muro encontrámos a trilha. Uma subida íngreme com degraus desenhados pelas raízes das árvores. Alcançámos um *viewpoint* que nos dava uma vista aérea da Rocinha. Dali era possível observar o impacto visual do Núcleo Habitacional do arquiteto Jauregui e refutar a sua memória descritiva.

*Partindo da leitura da estrutura do lugar buscou-se “compor” com o existente, nem em oposição, nem mimeticamente, procurando uma “inserção soft” no contexto, provocando continuidade.*⁷²

⁷² JAUREGUI, Jorge Mario, Núcleo Habitacional da Rocinha (144 unidades): Encontro de duas lógicas. [consult. 10-03-2016]

Ao dar uns passos para a frente para fotografar a Rocinha, a vegetação ao meu lado esquerdo desapareceu e esse acaso foi suficiente para ficar frente a frente com mais um contraste desta cidade. Um contraste tão conforto que nos silenciou durante uns minutos. Desde cedo que nos estimulam o gosto pela vista aérea dos sítios no curso de Arquitetura. A primeira coisa que nos dão em qualquer exercício é uma planta de implantação, e desde cedo, melhor que ninguém, aprendemos a ler e a venerar esta imagem. Do topo do Morro dos Dois Irmãos, asfalto e favela enfrentam-se num silencioso duelo.

6 Abril 2016

Hoje foi a despedida do Complexo do Alemão. Acompanhada de Marie, Jen e Camille, seguimos até Bonsucesso, onde apanhámos o teleférico até à estação de Palmeiras. Tínhamos combinado ir pintar, com Mariluce e as crianças, uma pequena praça no Complexo do Alemão.



127. Vista aérea, Rio de Janeiro, Brasil

À semelhança das outras vezes, as cabines do teleférico estavam vazias. E hoje, estranhamente as ruas também. Eram cerca de 13h e não havia ninguém nas ruas. O Complexo do Alemão parecia ter-se petrificado. Assim que chegámos a Palmeiras, as bancas de comércio estavam a ser desmontadas e não havia sinal de Mariluce ou Anderson. Avistámos Cléber que com ar assustado nos questionou como tínhamos conseguido chegar até ali. Sem nos dar tempo de responder pediu que fôssemos embora. As UPPs do complexo ordenaram que não se saísse de casa hoje, já que estava a ser feita uma rusga com o objetivo de apreender droga e armas. A rua não era um local seguro já que trocas intensas de tiros tinham começado desde o início do dia. Cléber pediu-nos desculpa e desejou que fizesse boa viagem de regresso a Portugal.

Fizemos a viagem de retorno à estação de Bonsucesso, observando os homens vestidos de negro e armados até aos dentes a ocupar as ruas do Complexo do Alemão. Com esta imagem me despedi, uma imagem que faz parte do quotidiano de quem ali vive.

8 Abril 2016

Despeço-me do Rio com a vontade de querer ficar.

Primeiro estranha-se e depois entranha-se. O corpo demorou a habituar-se ao calor, à comida, às pessoas, ao asfalto e à favela. E agora que se habituou tem de partir. Dizem-nos que devemos sair da nossa zona de conforto pois é fora dela que a magia acontece. O problema é que quando saímos dela e vamos para outro sítio, esse novo sítio torna-se a nossa nova zona de conforto e não a anterior, e de lá não queremos sair. Não me quero separar das amizades, da favela, do mar, das trilhas, do pôr-do-sol por detrás dos morros, do açaí ou do pão-de-queijo. Desta viagem levo as memórias de seis semanas de aprendizagem, de aventura e de partilha. Agora, aqui do alto não há distinção entre favela e asfalto porque tudo brilha com a mesma intensidade. Transporto comigo um olhar de saudade ao me despedir das luzes da cidade que iluminam a noite. Fecho este meu companheiro de viagem com o desejo de um dia aqui voltar.

QUAL O PAPEL DO ARQUITETO(?)

O Governo Brasileiro, após perceber que a política de remoção de favelas não era a solução para travar o seu crescimento, criou um programa de urbanização de favelas, Favela-Bairro I e II (1994-2005). O arquiteto Jorge Mario Jauregui foi um dos arquitetos pioneiros do processo de urbanização em favelas cariocas e foi através do seu *esquema da leitura da estrutura do lugar*⁷³ que se traçaram estratégias gerais de intervenção.

⁷³ Esquema da leitura da estrutura do lugar, é o ponto de partida de qualquer projeto do arquiteto Jorge Mario Jauregui. [Ver Anexo: À conversa com o arquiteto Jorge Mario Jauregui, p. 203, questão 3]

No programa Favela-Bairro verificou-se um conjunto de limitações na implementação do programa. Quanto ao saneamento básico e infraestrutura, não bastou fazer obras, era necessário garantir a manutenção e o funcionamento permanente. A habitação, não teve o peso e a importância exigida na percentagem de novas habitações já que não considerou a precariedade de muitas habitações existentes, e mesmo o controlo das edificações falhou na medida em que para a elaboração dos projetos era exigida a elaboração de legislação específica que quase nunca foi aplicada. A mobilidade e acessibilidade ficou condicionada pelo “crime organizado” que controlavam os acessos de muitas vias devido à ausência dos representantes de ordem pública. Os equipamentos públicos foram concebidos apenas como “serviços” e não como objetos de qualidade arquitetónica, urbanística e ambiental. Pouca ou nenhuma atenção foi dada à questão paisagístico-ambiental nas favelas. Quanto

à participação comunitária foi nula, havendo apenas lugar para assembleias informativas. A comunicação foi um fator que falhou fortemente devido à ausência de uma política de comunicação social com o território das favelas e com a cidade. O trabalho social ficou caracterizado por ações pontuais sem nenhuma perspectiva de mudanças significativas nas condições de vida vigentes na localidade. Ainda assim, com estas limitações o programa Favela-Bairro representou a primeira grande experiência de política pública organizada de planejamento abrangente, criou um paradigma, internacional, na busca de articular as favelas às cidades e embora a participação comunitária tenha sido pequena e insuficiente representou o início do reconhecimento da população como agente do processo.

Posto esta primeira experiência, o programa Favela-Bairro sofreu um *upgrade*, a fim de eliminar as suas fraquezas, originando assim sucessivos e cada vez mais afinados programas como o PAC (2007-2020), Morar Carioca (2010-2020), e outros.

O PAC I incorporou os avanços do Favela-Bairro ampliando o seu objetivo e alcance. Exemplo de um programa ambicioso de atuação política em complexos de favelas, onde a construção de novas unidades, numa escala superior ao Favela-Bairro, e a introdução de equipamentos tais como Biblioteca Parque, escolas e UPPs, conferiram um novo significado ao lugar, funcionando como poderosos articuladores entre as favelas e o contexto. Representou um grande avanço ao articular a resolução da regularização fundiária com a libertação dos financiamentos para intervenções urbanísticas nas favelas. A questão ambiental também adquiriu maior peso do que no Favela-Bairro. Ainda assim, continuou a faltar articulação entre a política de urbanização de comunidades e uma política geral de segurança pública. A participação da comunidade nas decisões precisaria ainda de ser ampliada pois ficou reduzida às representações comunitárias com forte sentido de cooptação⁷⁴ política. Faltou integrar o programa a uma política pública bem estruturada e de melhorias habitacionais, bem como ações para geração de trabalho e rendimento.

⁷⁴ A cooptação é um sistema de organização pela qual uma associação qualquer de pessoas nomeia internamente os seus próprios membros, sem dependência de critérios externos.

Tanto o Favela-Bairro como o PAC I permitiram construir um acervo gerando uma forte fundação para o programa Morar Carioca. O novo programa veio garantir articulações consistentes entre os seguintes

fatores básicos na perspectiva da articulação socio-territorial. A criação de uma política urbana que incorpora todas as edificações, espaços públicos e agrupamentos de unidades habitacionais, foi feita segundo uma conceção urbanística que articula cidade, urbanidade e espaço público no mesmo ato de projeto, visando a ordenação do território metropolitano. Uma política habitacional onde os novos núcleos habitacionais foram construídos oferecendo as condições de localização, acessibilidade, transporte, serviços públicos e equipamentos sociais adequados.

O ponto de partida de cada novo projeto de infraestrutura e sistema viário teve por base a reformulação, extensão, complementação e requalificação tanto do sistema viário existente quanto das redes infraestruturais (drenagem, esgoto, abastecimento de água, eletricidade e recolha e tratamento de lixo). Os equipamentos públicos foram concebidos e tratados como serviços públicos de alta qualidade urbanística e arquitetónica. Para o meio ambiente, os projetos foram concebidos como oportunidade de requalificação e recuperação ambiental e paisagística. A introdução de equipamentos físicos, locais para a produção e venda de produtos e serviços, foi acompanhada do estímulo ao empreendedorismo e cooperação produtiva, incluindo o acesso a novas tecnologias de informação e comunicação. Foram ainda introduzidos equipamentos tais como bibliotecas públicas e escolas profissionais junto a centros de arte e lazer especialmente concebidos de acordo com a escala, as densidades e as características de cada comunidade e localização específica. As melhorias habitacionais foram tratadas como parte fundamental do programa e estão relacionadas com o projeto de urbanização de cada comunidade devendo abranger o total das edificações.

Quanto à participação comunitária, foram propostas alternativas técnicas e metodológicas para captar a vontade coletiva através de uma escuta qualificada. O trabalho social precedeu à implementação das obras e não como até então tinha vindo a ser feito, durante ou até mesmo depois das obras feitas, sendo assim procuradas e encorajadas novas formas de captar e incluir a participação da comunidade no processo. A comunicação teve uma especial atenção nas campanhas públicas, procurando a consciencialização tanto dos moradores da favela como do asfalto, a fim de favorecer uma aproximação e apoio ao programa. Era fundamental que um dos efeitos da implementação do programa Morar Carioca fosse a reestruturação do território metropolitano, gerando no

cidadão o sentido de pertencer a uma sociedade estruturada física e socialmente. Por fim, as UPPs vieram no sentido de mudar as condições de vida nas favelas fazendo com que as comunidades desfrutassem das mesmas condições de segurança do resto da cidade, articuladas com a urbanização das comunidades e com a geração de trabalho e rendimento, educação e formação profissional, e uma política de reinserção social.

Apesar de no Rio de Janeiro os programas de urbanização de favelas continuarem a sofrer constantes atualizações, tentando transformar os pontos fracos em fortes, há ainda muitas arestas por limar já que nem todos os projetos se destinaram ao sucesso mas sim ao fracasso. A visão de John Turner tem vindo a ser ignorada e talvez seja essa a fatalidade do projeto. O *esquema da leitura da estrutura do lugar* não está a ser respeitado em vários níveis, sendo o principal a habitação. Aprender a ver, a ouvir e a sentir a favela é essencial para a compreensão do lugar, e provavelmente os pensadores não são, ou não querem ser, totalmente envolvidos nesse processo, limitando-se a aplicar a aprendizagem adquirida, seja em que ambiente for. Turner condenava a rigidez arquitetónica dos conjuntos habitacionais e defendia que era possível colocar as comunidades no contexto urbano, sem provocar grandes oscilações na sua estrutura social e cultural.

Turner propõe assim três conclusões para os princípios da habitação. O princípio do autogoverno em habitação, onde Turner usa a analogia das casas com os motores dos carros, onde explica que embora uma casa seja de fácil montagem, o seu modo de habitar é muito complexo, já os motores dos carros embora muito complexos têm um propósito muito simples de transportar pessoas, ou seja, no fundo *what matters in housing is what it does for people rather than what it is*.⁷⁵ O segundo, o princípio das tecnologias adequadas ao contexto, onde Turner conclui que há uma confusão entre sistemas administrativos e auto governados e as suas consequências. Novamente usa a analogia dos motores dos carros e das casas, onde explica que é preciso massificar a reprodução dos motores dos carros através de grandes organizações, pois só assim terão sucesso, ao contrário das casas que devem pertencer a organizações pequenas, *economy of housing is a matter of personal and local resourcefulness rather than centrally controlled, industrial productivity*.⁷⁶ Por fim, o princípio do planeamento para a habitação através de limites que distingue duas maneiras de controlar as atividades das organiza-

⁷⁵ TURNER, John F. C., *Housing by people: Towards Autonomy in Building Environments*, p. 102-105

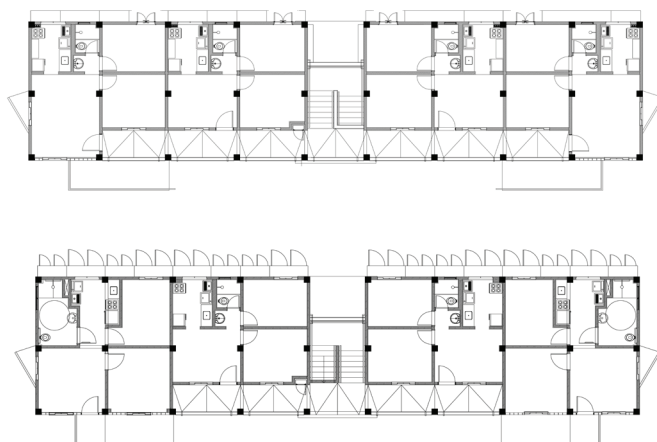
⁷⁶ *ibidem*



128. Extensão vertical da habitação, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil



129. Extensão vertical da habitação, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil



130. Núcleo Habitacional: planta do piso térreo (baixo) e planta piso 03 (cima), Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil



131. Núcleo Habitacional, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 2011



132. Núcleo Habitacional, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 2016

ções. De um lado, há um conjunto de regras e procedimentos que as pessoas são obrigadas a seguir, para que haja sucesso no seu controle, ou seja, tomando o exemplo dos carros, as pessoas têm de circular por um lado da estrada e seguir regras de trânsito, pois só desta forma é que evitam acidentes. Do outro lado, não existem regras e procedimentos a serem seguidos de forma a estimular as suas próprias iniciativas. Aqui apenas são dados os limites para as suas iniciativas. A partir do exemplo das casas, Turner defende, *people in their own localities have ultimate authority over housing, as investment and care depend on resources that only they can use economically.*⁷⁷ Por isso, a casa pertence a quem lá habita e que não se podem impingir modos de habitar, apenas se podem estabelecer limites. A liberdade de um começa onde a liberdade do próximo acaba e é esse o limite que é imposto e que não pode ser quebrado.

⁷⁷ *ibidem*

Na favela, as células familiares expandem-se verticalmente. Uma família possui uma porção de terra e constrói o primeiro piso da sua habitação, e é a partir daí que define o seu limite. A laje é deixada pura e quando a família necessita de mais espaço, e ao possuir o orçamento necessário para tal, crescerá para cima. As fachadas, rudimentares, vão sendo assim o reflexo das necessidades dos moradores. Essas células que vão crescendo, verticalmente, vão criando relações com as células envolventes. São nestes ambientes que nascem os princípios que Turner aborda, e é aqui que são conhecidos e respeitados. Então, é essencial questionar a razão de se criarem núcleos habitacionais como o da Rocinha, Manguinhos ou Complexo do Alemão, onde todos apresentam a mesma perda de informação, a ausência de um dos principais pontos da herança da favela. O princípio da habitação não é transmitido para os novos núcleos habitacionais projetados, mas sim uma vontade de “empacotar” este princípio em rígidas formas semelhantes às do asfalto.

Na Rocinha, cada bloco habitacional possui quatro pisos e tem capacidade para acolher dezasseis famílias, quatro por cada piso, ou seja, no total existem nove volumes, com estas características, que constituem o núcleo habitacional de 144 unidades. A organização de cada volume de planta retangular é feita através de uma escada central, onde simetricamente nascem dois apartamentos para ambos os lados. Cada apartamento possui quatro divisões, sala, cozinha e dois quartos. Ao nível do piso térreo, em cada extremidade, com uma área ligeiramente maior, encontram-se apartamentos para moradores Portadores



133. Núcleo Habitacional, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, 2010



134. Núcleo Habitacional, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, 2016



135. Núcleo Habitacional, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, 2016

de Necessidades Especiais (PNE) onde a entrada do apartamento, feita por uma pequena rampa, é virada para a rua. Nos restantes apartamentos a entrada está virada para um estreito deambulatório que tece um espaço comum dos apartamentos desaguando na escada central. Curiosamente, ao contrário da favela e à semelhança do asfalto, depois das construções serem inauguradas, foi adicionado, mais tarde pelos moradores, um gradeamento em todo piso térreo. Quer em todo o deambulatório no piso térreo quer na entrada de cada apartamento para moradores PNE foram adicionadas grades originando uma imagem semelhante à do asfalto, onde os gradeamentos são mediadores entre o espaço público e a habitação. Em alguns casos apareceram novas adições devido às necessidades de crescimento das famílias.

O núcleo habitacional da Rocinha, quer no projeto no Complexo de Manguinhos quer no Complexo do Alemão apenas muda de nome, já que o desenho dos apartamentos é o mesmo com a diferença de que são mais longos. O sistema é igual e embora as habitações estejam em três favelas diferentes, os moradores apropriaram-se da mesma forma, voltando a se verificar o piso térreo com gradeamento.

Estes núcleos habitacionais apresentados são o exemplo do que não deveria ser feito, mas que tem vindo a ser produzido em massa nas favelas do Rio de Janeiro. Por mais que os arquitetos, e outras entidades, queiram resolver os problemas com soluções capazes de serem produzidas em massa e implementadas numa escala industrial, os problemas do mundo atual são radicalmente diferentes. O arquiteto Yona Friedman, que tem vindo a analisar os problemas de habitação para os pobres durante sete décadas, afirma que *solutions are about the process and not the product (...) shelter is about “food and roof”, and that building alone is rarely the solution. Architects, therefore, can never supply the whole answer without a complex and lengthy engagement with specific social, political and economic conditions.*⁷⁸

⁷⁸ HEATHCOTE, Edwin, Venice Biennale: architects' social conscience. public. 20-05-2016. [consult. 01-07-2016]

Este tipo de arquitetura é um trabalho árduo, pois exige o desenvolvimento em colaboração com as comunidades, carece de recursos e, muitas vezes, a execução é feita em lugares *out-of-the-way*.

O melhor exemplo, do novo tipo de habitação social que usa as técnicas da favela é o conceito das *half-houses*, desenvolvido pelo arquiteto Alejandro Aravena, na Quinta Monroy, Iquique, bem como a Villa



136. Quinta Monroy (estado original e apropriação), Iquique, Chile, 2013



137. Villa Verde (estado original e apropriação), Construcción, Chile, 2013



138. Teleférico, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil

Verde, Constitución, no Chile. As *half-houses* são exatamente o que o nome indica, casas onde apenas uma metade foi construída deixando o seu negativo correspondente ao seu lado por construir, no qual os moradores poderão expandir conforme necessário e quando tiverem meios para tal. É permitido um *design* mais barato que o habitual e, igualmente importante, deixa a expressão arquitetônica definitiva para os seus proprietários, sendo o resultado uma fileira de casas muito diferentes adaptadas às necessidades individuais.

Para o arquiteto Jorge Jauregui, o ponto de partida deve ser sempre o *esquema de leitura da estrutura do lugar*, correndo o risco de que a sua incompreensão possa originar a fatalidade do projeto. Ainda assim, mesmo com o fracasso exposto, o governo brasileiro parece não o querer aceitar, já que continua a querer multiplicá-lo.

Um outro exemplo é o teleférico da Rocinha, que o governo estadual quer à força impingir à comunidade. Alan Brum, da NGO Raízes em Movimento, argumenta que não se deve cometer o mesmo erro duas vezes, baseando-se na experiência do teleférico do Complexo do Alemão onde alega que *no Alemão, o teleférico atende a apenas 7% da população de um universo de 140 mil pessoas. O foco no caso é no turismo, não no morador.*⁷⁹ O poder político parece querer ignorar que a ideia copiada do teleférico de Medellín (2004) e mais tarde de Caracas (2010) tenha sido um fracasso. Os pioneiros desta ideia eram sítios propícios a ela já que a topografia e a apropriação do sítio assim o exigia. O teleférico chegou para acabar com as longas escadarias. Já no Complexo do Alemão houve sempre uma rua com a largura suficiente para um *kombi* ou um *motoboy* se movimentar. Os moradores do Complexo do Alemão continuam com os velhos e funcionais hábitos de mobilidade e vêm o teleférico como um *elefante branco*.

⁷⁹ CECCON, Claudius, Rocinha diz não ao teleférico. public. 19-07-2013. [consult. Março 2016]

⁸⁰ LOPES, Bruno, Dois Séculos Tirando Vantagem: A História da Expressão “É Para Inglês Ver” e Seus Desdobramentos Modernos. [artigo original escrito por Patrick Ashcroft, public. 11-06-2015] [consult. 11-04-2016]

Patrick Ashcroft⁸⁰ refere no seu artigo publicado no Rio On Watch, que o famoso “segundo Pão de Açúcar”, ou seja, o teleférico que liga a favela Providência, à Estação Central do Brasil e ao bairro da Gamboa, um ano após a finalização da sua construção, não tinha nenhuma das gôndolas em funcionamento. Embora o seu lançamento tenha sido amplamente promovido, o seu funcionamento tem sido limitado, operando apenas por algumas horas na parte da manhã e da tarde.

O arquiteto Luiz Carlos Toledo desconstrói a ideia de que um



139. Plano Inclinado, Favela Santa Marta, Rio de Janeiro, Brasil



140. Esquisso: rambla, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil



141. Rambla, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, 2016

teleférico seja uma mais-valia para a Rocinha, argumentando que a tecnologia francesa utilizada no teleférico, é um investimento muito caro e que pouco ou nada sobraria para investir no saneamento básico, que defende ser a principal prioridade. Para além disso, o mecanismo do teleférico não é vantajoso para todos, já que chegado às estações não pára, diminuindo apenas a velocidade e dificultando, ou impedindo, a sua utilização a pessoas com restrições de movimentação. Por fim, defende a ideia inicial do plano de urbanização da Rocinha em 2007, de um plano inclinado, mais económico, funcional e que proporcionaria uma integração maior do que o teleférico, já que nas estações se poderia fazer uma boa quantidade de espaços de conveniência, de comércio e de atividades culturais sem provocar grandes alterações urbanas. O arquiteto traz o exemplo de sucesso do plano inclinado do Morro de Santa Marta, onde pessoas carregam compras, materiais para melhoria das suas casas e transportam lixo, como sendo a prova viva de que este equipamento, de custo inferior ao de um teleférico, trouxe melhorias à comunidade.

Um outro exemplo de fracasso é a rambla do Complexo de Mangueiros. O projeto de um Parque Linear desenhado por debaixo da elevação do trecho de 2 km da linha férrea, onde 35 000 m² trariam serviços, comércio, conforto e segurança para a circulação dos moradores, valorizando assim a região e criando novas oportunidades de convivência, é um completo vazio urbano. O sistemático erro de ler a favela como se lê o asfalto e de reproduzir os mesmos equipamentos é algo que precisa urgentemente de ser corrigido no *Slum-Upgrading* carioca e seguramente noutros lugares do mundo.

Ainda assim há projetos que estão, embora lentamente, a vingar. É o caso da biblioteca do Complexo de Mangueiros, que veio ocupar uma pré-existência da comunidade, a devolução da memória da Praça do Terço, em Nova Brasília, no Complexo do Alemão, hoje conhecida como Praça do Conhecimento, que fora roubada pelo tráfico, e a transformação de uma lixeira no Vidigal num Parque Ecológico reconhecido mundialmente.

O denominador comum para o sucesso destes projetos atribui-se à integração do conhecimento contextual da comunidade com incorporação de profissionais altamente treinados. A inteligência contextual de agentes da comunidade foi, ou continua a ser, sintetizada com o conhe-



142. Biblioteca, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil



143. Praça do Conhecimento, Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil



144. Parque Ecológico, Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil



145. Fotomontagem: Fábrica de Música, Favela Grotão, Complexo de Paraisópolis, São Paulo, Brasil

cimento acadêmico e profissional em Arquitetura, *Landscape Design*, Design Industrial, Tecnologia e Gestão, criando assim uma cultura de excelência e transparência num contexto desafiador de pobreza e violência, resultando em inovações com potencial para escala e perenidade. As táticas que se alimentam dos desejos e das práticas culturais da população da favela são melhor sucedidas do que as táticas que importam valores do asfalto. De notar que os exemplos do parágrafo anterior são exemplos de espaço público. O escasso espaço público existente é muito procurado e, em geral, é mais precário do que o ambiente construído, o que faz concluir que os moradores de favelas são perfeitamente capazes de construir as suas próprias casas, mas há menos facilidade para se moldar o espaço público em frente a essas construções.

Talvez seja por esta razão que estes exemplos vingaram, e que se encontra uma maior taxa de sucesso em projetos de *slum-upgrading* que intervêm no espaço público. Um outro bom exemplo é a Fábrica de Cultura do Grotão, Favela Paraisópolis, São Paulo, com a proposta de um espaço multifuncional que produz uma secção organizada pela encosta de Paraisópolis. A construção irá satisfazer uma multiplicidade de requisitos devido à natureza extrema do local. O projeto combina muitas atividades, e a sua introdução no sítio não só fornece formas imediatas de troca (música, agricultura, sociais, conhecimento), mas também impulsiona novos usos nas áreas circundantes. A agricultura urbana incentiva uma nova microeconomia num espaço inutilizável, e substitui o vazio perigoso por uma zona ativa e produtiva.

Nas áreas urbanas carentes, todas as táticas que envolvem a geração de rendimento têm maior probabilidade de sucesso, enquanto as táticas que envolvem uma supervisão a longo prazo de uma organização externa estão fadadas ao fracasso. A Fábrica de Cultura do Grotão exemplifica uma nova abordagem experimental para arquitetura e *design* urbano consolidando soluções simples. Além disso, o projeto reflete o forte compromisso de trabalhar com a comunidade local. Os arquitetos devem possuir o papel de defensores e agentes de mudança para os moradores de favelas, sendo uma premissa importante para essa mudança, a consciência da cultura da comunidade que irá influenciar as gerações futuras.

O objetivo do *Slum-Upgrading* não é o de reconstruir as favelas,



146. Arena do Morro, Favela Mãe Luiza, Natal, Rio Grande, Brasil



147. Centro de Vacinação Konokono, Turkana, Quênia



148. Casas de emergência construídas pela NGO Teto, Favela Parque das Missões, Rio de Janeiro, Brasil

mas sim construir com os recursos e desenvolturas que já lá se encontram. O sentido de uma consciência social na Arquitetura está a crescer cada vez mais forte. Uma forma de manifestação dessa consciência é o *pro bono work* que gigantes da Arquitetura têm vindo a realizar, não só em habitação mas também em equipamentos públicos, entre eles, Herzog & De Meuron que recentemente finalizaram a Arena do Morro, em Natal, Brasil, e os SelgasCano arquitetos que envolveram os alunos do MIT studio UNmaterial na construção de um Centro de Vacinação em Turkana, no Quênia.

Mesmo os mais jovens começam a ser proactivos e criam organizações, como o caso da NGO Teto que trabalha na promoção da consciencialização e ação social, procurando através do trabalho entre voluntários e famílias, a superação da pobreza em comunidades precárias. Esta e outras ONGs estão espalhadas por todo o mundo e é esse trabalho de solidariedade e de confiança que forma os vínculos sociais, como David Harvey defende, *we need ways of social working that we do to each other through solidarity systems, by which we can build trust, which is the foundation of the changes that we need.*⁸¹

⁸¹ HARVEY, David, Seminário Internacional Cidades Rebeldes, Março 2016, Rio de Janeiro, Brasil

Estes são todos exemplos fascinantes, sublimes e pensativos que abordam problemas reais, mas que são apenas gotas num oceano. Os arquitetos continuam à procura de soluções arquitetónicas para este *planet of slums* que tem vindo a ganhar força nos últimos tempos. Muitos arquitetos brilhantes estão a trabalhar de forma muito eficaz com os moradores e comunidades de favelas, embora em *low profile*, excluindo-se do circuito dos *media* e de prémios que iriam permitir-lhes o reconhecimento. São estes projetos que são descobertos com a viagem, que é indispensável viver para a formação do papel do arquiteto.

CONCLUSÃO

A viagem, até às favelas do Rio de Janeiro, foi imprescindível para a escrita deste trabalho. As leituras da teoria precisavam de ser vividas *in loco* e na primeira pessoa, pois é a partir dessa experiência que o pensamento coeso se forma. As interpretações a partir do corpo-mente, num determinado sítio variam de indivíduo para indivíduo, e por isso era vital viver a viagem para a compreensão do lugar.

Durante as seis semanas na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro, desde o momento zero até ao final, a leitura do lugar foi sofrendo mutações e assim tinha de ser. Uma coisa que se aprende sobre as favelas, conforme se passa mais tempo nelas, é que não existem duas comunidades iguais. Cada uma tem a sua própria identidade, a sua própria energia.

*Cada favela, ou comunidade, como se prefere hoje dizer, tem a sua identidade: época de fundação, composição dos habitantes iniciais, tipo de ocupação, economia, rede de relações sociais, estilo de liderança, e em anos mais recentes, facção de traficantes de drogas.*⁸²

⁸² PANDOLFI, Dulce Chaves; GRYSZPAN, Mario, A favela fala: depoimentos ao CPDOC, 2003, prefácio p. VII

Contudo há muitos traços comuns. Todas as comunidades se identificam e são identificadas como favelas, daí que os testemunhos das pessoas que fui conhecendo pelo caminho transmitissem uma imagem bastante próxima da realidade do conjunto de favelas. São estes ensi-

namentos que a favela nos dá e que apenas são possíveis de conhecer se entrarmos nela.

Vivemos numa época em que mais de 30% da população urbana mundial vive em favelas, e estima-se que a metade do nosso crescimento urbano futuro será igualmente informal, duplicando os atuais mil milhões de moradores das favelas até 2030, vincando assim a ideia de que o urbanismo informal é o modo de desenvolvimento dominante nas cidades de maior crescimento do mundo. Com a economia mundial em recessão, a expansão do urbanismo informal provavelmente será ainda mais veloz do que o previsto.

Apesar destes factos, a maioria dos arquitetos não trabalha ou não sabe como trabalhar nestas áreas. A arquitetura moderna, na educação, terá fracassado se não preparar a próxima geração de arquitetos para o desafio do urbanismo informal. Embora os programas de *Slum-Upgrading* já tenham arrancado creio que ainda têm muitos fracassos pela frente, pois é com eles que irão evoluir.

As favelas são ainda consideradas manchas sobre o tecido urbano. As pessoas de fora raramente se aventuram por estas áreas, devido aos perigos reais e aos presumidos. Para as pessoas que nunca pisaram uma favela, é difícil separar a realidade do mito. Para as cidades informais que se encontram no caminho da urbanização, o estigma pode ser o último grande obstáculo para a plena integração, isto porque mesmo com uma infraestrutura perfeita a funcionar, poucos moradores da cidade formal se aventurariam lá. A superação do estigma é um dos grandes problemas do *Slum-Upgrading* ainda sem solução. É certo que os olhos cariocas parecem ferir-se quando olham para uma favela, mas as construções rudimentares são o mais puro estado brasileiro e são a realidade de mais de 11 milhões de pessoas.⁸³ Contudo este povo vê as favelas como um cancro que precisa de ser removido das suas paisagens. Para isso, os programas de urbanização de favelas no Rio de Janeiro, tendem a todo o custo *forçar o caos até convertê-lo em forma*⁸⁴ e transformar a favela em asfalto.

⁸³ Instituto Pereira Passos, com base em IBGE, Censo Demográfico (2010)

⁸⁴ Entrevista com Jorge Mario Jau-regui: Construir a partir do conflito [consult. 10-11-2015]

Os processos de urbanização e pacificação de favelas trouxeram como consequência o processo de *gentrification* e se não forem revistas as políticas de intervenção, de forma a evitar esta consequência, o governo brasileiro estará a afastar um problema ao invés de o resolver. Os

mais pobres serão obrigados a sair das favelas e irão construir de novo as suas vidas noutros sítios, e novas favelas irão surgir. Não se pode transformar a favela em asfalto e substituir uma classe por outra. Esse não é o caminho.

Em tom de provocação questiono: Como podemos mudar algo que, há mais de um século, tem vindo a encontrar a sua identidade (?) Como podemos impingir formas de viver (?) Como podemos organizar o caos já (des)organizado (?) Como podemos organizar a rua, deixar que pessoas e veículos se fintem, alargar vielas, eliminar a célula familiar, a sua extensão vertical, a sua laje, as suas relações (?) Como podemos impor novos núcleos habitacionais que nem sequer respeitam as suas regras de extensão, equipamentos com funções que não são usadas, jardins e parques que ficam ao abandono depois de lhes tirarem o primeiro sopro de vida (?) Como podemos pedir à favela que se cubra de asfalto (?)

A minha resposta é simples, não podemos (!)

De certa forma, o dilema dos arquitetos é dificultado pela mudança radical na forma de abordar os problemas, ou seja, em vez das soluções de cima para baixo convencionais, há uma chamada para soluções que surgem organicamente do debaixo para cima. Os arquitetos estão presos entre admirar a engenhosidade e inteligência incorporada na arquitetura improvisada dos assentamentos informais e o querer impor uma solução que esteja de acordo com suas próprias ideias de como a habitação e a sociedade devem funcionar.

O estudo polémico do arquiteto Rem Koolhaas, no *Harvard Project on the City*, que examina a cidade caótica de Lagos, na Nigéria, África, defende que:

*Lagos has no choices, but there are numerous ways to articulate that no choice. Lagos follows the mind of the people. There is a dependency between the planned and the unplanned, self-organization registered in an organized model of the city - an extreme form of modernization (...) Planning is a cycle of skepticism to an awareness that we have to plan in a new way.*⁸⁵

⁸⁵ KOOLHAAS, Rem, Lagos Wide & Close: An interactive Journey into an Exploding City (2006). [Documento] Disponível em: <<http://www.submarinechannel.com/web-docs/dvd-lagos-wide-close/>>

Depois deste estudo, Koolhaas entendeu que o ponto de partida é de facto a leitura da estrutura do lugar, mas mais do que isso, os modelos de cidade informal são válidos e têm de ser estimulados nesse sentido.

*Projectar e construir em situações adversas, em áreas empobrecidas e tomadas por um “planeta de favelas”, exige a capacidade simultânea da indignação e da ousadia. Algum dia chegaremos lá.*⁸⁶

⁸⁶ ARANTES, Pedro Fiori, Opúsculo II [Pequenas Construções Literárias sobre a Arquitectura]: O lugar da arquitectura num «Planeta de Favelas», p.14

Acredito que o propósito da Bienal de Veneza, de Alejandro Aravena, implícito no seu título “Reporting from the front” é o de pedir aos arquitetos que tirem os olhos dos *skylines* e se envolvam com as ruas de forma a encontrar um novo, e viável, lugar da Arquitetura no *Slum-Upgrading*.

O método documental, de campo e técnico usados nesta pesquisa, dão origem ao trabalho final de uma estudante de Arquitetura que aprendeu com a viagem *in loco*, os valores do lugar. As páginas do Diário de Bordo formam uma poderosa ferramenta de aprendizagem para a análise crítica final, e marcam o ponto de partida para um futuro gerado pelo desejo de aprofundar este conhecimento.

Com este trabalho conclui-se que apenas uma ponta do *iceberg* se conhece e que há muito trabalho pela frente. É preciso, quase desesperadamente, que os arquitetos e os seus discípulos sejam contagiados por este novo lugar que a Arquitetura tem procurado ocupar. Que tragam com eles toda a inspiração, criatividade, entusiasmo e, sobretudo, uma mente aberta aos novos desafios que se seguem.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Pedro Fiori - Opúsculo II [Pequenas Construções Literárias sobre a Arquitectura]: O lugar da arquitectura num «Planeta de Favelas». Porto: Dafne Editora, 2008. ISSN 1646-5253

ARAVENA, Alejandro - *Villa Verde*. [consult. 05-01-2016]. Disponível em: <<http://www.elementalchile.cl/projects/constitucion-i-villa-verde/>>

ARAVENA, Alejandro - *Quinta Monroy*. [consult. 25-11-2015]. Disponível em: <<http://www.elementalchile.cl/projects/quinta-monroy/>>

BANDEIRINHA, José António Oliveira - *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Volume I [Tese de Doutoramento]. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2001

CECCON, Claudius - *Rocinha diz não ao teleférico*. public. 19-07-2013. [consult. Março 2016]. Disponível em: <<http://www.canalibase.org.br/rocinha-diz-nao-ao-teleferico/>>

DAVIS, Mike - *Planet of Slums*. London: Verso 2006. ISBN 1-84467-022-8

HARVEY, David - *Seminário Internacional Cidades Rebeldes: Se a Cidade fosse Nossa*. Rio de Janeiro: Cinelândia, Março 2016

HEATHCOTE, Edwin - *Venice Biennale: architects' social conscience*. public. 20-05-2016. [consult. 01-07-2016]. Disponível em: <<https://next>>

ft.com/content/4a3b84a8-18fc-11e6-b197-a4af20d5575e>

JAUREGUI, Jorge Mario - *Estrategias de Articulacion Urbana*. Buenos Aires: Universidade de Buenos Aires, 2004. ISBN 978-987-584-422-3

JAUREGUI, Jorge Mario - *Entrevista com Jorge Mario Jauregui: Construir a partir do conflito* [consult. 10-11-2015]. Disponível em: <http://www.jauregui.arq.br/texto_entrevista_jorge.html>

JAUREGUI, Jorge Mario - *Urbanismo, Trabalho Social e Melhorias Habitacionais*. [consult. 03-03-2016]. Disponível em: <<http://www.jauregui.arq.br/trabalho-social.html>>

JAUREGUI, Jorge Mario - *Investigação sobre Habitação de Interesse Social*. Rio de Janeiro: Atelier Metropolitano, 2016

JAUREGUI, Jorge Mario - *Núcleo Habitacional da Rocinha (144 unidades): Encontro de duas lógicas*. [consult. 10-03-2016]. Disponível em: <<http://www.jauregui.arq.br/rocinha-under.html>>

JAUREGUI, Jorge Mario - *Rocinha: Um Bairro Singular*. [consult. 25-02-2015]. Disponível em: <<http://www.jauregui.arq.br/rocinha.htm>>

JAUREGUI, Jorge Mario - *Broken City: Manguinhos Complex (Territorial Scale)*. [consult. 16-02-2016]. Disponível em: <http://www.jauregui.arq.br/broken_city.html>

JAUREGUI, Jorge Mario - *Biblioteca Pública de Manguinhos: Continuidade histórica e tecnologia de ponta*. [consult. Fevereiro 2016]. Disponível em: <<http://www.jauregui.arq.br/biblioteca-manguinhos.html>>

JAUREGUI, Jorge Mario - *Rambla e Estação de Trem de Manguinhos*. [consult. Fevereiro 2016]. Disponível em: <<http://www.jauregui.arq.br/rambla-manguinhos.html>>

JAUREGUI, Jorge Mario - *Teleférico: Complexo do Alemão*. [consult. 2015]. Disponível em: <<http://www.jauregui.arq.br/teleferico.html>>

JAUREGUI, Jorge Mario - *Projeto de articulação socio-espacial: Complexo do Alemão (Escala Territorial). PAC-UAP: Programa de Aceleração do Crescimento / Urbanização de Assentamentos Precários*. [consult. 2015]. Disponível em: <http://www.jauregui.arq.br/favelas_alemao.html>

JAUREGUI, Jorge Mario - *Plano de Desenvolvimento Urbanístico do Complexo do Morro do Alemão*. Rio de Janeiro: Rio Prefeitura, 2007

KOOLHAAS, Rem - *Lagos Wide & Close: An interactive Journey into an Exploding City* (2006). [Documentário] Disponível em: <<http://www.submarinechannel.com/web-docs/dvd-lagos-wide-close/>>

LOPES, Bruno - *Dois Séculos Tirando Vantagem: A História da Expressão “É Para Inglês Ver” e Seus Desdobramentos Modernos*. (artigo original escrito por Patrick Ashcroft, public. 11-04-2016). [consult. 05-07-2016]. Disponível em: <<http://rioonwatch.org.br/?p=14477>>

LUSA - *Riqueza de 1% da população superou a dos restantes 99% em 2015* in *Jornal Público*. public. 18-01-2016. [consult. 18-01-2016]. Disponível em: <<https://www.publico.pt/economia/noticia/riqueza-de-1-da-populacao-superou-a-dos-restantes-99-em-2015-1720577>>

PANDOLFI, Dulce Chaves; GRYSZPAN, Mario - *A favela fala: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003. ISBN 85-225-0430

PASSOS, Instituto Pereira - *Censos Demográficos (2010), com base em IBGE*. [consult. Jan-Julho 2016]. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/ipp>>

PERLMAN, Janice - *Favela: four decades of living on the edge in Rio de Janeiro*. New York: Oxford University Press, 2010. ISBN 978-0-19-536836-9

PERLMAN, Janice - *RIO+Talks* [Conferência]. Rio de Janeiro: Maison de France, Março 2016

PLATT, Damian; NEATE, Patrick - *A cultura é a nossa arma: Afroreggae nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. ISBN 8520008348

PREFEITURA, Rio de Janeiro - *Praça do Conhecimento*. [consult. 11-05-2016]. Disponível em: <<http://www.pracadoconhecimento.org.br/novo/projeto>>

ROUSSEAU, Jean-Jacques - *Lettre à Christophe de Beaumont*, in *Collection complète des oeuvres*, Genève, 1780-1789, vol. 6. Edição online www.rousseauonline.ch, 7 Outubro 2012. [consult. Novembro 2015]. Disponível em: <<http://www.rousseauonline.ch/Text/lettre-a-christophe-de-beaumont.php>>

SINCLAIR, Cameron; STOHR, Kate - *Design Like You Give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. ISBN 987-1-933045-25-2

SMITH, Adam - *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*, 1776, vol. 1, cap. 8 Of the Wages of Labour. [consult. Outubro 2015]. Disponível em: <http://www.ifaarchive.com/pdf/smith_-_an_inquiry_into_the_nature_and_causes_of_the_wealth_of_nations%5B1%5D.pdf>

TANK, Urban Think - *Fábrica de Cultura: Grotão*. [consult. Novembro 2015]. Disponível em: <<http://u-tt.com/project/fabrica-de-cultura-grotao/>>

TANK, Urban Think - *Metro Cable*. [consult. Novembro 2015]. Disponível em: <<http://u-tt.com/project/metro-cable/>>

TONKISS, Fran - *Space, the city and social theory. Social Relations and Urban Forms*, Cambridge: Polity Press, 2005. ISBN 0-7456-2825-7

TURNER, John F. C. - *Housing by people: Towards Autonomy in Building Environments*. London: Marion Boyars Publishers Ltd, 2009. ISBN 978-0-7145-2569-3

VESTREBO, Dick Urban - *Are architects and planners obstacles to slum upgrading? Papers from a seminar in Barcelona in April 2008*. [consult. 27-06-2016]. Disponível em: <http://www.asfint.org/sites/default/files/IMG/pdf/Are_architects_and_planners.pdf>

+D, Atelier - *Sitiê: Parque Ecológico do Vidigal*. [consult. Maio 2016]. Disponível em: <<http://www.parquesitie.org/>>

ORIGEM DAS IMAGENS

NOTAS INICIAIS

1. Turma 2011, dARQ, Coimbra, Abril 2014 *fotografia de Rui Cardoso*

INTRODUÇÃO

2. Cidade dos Mortos, Cairo, Egito <http://www.skyscrapercity.com/show-thread.php?t=915400>
3. Cenotáfios são usados para secar a roupa, Cidade dos Mortos, Cairo, Egito http://www.huffingtonpost.com/2014/10/29/city-of-the-dead-cairo_n_6044616.html

ESTADO DA ARTE

4. Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil http://www.yannarthusbertrand2.org/index.php?option=com_datagallery&Itemid=27&func=detail&catid=4&id=728&l=1366
5. Núcleo Habitacional (planta de implantação), Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
6. Vista da Estrada de Gávea, Núcleo Habitacional, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
7. Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
8. Núcleo Habitacional, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
9. Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
10. Núcleo Habitacional, Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de

Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*

11. Rambla, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*

12. Corte: rambla, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*

13. Biblioteca antes (cima) e depois (baixo), Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*

14. Esquisso: biblioteca, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*

15. Praça do Conhecimento (Praça do Terço), Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo da Prefeitura do Rio de Janeiro*

16. Planta de uma das estações do teleférico, Estação de Palmeiras, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*

17. Alçado e Corte de uma das estações do teleférico, Estação Itararé, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*

18. Esquisso: estações do teleférico, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*

19. Teleférico, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*

20. Esquema: Metro Cable, San Agustin, Caracas, Venezuela *arquivo online atelier Urban Think Tank*

21. Metro Cable, San Agustin, Caracas, Venezuela *arquivo online atelier Urban Think Tank*

22. Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil <http://blogcrimesnews.blogspot.pt/2015/10/rajadas-assustam-os-moradores-do.html>

23. Parque Ecológico (antes), Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil <http://www.parquesitie.org/>

24. Parque Ecológico (atualmente), Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil <http://www.parquesitie.org/>

25. Aterro, Favela Grotão, Complexo de Paraisópolis, São Paulo, Brasil *arquivo online atelier Urban Think Tank*

26. Fábrica de Música, Favela Grotão, Complexo de Paraisópolis, São Paulo, Brasil *arquivo online atelier Urban Think Tank*

27. Arena do Morro: planta de implantação, Favela Mãe Luiza, Natal, Rio Grande, Brasil *arquivo online atelier Herzog & De Meuron*

28. Obra concluída, Favela Mãe Luiza, Natal, Rio Grande, Brasil *arquivo online atelier Herzog & De Meuron*

29. Centro de Vacinação Konokono (vista exterior), Turkana, Quênia <http://www.arquiteturaviva.com/es/Info/News/Details/8814>

30. Centro de Vacinação Konokono (vista interior), Turkana, Quênia <http://www.arquiteturaviva.com/es/Info/News/Details/8814>

31. Esquema do projeto Quinta de Monroy, Iquique, Chile *imagem retirada de SINCLAIR, Cameron; STOHR, Kate, Design Like You Give a Damn*

32. Quinta de Monroy, Iquique, Chile, *imagem retirada de SINCLAIR, Cameron; STOHR, Kate, Design Like You Give a Damn*

33. Esquema do projeto Villa Verde, Constitución, Chile *arquivo online atelier Elemental*

34. Villa Verde, Constitución, Chile *arquivo online atelier Elemental*

DIÁRIO DE BORDO

35. Complexo da Maré, Rio de Janeiro, Brasil, Fevereiro 2016 *fotografia da autora*
36. Complexo do Caju, Rio de Janeiro, Brasil, Fevereiro 2016 *fotografia da autora*
37. Lagoa Rodrigo Freitas, Rio de Janeiro, Brasil <http://viagem.uol.com.br/guia/brasil/rio-de-janeiro/atracoes/lagoa-rodrigo-de-freitas>
38. Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil *desenho da autora*
39. Calçadão, Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil
- 40 Copacabana (vista frontal), Rio de Janeiro, Brasil
41. Praia do Leblon, Rio de Janeiro, Brasil, Fevereiro 2016 *fotografia de Patrícia Sampaio*
42. Mapa do percurso desde a estação de metro até ao atelier *desenho da autora*
43. Atelier Metropolitano, Glória, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
44. Rua Bolhões de Carvalho inundada, Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil, Fevereiro 2016 *fotografia da autora*
- 45, 46, 47, 48. Atelier Metropolitano, Glória, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografias da autora*
49. Mercado, Estação Uruguaiana, Rio de Janeiro, Brasil
50. Rua Uruguaiana, Centro, Rio de Janeiro, Brasil
51. Confeitaria Colombo, Rua Gonçalves Dias, Rio de Janeiro, Brasil <https://papotheamigass.wordpress.com/page/5/>
52. Vendedor ambulante no interior do autocarro, Rio de Janeiro, Brasil <http://viagem.uol.com.br/guia/brasil/rio-de-janeiro/atracoes/lagoa-rodrigo-de-freitas>
53. Túnel Zuzu Angel, Rio de Janeiro, Brasil *imagem retirada do google maps*
54. Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Camille Marshall*
55. Via Ápia, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Jen Kinnunen*
56. Estrada de Gávea, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Jen Kinnunen*
57. Ligações à gato, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Camille Marshall*
58. Vista da Estrada de Gávea, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Jen Kinnunen*
59. Viela, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Camille Marshall*
60. Núcleo Habitacional, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 2011 *arquivo atelier Metropolitano*
61. Núcleo Habitacional, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 2016 *fotografia de Jen Kinnunen*
62. Núcleo Habitacional, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Jen Kinnunen*
63. Núcleo Habitacional: Apropriação, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Jen Kinnunen*
64. Vista da ponte de Óscar Niemeyer, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil,

Março 2016 *fotografia de Jen Kinnunen*

65. Escadas Selarón: no meio, Lapa, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Jen Kinnunen*

66. Escadas Selarón: no topo, Lapa, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *imagem retirada do google maps*

67. RIO+Talks, Mudança e Continuidade nas Favelas do Rio: A luta de quatro gerações pela inclusão, Maison de France, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

68. Seminário Internacional Cidades Rebeldes com David Harvey, Praça Alagoas, Cinelândia, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016

69. Manifestação, Avenida Atlântica, Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil

70. Favela Babilônia, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*

71. Vista sobre Copacabana, Favela Babilônia, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*

72. Identificação Trilha do Morro da Babilônia, Rio de Janeiro, Brasil

73. Vista sobre Botafogo, Trilha do Morro da Babilônia, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*

74. Avenida Atlântica, Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*

75. Edifício Ypiranga, Avenida Atlântica, Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil *imagem retirada do google maps*

76. Biblioteca, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil 2011 *arquivo atelier Metropolitano*

77. Biblioteca, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, 2016 *fotografia de Mozileide Néri*

78. Sala polivalente, Biblioteca, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*

79. Sala de leitura (0-10anos), Biblioteca, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*

80. Sala de leitura informal, Biblioteca, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*

81. Núcleo Habitacional (fachada principal), Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil *fotografia de Mozileide Néri*

82. Núcleo Habitacional (fachada posterior), Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil *fotografia de Mozileide Néri*

83. Rambla, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil *fotografia de Mozileide Néri*

84. Criança brincando numa lixeira, Favela Jardim Gramacho, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo online Teto*

85. Favela Jardim Gramacho, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo online Teto*

86. Voluntários da Teto, Favela Jardim Gramacho, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *arquivo online Teto*

87. Descarregamento de material, Favela Jardim Gramacho, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *arquivo online Teto*

88. Voluntários da Teto, Favela Jardim Gramacho, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *arquivo online Teto*

89. Favela Parque das Missões, Rio de Janeiro, Brasil *imagem retirada do google maps*

90. Voluntários da Teto, Favela Parque das Missões, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *arquivo online Teto*
91. Esquema: estações do teleférico, Complexo do Alemão, Março 2016 *esquema da autora*
92. Esquisso: planta de implantação do Núcleo Habitacional, Complexo do Alemão, Março 2016 *esquisso da autora*
93. Santuário da Penha, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil <http://www.panoramio.com/user/677466/tags/Complexo%20do%20Alem%C3%A3o>
94. Interior do teleférico, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*
95. Interior do teleférico, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Camille Marshall*
96. Vista da estação de Palmeiras, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Marie Legleye*
97. Extensão vertical (habitação), Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*
98. Campo de futebol, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*
99. Espaços de ninguém (lixreira), Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
100. Anderson Lima com a autora, Estação de Palmeiras, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Rodrigo Matos*
101. Documento de reconhecimento das ruas do Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
102. Construções rudimentares, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
103. Laje, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
104. Ligações à gato, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
105. Favela Itararé, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de morador do Complexo do Alemão*
106. Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*
107. Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Camille Marshall*
108. Praça do Terço (1969), Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *imagem retirada de PERLMAN, Janice - Favela: four decades of living on the edge in Rio de Janeiro, p. 99*
109. Praça do Conhecimento (Praça do Terço), Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *imagem retirada da página online da Praça do Conhecimento*
110. Avenida Itaóca (vista do lado de dentro), Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*
111. Avenida Itaóca (vista do lado de fora), Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*
112. Núcleo Habitacional, Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia da autora*

113. Favela Parque das Missões, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016 *arquivo online Teto*
- 114, 115. NGO Teto: pintura, Favela Parque das Missões, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016 *fotografias da autora*
116. Favela Parque das Missões, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016 *fotografia de morador da Favela Parque das Missões*
117. Miradouro do Leblon, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016 *fotografia da autora*
118. Praça de Articulação Favela-Bairro, Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
119. Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016 *fotografia da autora*
- 120, 121, 122. Parque Ecológico, Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016 *fotografias da autora*
123. Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016 *fotografia da autora*
124. Extensão vertical (habitação), Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016 *fotografia da autora*
125. Vista sobre a Favela Rocinha, Morro dos Dois Irmãos, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016 *fotografia da autora*
126. Vista sobre o Bairro São Conrado (esq.) e a Favela Rocinha (dir.), Morro dos Dois Irmãos, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016 *fotografia da autora*
127. Vista aérea, Rio de Janeiro, Brasil

QUAL O PAPEL DO ARQUITETO (?)

128. Extensão vertical da habitação, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
129. Extensão vertical da habitação, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, Junho 2016 *fotografia de Camille Marshall*
130. Núcleo Habitacional: planta piso térreo (baixo), planta piso 03 (cima), Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
131. Núcleo Habitacional, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 2011 *arquivo atelier Metropolitano*
132. Núcleo Habitacional, Favela Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 2016 *fotografia de Jen Kinnunen*
133. Núcleo Habitacional, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, 2010 *arquivo atelier Metropolitano*
134. Núcleo Habitacional, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, Maio 2016 *fotografia de Mozileide Néri*
135. Núcleo Habitacional, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil, Março 2016 *fotografia de Camille Marshall*
136. Quinta Monroy (estado original e apropriação), Iquique, Chile, 2013 *imagem retirada de SINCLAIR, Cameron; STOHR, Kate, Design Like You Give a Damn*
137. Villa Verde (estado original e apropriação), Construcción, Chile, 2013 *arquivo online atelier Elemental*
138. Teleférico, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
139. Plano Inclinado, Favela Santa Marta, Rio de Janeiro, Brasil

140. Esquisso: rambla, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
141. Rambla, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, Maio 2016 *fotografia de Mozileide Néri*
142. Biblioteca, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo atelier Metropolitano*
143. Praça do Conhecimento, Favela Nova Brasília, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo da Prefeitura do Rio de Janeiro*
144. Parque Ecológico, Favela Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil *fotografia da autora*
145. Fotomontagem: Fábrica de Música, Favela Grotão, Complexo de Paraisópolis, São Paulo, Brasil *arquivo online atelier Urban Think Tank*
146. Arena do Morro, Favela Mãe Luiza, Natal, Rio Grande, Brasil *arquivo online atelier Herzog & De Meuron*
147. Centro de Vacinação Konokono, Turkana, Quênia <http://bamboonet.com.br/posts/apesar-de-sua-aparencia-iconica-tal-qual-a-de-edificios-criados-por-star-architects-a-arquitetura-do-escritorio-espanhol-selgascano-e-exemplar-da-contencao-de-meios-a-favor-do-bem-estar-dos-cidadaos>
148. Casas de emergência construídas pela NGO Teto Rio de Janeiro, Favela Parque das Missões, Rio de Janeiro, Brasil *arquivo online Teto*

ANEXO

149. Entrevista com o arquiteto Jorge Mario Jauregui, Atelier Metropolitano, Glória, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016 *fotografia de Jen Kinnunen*
150. Entrevista com o Diretor da NGO Teto, Catete, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016 *fotografia da autora*



149. Entrevista com o arquiteto Jorge Mario Jauregui, Atelier Metropolitano, Glória, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016

ANEXO

À CONVERSA COM O ARQUITETO JORGE MARIO JAUREGUI

Miriam Queiroz - Para a elaboração do PDU (Plano de Desenvolvimento Urbanístico) que foi traçado, quanto tempo demorou a análise do Complexo do Alemão e quais foram os maiores desafios? A comunidade contribui para essa análise?

Jorge Mario Jauregui - O tempo de elaboração do projeto foi um contrato ganho por licitação de nove meses, então o trabalho levou nove meses para ser feito. Nesses nove meses foram feitas uma série de entrevistas com representantes comunitários porque estava no contrato e porque também é a metodologia que eu utilizo para entender o lugar. Sempre o desafio é juntar informação, sobretudo nas concessionárias. Água, esgoto, iluminação pública, drenagem, contenção, porque essa informação está dispersa e parte do trabalho consiste em juntar essa memória e também os representantes comunitários são fundamentais nisso porque eles é que sabem como foram feitas as coisas. Então é uma consulta importantíssima, a memória viva da pessoa que ao longo de um processo histórico participaram do levantamento de informação.

MQ - No PDU há uma intensão projectual no que diz respeito ao espaço público muito forte. Qual a razão da escolha do espaço público como área privilegiada de projeto e como se chegou até ela.

JMJ - Um projeto de urbanização de favelas, e neste caso de um Complexo de favelas, treze favelas, implica sempre articular aspetos físicos que é urbanístico, infraestrutural, ambiental, tudo o que pode ser medido, quantificado; aspetos sociais que é o económico, cultural, existencial, a dificuldade em as pessoas morarem num determinado lugar; aspetos ecológicos que é, como sabemos, as ecologias são três. Ecologia Mental, primeiro, descontaminação do (pré)conceito para poder pensar sem o qual não se pensa nada; Ecologia Social, que implica a revisão dos sócios do conjunto de relações sociais estabelecidas, como é que são as relações entre os habitantes e o lugar; depois Ecologia Ambiental que implica levar em consideração a disponibilidade e material, e as especificidades das pessoas que moram no lugar, o que é que sabem fazer.

Depois outro francês elaborou outro conceito de Ecologia Existencial que significa a revisão dos comportamentos individuais e coletivos, isto por exemplo em relação ao espaço comum já que na favela não há espaço público, há espaço compartilhado.

Isso, o físico, o social, o ecológico, junto com as questões de segurança cidadã que são fundamentais, ou seja, como tornar os lugares mais seguros, tanto para circular, para se movimentar, por exemplo nas escadarias e em lugares íngremes, quanto à segurança física mesmo. Uma coisa é visitar a favela de dia, outra coisa é de noite. Bem diferente. Então há muitas questões de segurança civil envolvida no projeto que tem que ser equacionadas.

Então, você tem aspetos físico, social, ecológico, segurança cidadã e tudo isso intercetado com questões do sujeito contemporâneo, como mudar uma relação entre pessoas e a relação entre as pessoas e o trabalho neste último tempo, nestes vinte anos, que implica, que tem consequências tanto para o projeto do espaço interno das comunidades, do equipamento público, quanto para os projetos do espaço comum, dos espaços públicos.

É a partir do projeto urbano, urbanístico, que se estabelece depois a partir do As Built, quando se termina o projeto e entrega esse documento à Prefeitura que o utiliza para separar o que é individual e o que é coletivo. Então a partir desse momento, sim, se instaura a existência de

um espaço público que passa a ser o que é um bem comum, o de todos.

Até esse momento, na favela, como todos sabemos, em qualquer favela, o único que tem um sentido de pertença é da parede da edificação para dentro, para fora é um território de ninguém, e ninguém tem responsabilidade por ele e por isso podem-se lançar com construções, jogar o lixo e ter uma serie de condutas que a partir do projeto de urbanização tem de ser mudadas, e por isso é preciso um trabalho social, ou seja, a partir do momento em que se inicia a obra, que se inicia o projeto, na verdade, a parte do trabalho social é uma parte bem importante da politica pública da urbanização.

Eu me lembro que na Favela-Bairro, eu ia e fazia palestras nas escolas da área porque explicava o projeto às crianças que iam explicar para os seus pais, então isso é uma medida super útil, mais que útil, uma medida cívica que tem que ser feita, levada em conta, mesmo que o contrato do projeto não peça.

MQ - Como nasce o espaço público num ambiente como o Complexo do Alemão e de que forma ele se manifesta? E quais as relações entre o espaço público e a comunidade?

JMJ - Sempre, quando chego a um lugar, a primeira coisa que pergunto é quais são os lugares de encontro, aonde se reúnem as pessoas e onde fazem a festa, o baile. O baile é um elemento de socialização fundamental, seja o baile funk ou qualquer outro baile, aniversário, festa. Tudo o que tenha a ver com festa, com lazer, isso porque, na favela, os locais de encontro são a escola, a creche, a associação de moradores e o campo de futebol. Esses são os lugares de socialização.

O projeto tem de reforçar essa centralidade que já existe nesses lugares, introduzir outros novos que (re)signifiquem o lugar, e (re) articular a utilização do território. Isso claro não é muito fácil, tem obstáculos de todo o tipo, mas um projeto tem que ambicionar isso, tem que ambicionar (re)significar um lugar simbolicamente.

Por exemplo, eu me lembro, no Complexo do Alemão, quando eu falei para a equipe que ia participar desse projeto, um arquiteto me falou “Jorge, ao Complexo do Alemão eu não vou!”, porque era o mais negativo que existia no imaginário da cidade, ligado só ao tráfico, ao tiroteio, à insegurança, a um lugar que se chamava de micro-ondas, no Morro do Alemão mesmo, porque tem vários morros, um deles é o Alemão. No

Alemão é que estava o micro-ondas que era onde matavam gente. Então é um lugar bem negativo da cidade, o Complexo do Alemão.

E umas das principais virtudes do projeto é ter desencravado o lugar, se ter tornado acessível. De lugar de expansão a lugar de visitação, esse, independente, de todas as outras coisas bem ou mal feitas, é completo. Porque o projeto não acabou, toda a rede de infra, drenagem, esgoto, contenção, arruamento e escadaria não está completa. Só se fez uma parte. Porquê? Porque o poder público parou em determinado momento. Mas o projeto foi feito completo.

MQ - Num sítio tão denso como o Complexo do Alemão como se trabalha o espaço público, ou seja, como se percebe que ruas, becos ou escadas que devemos intervir, e como se percebem quais os sítios estratégicos para a criação de praças, jardins e colocação de equipamentos? Falou no Morro do Alemão. Como é que se descobrem esses sítios?

JMJ - Sem dúvida que é visitando o lugar, caminhando o lugar. É necessário. Um projeto não se faz se não indo ao lugar e estabelecendo uma relação íntima entre o trabalho do escritório e o trabalho do lugar. Levantamento do lugar, o diálogo dos moradores.

Para entender um projeto, para poder fazer o esquema da leitura da estrutura do lugar isso pode levar um mês, dois meses, três meses, e às vezes seis meses num projeto bem complexo que a gente fez no morro do Dendê, na ilha Governador, em que precisámos ir lá seis meses seguidos, íamos duas vezes por semana para o entender, porque ele era muito intrincado, o traçado viário, e a quantidade de espaços residuais que havia, larguinhos, espaço entre duas edificações que não pertenciam a ninguém. Então, o fundamental é entender o lugar, entender a lógica do lugar, e representar, ou seja, um projeto se faz indo ao lugar com plantas e escrevendo nas plantas tudo aquilo que você vai detetando.

E no final do processo a planta sobre a qual você vai sobrepor as informações parece um palimpsesto porque você vai escrevendo apagando escrevendo apagando sobre o mesmo lugar, até num determinado momento dizer: bem eu entendi, posso fazer o esquema de leitura da relação entre partes e da relação dessa parte com o entorno, como se chega, quais são os principais acessos, potenciais de vista, os terrenos de interesse potencial. E então a gente começa a desenhar o sistema viário que é a base de tudo existente e a partir daí ver que ruas

podem ser alargadas.

Às vezes não se pode alargar nada, como no Vidigal, é impossível, é uma só rua e aí não tem como alargar para nenhum lugar. Então como é que você faz nesse caso para estabelecer, pontos, áreas de passagem, de ultrapassagem, que possa parar um camião e passar um carro do lado, ou as pessoas, ou as bicicletas. Então esse traçado viário é a base a partir da qual se localiza nos terrenos de potencial interesse os lugares que podem ser praça, os lugares que vão ser de uso comunitário, digamos de pequena escala ou de maior escala e vão-se somando informações, digamos, você vai completando o plano viário com as indicações de lugares que poderiam ser objeto de intervenção, que poderiam ser lugares de objeto de projeto.

Isso depois em diálogo com o pessoal de traçado geométrico e com os engenheiros de infraestrutura, porque nesses lugares precisa de passar instalações, então o que é que precisa para ter acesso a essas instalações, o trabalho vai-se complexizando incluindo cada vez mais gente, área social, área de situação fundiária, como é a propriedade dos terrenos, são públicos, são privados, como são.

Então esse protejo antes projeto vai crescendo, vai crescendo em intensidade e em complexidade até ao ponto em que você pode dizer, em determinado momento, que está definido o esquema básico da intervenção. Vai-se alargar rua, vai-se criar praça, vai-se introduzir equipamento, vão-se demolir um setor de casas que estão na área de risco, enfim, todo o complexo que faz um projeto urbanístico difícil. Não há um projeto fácil!

MQ - Como chegaram à ideia do teleférico? Críticos afirmam que a construção do teleférico não era prioritária e que foi feito para servir o turismo e não o morador do Complexo do Alemão. Qual a sua posição quanto a esta questão? Acha que o teleférico falhou?

JMJ - O teleférico chegou quando já tínhamos elaborado o projeto básico. E, eu, desde o início achei uma boa complementação da intervenção. A decisão foi política. Foi o Governador que visitou o teleférico de Medellin, gostou muito do resultado e queria então um teleférico no Rio. Aí se fizeram estudos em vários lugares e se chegou à conclusão que o mais adequado o Alemão porque podia costurar os diferentes morros. Isso para nós foi bem importante porque diminuiu a necessidade de

derrubar casas para abrir novas ruas porque no lugar de mobilidade de carro podia-se fazer a mobilidade aérea através do teleférico. Então sem dúvida que é um elemento super positivo para mim. Defendo isso não em qualquer lugar mas em lugar específico onde a relação de acessibilidade é muito difícil como era no Complexo.

Tem outra favela como Rocinha, como Vidigal, mesmo eu, primeiro, tinha feito, muito antes do Complexo do Alemão, eu já tinha feito um projeto de teleférico para o Vidigal, desde a Niemeyer até um ponto médio e daí até um mirante em cima que era também para o morador e para o turista. Porque eu acho que tem que favorecer o turismo na favela, porque os turistas levam dinheiro, compram, gastam, de um lado económico, e do outro lado o social, ou seja, há um intercâmbio de dentro e de fora que o turismo favorece. Então o turismo não é um problema negativo com muitos pensavam. Não é transformar a favela num zoológico, ou seja, os ricos vão lá fazer um tour, um safari, dentro da favela, não é nada de safari.

Eu sempre defendi, desde o início de que tinha que ter o máximo de pontos possíveis para que as pessoas vendam, apresentem os seus produtos, e mesmo se desenvolvam atividades não previstas, como essa que vocês me deram, a Revista X, a Garota do Teleférico. Bom, ela viu uma potencialidade no lugar e imaginou uma atividade. É interessante como ela conta de como começou uma atividade ao se aproveitar do sistema do teleférico e o facto de levar gente de fora, num determinado momento, sai uma nota no jornal em que o teleférico do Alemão tinha mais visitantes que o Cristo Redentor. Porquê? Porque a passagem custa 5R\$ e o Cristo 50R\$. Então muita gente ia para teleférico do Alemão e por outro lado porque muita gente da classe média queria saber como era uma favela, nunca tinha ido numa favela, e esta visita, esta penetração ao coração da favela através do teleférico é uma coisa bem interessante, é um impacto, uma sensação, digamos, é uma experiência forte, que você vai levar.

MQ - Na sua opinião, o asfalto e a favela devem unir-se? É dever do arquiteto criar o elo entre o asfalto e a favela? Deverá ser forçada essa ligação entre a cidade formal com a informal?

JMJ - Sim. O que eu digo que não tanto de integrar, que acho difícil, mas sim conectar. Conectar significa encontrar pontos de conexão, e o

que é que conecta? Há três elementos que conectam o morro ao asfalto.

Primeiro trabalho, centros de geração de trabalho-renda são fundamentais tão grandes quanto possível para intercambiar elementos de interesse da classe média com a capacidade de trabalho, de mão-de-obra, do pessoal do morro, então o trabalho, a celebração do trabalho é o principal elemento de conexão. Eu, há vinte anos que trabalho nisso, nunca conseguir fazer um centro de geração trabalho-renda grande. Sempre foi pequeno, primeiro porque o poder público não quer, não quer por ser complexo, pois tem que inventar um sistema de regras para passar do individual ao coletivo semelhante como se fosse um centro comercial. Já tem que ter uma estrutura, uma organização, e organizar as pessoas é difícil, superar a etapa individual, a produção minha, individual, e passar a ter uma produção coletiva é uma aprendizagem difícil, leva tempo e o poder público não quer gastar tempo.

Na Cidade de Deus, eu fiz um projeto, que não foi construído, um projeto que é uma praça, um espaço central coberto por todo para poder ter atividades comerciais de dia e de festa de noite, rodeado de boxes de prestação de serviços, especialmente locais, com água e eletricidade para que qualquer pessoa possa ter uma atividade produtiva, e uma representação da Prefeitura, com pequeno local da Prefeitura, banheiro comunitário, restaurante popular, ou seja, é um programa relativamente complexo por isso é que só pode ser proposto para grandes favelas, grandes áreas que tenham massa crítica suficiente. Mas mesmo nas que tem grande potencial, tipo Rocinha, não tem terreno para isso. Lá em baixo já tem, na parte plana da Rocinha, um mercado popular, mas não é possível demolir tudo isso para reconstruir de uma maneira formal. Porque as pessoas não querem. Teria de se ter um terreno novo e na Rocinha não há terreno, está todo construído. No Alemão sim, poderia ter sido feito, não quiseram fazer. Rio Pedras também. É uma favela grande. A rua comercial dessa favela que tem uma grande energia, grande movimento, enfim. Então primeiro, celebração do trabalho.

Segundo, o desporto, centro desportivo, Vila Olímpica, tudo o que permita o intercâmbio entre os jovens da favela com os jovens do asfalto. Isso sim deve ser feito.

Finalmente o lazer, a festa a diversão, como por exemplo Escolas de Samba. Mas também o poder público não quer construir, porque é complicado, quem é o proprietário, questões jurídicas que se resolveriam com tempo, mas o poder público sempre está muito apressado

em inaugurar a obra e sair porque depois termina o prazo do mandato político.

Mas como temas para a gente desenvolver, o trabalho, desporto e lazer, são três questões bem importantes para pensar, para elaborar, para propôr, para provocar o poder público.

MQ - Qual será o futuro da favela? Onde estará a favela daqui a 50 anos? O que continuará sendo igual e o que estará diferente?

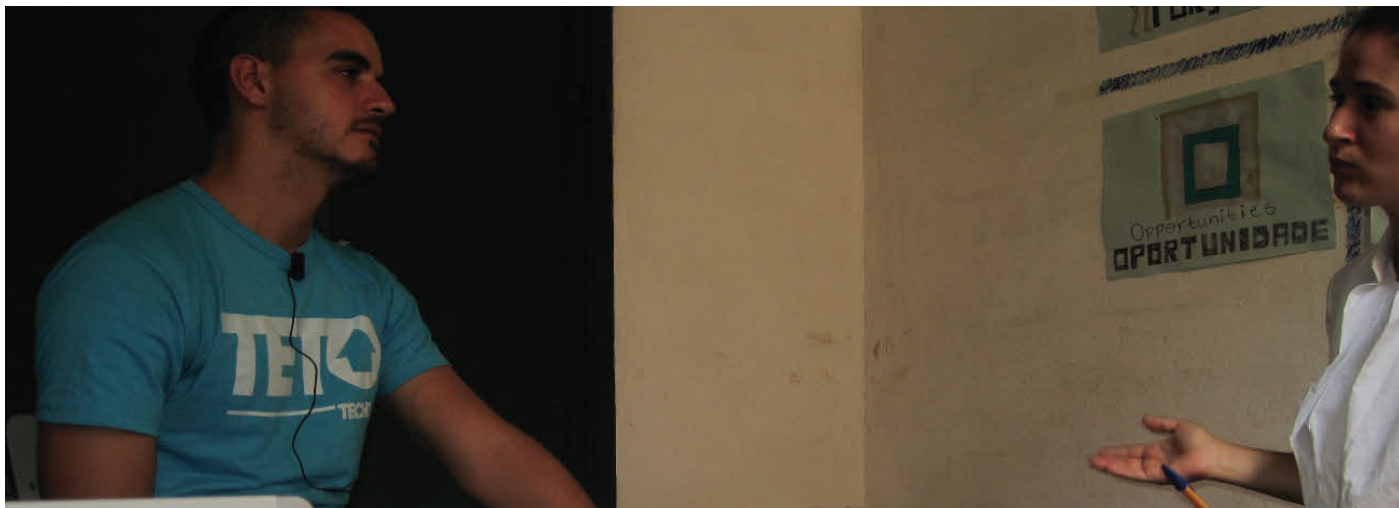
JMJ - Bom, se a situação política continuar como está, continuará tudo igual. Mas eu espero que não. Eu espero que, lentamente, a cidadania, vai tomando consciência de que vive numa cidade e numa sociedade partida, quebrada, que tem se encontrar pontes de passagem entre esses dois mundos, entre essas duas realidades.

Eu acho que, por exemplo, este Prefeito que está agora tinha falado que até 2020 queria todas as favelas urbanizadas mas depois, com a questão das Olimpíadas, ficou na questão das Olimpíadas. Era mais fácil agradar a muita gente, sobretudo à classe média, e o programa de urbanização de favelas “Morar Carioca” anda a passo de tartaruga. Então em 2020 nunca vai ser, mas sim, 2050 poderia ser que estejam todas em processo de transformação de favela a bairro popular. Eu acho que isso é viável e, não só viável como necessário.

Acho que cada ano vai tendo uma consciência difusa de que investir no social é melhor do que investir em polícia, por exemplo. Se gasta muitíssimo dinheiro com sistema sofisticado de armamento, de controle, de securitização da cidade quando pensar o espaço público aberto, num espaço utilizado a maior parte do tempo possível, é um caminho melhor para ter uma cidade cidadã, uma cidade onde o cidadão se sinta bem, se sinta à vontade e possa-se identificar com isso, claro.

Acho que a gente tem muito trabalho ainda para se ser feito, terá de se esperar tempos melhores, agora o país ainda está deficitário em orçamento para investir mas acho que passados dois anos, três anos, terá que voltar outra vez, terá que voltar com os programas sociais, e de urbanização em primeiro lugar porque acho que é o único caminho possível. Eu não vejo outro!

Para nós como arquitetos urbanistas significa sempre estar imaginando com um pé aqui concreto na realidade, e outro pé no possível para elaborar propostas capazes de mobilizar o imaginário coletivo.



150. Entrevista com o Diretor da NGO Teto, Catete, Rio de Janeiro, Brasil, Abril 2016

ENTREVISTA AO DIRETOR DA NGO TETO, RIO DE JANEIRO

Miriam Queiroz - O que significa Teto e qual a sua origem?

NGO Teto - O Teto começou em 97, numa ação de um padre com alunos de uma universidade. Com o terremoto em uma cidade chilena, imensas pessoas ficaram desabrigadas e esses jovens foram para essa comunidade para construir uma capela. Durante a construção da capela começa a haver a aproximação entre os voluntários e moradores. Aquela troca com as pessoas que viviam em extrema dificuldade mudou algo na cabeça daqueles jovens. Eles voltaram diferentes depois daquelas atividades. E eles pensaram uma coisa muito básica e fundamental: se a gente consegue fazer uma capela porque não fazer uma casa para esses moradores? Daí começou o trabalho do Teto. A partir dessa ideia começaram a construir moradias de emergência para moradores que viviam em situação de pobreza ou em grandes dificuldades. E a partir daí começou o trabalho no Chile. Alguns anos depois aconteceu um terremoto em El Salvador e outro no Perú. Os voluntários foram construir moradias de emergência para esses dois países, mas não foi fácil. Depois dessa expansão o Teto começou a se ampliar pela América Latina. Em 2002 começou essa expansão para outros países, chegando aqui no Brasil no final de 2006, em São Paulo. Estivemos seis, sete anos direto de São Paulo, e depois desses anos a gente veio para o Rio de Janeiro em 2013. Portanto aqui é recente. Depois do Rio, a gente foi para a Baía em

2014, e em 2015, a gente abriu uma outra sede no Paranaguá. Então aqui no Brasil a gente tem São Paulo, Rio, Baía e Paranaguá. Quatro sedes.

Sobre a questão do nome a gente nem sempre se chamou Teto ou Techo, que é o original. A gente se chamava “Un Techo para mi país”. Era o nome oficial, e aqui no Brasil era “Um Teto para o meu país”. Esse era o nome do Teto e para cada país tinha esse nome na sua língua. Depois de muitos anos trabalhando quisemos fazer um alinhamento na América Latina porque já haviam vários “Tetos para o meu país” mas nem todos estavam alinhados, nem todos tinham as mesmas diretrizes, os mesmos valores, a mesma missão, enfim a mesma visão como organização. Então a partir de 2012 aconteceu uma reunião com os diretores da América Latina e decidiram quais os parâmetros, as bases, os pilares do que era a organização, bem como o nome Techo. E assim ficou. Aqui no Brasil houve a adaptação para Teto. Hoje estamos todos alinhados. A gente tem uma oficina central, no Chile, que dá todas as diretrizes para os outros países. E nos países a gente tem as oficinas nacionais que dão para os Estados.

MQ - Como identificam as comunidades e suas necessidades? Como organizam o processo após ouvir a comunidade? Quais são as etapas a seguir?

NGO- Por exemplo aqui no Rio de Janeiro. A gente tem uma área chamada Área das Novas Comunidades, e ela mapeia as comunidades, da zona central e metropolitana do Rio de Janeiro, que tenham o nosso perfil. Portanto, comunidades que vivem em condições de extrema pobreza, e que se reflitam na moradia da pessoa, essencialmente. O principal ponto de identificação é a moradia. Quando a gente identifica isso, então a gente identifica a comunidade com quem a gente pode trabalhar. No entanto, a questão da moradia é um dos projetos. Não é o único projeto nosso. A moradia é a nossa frente de entrada da comunidade. A gente tem outros projetos comunitários.

Antes de chegar a gente entra em contato com o(s) líder(es) comunitário(s). A gente não entra na comunidade sem ter essa referência comunitária. Uma vez que a gente tem esses laços, a gente vai na comunidade fazer uma reunião com essa que a gente está fazendo aqui, e

apresenta tudo sobre o Teto. O nosso modo de trabalho, valores e como é a nossa atuação nas comunidades. A partir da aprovação dele(s), a gente faz uma assembleia com os moradores e apresenta novamente o modelo de trabalho do Teto. E depois faz-se um abaixo-assinado para obter a aprovação ou não dos próprios moradores da comunidade. Só a partir daí é que se entra na comunidade.

A nossa primeira ação na comunidade é a execução de inquéritos. Nos inquéritos a gente vai avaliar questões financeiras da família, de saúde, relação da família com a própria família, e a relação da família com a comunidade. A partir dos inquéritos a gente avalia pelo grau de vulnerabilidade. As famílias mais vulneráveis são priorizadas na ordem de construção das moradias de emergência.

MQ - Em média, quantas famílias ajudam por comunidade?

NGO - A gente constrói quatro vezes por ano, e cada vez que a gente constrói são cerca de cinco a dez casas por comunidade. É um bom número, um número equilibrado, e a gente tenta sempre trabalhar com ele.

MQ - Sei que na construção das casas de emergência nas comunidades há três fases: Pré-Logística, Construção e Pintura. Como funcionam essas fases? Como é que na Pré-Logística, por exemplo, o material vem ter convosco, na Construção e na Pintura como é que vocês se organizam? E qual é a fase mais importante do projeto “casas de emergência” e de que forma é que ela estabelece o elo entre a comunidade e os voluntários?

NGO - Sobre a questão dos materiais, estritamente dos materiais, a gente tem fornecedores. A gente compra os materiais e manda entregar na comunidade, e existem voluntários responsáveis por esses materiais, convocados um mês antes, para essa atividade de pré-logística de painéis, de pilotis e a logística na própria comunidade.

Em seguida temos os líderes que são responsáveis pela construção da casa em si, sempre em dupla. Acima dos líderes há os monitores que circulam pela comunidade a verificar o trabalho que está a ser feito

e vão guiando os líderes num sentido mais técnico. A gente tem também os intendentess que são os responsáveis por cuidar do bem-estar e da alimentação dos jovens na comunidade. Voluntários estão trabalhando e moradores também. E os intendentess ficam na escola, que por norma, é o lugar onde a gente dorme. Não tem necessariamente de ser uma escola, pode ser uma igreja, um espaço cultural, mas é nele que a gente fica e dorme. Os intendentess ficam responsáveis por preparar o jantar, a distribuição de alimento. Apesar de jantar na escola o almoço é com as famílias. Qualquer problema que o voluntário tenha ele vai para a escola para o intendente cuidar, se houver um acidente de trabalho o intendente é que o levará ao hospital. No fundo o intendente é responsável por esse bem-estar. Acima deles todos há os chefes de escola que é o coordenador daquelas construções naquela comunidade. É ele que tem o laço com todos os staffs, com todos os voluntários e com todas as famílias. Foram esses chefes de escola que designaram as famílias para a construção, baseando-se nos inquéritos e numa entrevista. São eles então que conduzem a construção com um todo.

Acima deles temos um trio de líderes das construções em todas as comunidades. São eles que lideram os líderes que lideram cada comunidade. São como que os líderes dos líderes. E depois tem eu, como diretor responsável por tudo.

MQ - Portanto é então na Construção que se estabelece o laço entre a comunidade e os voluntários?

NGO - Sim. Com os chefes de escola existe uma ligação prévia, antes da construção em si. Os chefes de escola são convocados dois a três meses antes, então tem uma triagem detalhada, tem uma conversa com vários moradores da comunidade. Se a gente quer escolher cinco a gente começa com vinte. Depois das famílias serem designadas tem um mês de acompanhamento antes da construção, só com as famílias. E o laço mais forte é entre os chefes de escola e moradores.

Depois temos a própria construção em si. E na construção é onde vai a grande massa dos voluntários, e na construção da casa criam sim, um outro laço. Você tira do chão e levanta uma casa e nessa construção, tanto para o voluntário como para o morador é uma experiência única.

Seja o voluntário de primeira viagem ou de trabalho mais amadurecido. É um coisa incrível você ter a oportunidade de construir uma casa para alguém e ter essa alegria dentro de você. Nessa transformação e nesse contacto com pessoas que vivem em situações tão distintas tem muita troca, muita troca. Então é realmente um trabalho incrível.

MQ - Como é que a Teto chegou ao desenho das casas de emergência? Provavelmente as casas em toda a América Latina não são iguais. Como foi encontrado o desenho? Há arquitetos e engenheiros envolvidos?

NGO - A casa sofreu muitos upgrades. Dentro das muitas áreas do Teto não só temos a área da Construção como também tem a área da Estrutura. A gente tem uma área de pesquisa do desenvolvimento do nosso produto, a casa. Então temos pessoas olhando para isso, sempre buscando o desenvolvimento da nossa casa. Atualmente a gente está com questões da adaptação da própria moradia. Por exemplo, a mesma casa que se constrói aqui no Rio não pode ser a mesma casa que a gente constrói lá no sul, no Paranaguá, porque é mais frio. A nossa casa aqui é bem mais ventilada. Então nós adaptamos o nosso próprio modelo Brasil aqui dentro. As casas, em geral, em todos os países são muito parecidas mas todas tem adaptações.

MQ - E qual é normalmente a durabilidade das casas?

NGO - De cinco a dez anos, de sete a dez anos. Dependo muito das pessoas que a utilizam.

MQ - Depois da finalização do projeto há acompanhamento por parte da Teto, isto é, há manutenção?

NGO - A gente no final da construção dá um mês para os moradores dizerem se têm problemas com as casas. Se houver, porque às vezes há alguém que construiu de forma errada, a gente faz o reparo. A gente faz o ajuste da construção e capacita os próprios moradores a repararem a sua própria casa.

A partir daí é com eles. Mas de lembrar que há equipas em co-

comunidades que vão lá todo o final de semana independentemente se tem construção ou não, buscando envolver os outros projetos comunitários.

MQ - Na sua maioria você falou de projetos de habitação. Mas e por exemplo projetos de espaço público, é uma necessidade dentro das comunidades? Como se processa?

NGO - A gente chega nas comunidades, faz os inquéritos e constrói casas. Depois as equipas das comunidades são geradas e começam tendo um trabalho contínuo. Com os inquéritos de toda a comunidade a gente faz um relatório chamado Relatório Objetivo e a gente consegue avaliar não só uma família mas a comunidade inteira em questões financeiras, questões de moradia, questões de saúde. A partir daí temos um panorama geral da comunidade. Com esse relatório pronto a gente faz uma segunda assembleia com os moradores e pergunta para eles “O que a comunidade de vocês precisa?” A gente não chega impondo alguma coisa apesar de ter o relatório aqui na mão. A gente pergunta o que é que eles precisam e o que acham que é importante dar prioridade nas necessidades deles na comunidade. A partir daí há uma dinâmica, são divididos em grupos, todas as ideias são colocadas num mural e depois são priorizadas. E a partir da priorização dessas ideias, das suas necessidades, a gente apresenta para eles o relatório. E com base no que eles disseram e no relatório há alguns ajustes. Essa priorização depois pode ser de três a cinco ideias. É a partir dessas ideias que surgem os projetos. A partir das demandas comunitárias surgem os projetos.

Então já tivemos projetos de elaboração de fossas ecológicas. E fazemos parcerias. A gente é o Teto e somos expertises em construção de moradia e mobilização comunitária. A gente não é expertises em saneamento, projeto de saúde, desporto, mas a gente consegue trabalhar em rede. Por exemplo, houve a demanda comunitária que falou em saneamento básico, então a gente tinha uma voluntária do Teto de São Paulo, que trabalhava numa ONG que construía fossas ecológicas. Então fizemos a ponte com a ONG e eles construíram as fossas ecológicas nas casas do Teto. O segundo exemplo, uma comunidade aqui no Rio de Janeiro, fez as demandas em projetos de saúde para um atendimento médico para as pessoas que viviam em situação de pobreza. Então, conhecemos uma empresa social chamada Amigos da Saúde. Com essa

empresa fizemos uma parceria, e nessa parceria a gente fez uma adaptação do trabalho deles que era só levar atendimento para o nosso modelo de trabalho também. A gente faria inquéritos focados em saúde e uma vertente educacional. Depois foi feito um cronograma e todos os meses vai um voluntário e um enfermeiro levar atendimento básico para os moradores da comunidade. Depois a gente faz palestras. Já fizemos palestras sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis e agora esse mês que vem a gente vai fazer sobre o Zika.

No fundo, se a gente tem competências a gente faz, senão trabalhamos em rede. Ainda estamos num nível muito principiante temos muito que crescer ainda, mas já temos projetos em andamento na comunidade.

MQ - Além das parcerias, como é que arranjam dinheiro?

NGO - Quatro formas. Primeiro das outras pessoas, ou seja, gente com gente. Depois é com empresas, com construção cooperativa e tudo mais. Temos um programa de doação chamado Amigos do Teto, que são doações mensais para o Teto. A partir de R\$30/mês você pode fazer parte desse grupo de doação. O último é o evento mais importante chamado Coleta. É aí a nossa maior participação voluntária. A gente leva os jovens até as esquinas e com os nossos cofres a gente arrecada os recursos para os projetos sociais. Essas quatro são as nossas principais fontes de renda.

MQ - Quais são os pontos fracos da Teto e como poderiam ser melhorados?

NGO - Tem muitos. Eu acredito que a gente ainda faça as coisas de um jeito muito amador, e eu acho que temos de ir para um patamar mais profissional, de trabalho. Apesar de termos um bom impacto como resultado, eu acredito que dá para elevar as coisas a um nível mais profissional. Temos de melhorar também tanto o voluntário fixo como o voluntário pontual. A gente consegue mobilizar muita gente, mas a gente tem que ter uma gestão melhor desses voluntários.

O modelo de trabalho que a gente tem é muito bom mesmo e a própria estrutura do Teto também é muito boa. A gente tem uma boa

estrutura, só temos de otimizar os processos, mas a base é boa, tanto teórica quanto estrutural e organizacional. Então para mim o que a gente precisa de fazer é justamente otimizar os processos e levar as coisas para um patamar mais profissional e melhorar a gestão dos voluntários. E claro a captação do recursos, porque a gente precisa muitos. Não produzimos. Não somos uma fábrica que vende.

MQ - João, você é hoje diretor da Teto no Rio de Janeiro, como você chegou até aqui e qual foi o episódio mais marcante da sua história na Teto?

NGO - O Teto chegou aqui em Abril de 2013, como organização e logo no final de Julho, início de Agosto, chegou a primeira construção, em Jardim Gramacho. Uma colega minha que participou dessa construção me convidou para conhecer o Teto. Eu fui a uma atividade de inquéritos. Essa atividade é muito específica onde você conhece a história do morador. Você conhece o porquê de estar ali, de onde ele veio, para onde ele vai, e a história dele. E ir a Jardim Gramacho, e ver aquela situação de extrema pobreza foi algo muito impactante, e que me motivou muito. Em Outubro ia acontecer uma nova construção e eu queria muito participar dela. E a construção é algo incrível. Você tem a oportunidade de construir algo, uma casa, para alguém, é algo muito simbólico porque a casa é a base da família. E você contribuir com isso e você levar essa alegria, não só para você como também para a família porque tal como disse é uma coisa dupla. E uma simples construção de uma casa é uma construção muito forte pessoal. Eu lembro da primeira construção, com se fosse hoje, a alegria no olhar do morador quando a gente terminou de construir a casa. É uma alegria assim bem robusta. E a partir daí comecei a me envolver mais e mais com o Teto. Pouco tempo depois me tornei voluntário fixo do escritório. Estava na área das universidades, em que eu tinha de ir até elas falar do Teto, representar o Teto, ser o Teto para aquelas pessoas e ser a imagem do Teto. Em paralelo iam acontecendo as construções, então você vai crescendo, e passando por vários cargos, e fui aprendendo muito como profissional, como ser humano, como voluntário. E é a partir dessa aprendizagem e dessa paixão pela causa, pela organização, pelas pessoas que trabalham na organização, por tudo. Ser voluntário do Teto não é fácil mas tem consequências muito positivas. Não sei se consequência é a melhor palavra mas as reações que você gera por ser voluntário são desejáveis. A partir disso tudo eu comecei a desejar assumir o posto onde eu estou hoje. E assim foi.